

PSYCHÉ

QUATRO ABORDAGENS EM PSICOTERAPIA

- Sociedade Brasileira de Psicanálise
- Biblioteca Freudiana Brasileira
- Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica
- Sociedade Psicodrama e Sociodrama de S. Paulo

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA — 6ª REGIÃO



GESTÃO
MOVIMENTO

Psyché **Quatro** **Abordagens** **em** **Psicoterapia**

1 Sociedade
Brasileira de
Psicanálise
Antonio Sapienza

2 Biblioteca
Freudiana
Brasileira
Jorge Forbes

3 Sociedade
Brasileira de
Psicologia
Analítica
*Nairo de Souza
Vargas*

4 Sociedade de
Psicodrama e
Sociodrama de
S.Paulo
*Antonio Gonçalves
dos Santos*

Psyché

Quatro Abordagens em Psicoterapia

Psyché

Quatro Abordagens em
Psicoterapia

Sociedade Brasileira de Psicologia

Biblioteca Freudiana Brasileira

Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica

Sociedade de Psicanálise e Sociograma

de S. Paulo

Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região

Psyché

Quatro Abordagens em Psicoterapia

Sociedade Brasileira de Psicanálise
Biblioteca Freudiana Brasileira
Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica
Sociedade de Psicodrama e Sociodrama
de S. Paulo

Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região

© desta edição: OBORÉ EDITORIAL LTDA

OBORÉ Editorial Ltda.

Rua Vergueiro 727 – 7º andar – São Paulo/SP – CEP 01504 Fones: (011) 278.6100 – Telex: 1132006 – Fax: (011) 277.2749

Coordenação Editorial: Célia Rogalski

Projeto Gráfico: OBORÉ

Copidesque: Andréa Mello

Produção gráfica: Estér Maria Ramos Vargas

Revisão: Vladimir F. Lira, Debora Cristina Ribeiro, Renata Jetto de Mello, Sebastião Victor Vargas e Tiago Egger M. D. Estrada

Capa: C & D Produções

Permitida a reprodução de trechos da obra, desde que citada a fonte. Solicita-se envio de exemplar ou cópia comprobatória ao editor.

CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Conselho Regional de Psicologia – 6ª Região

C 756 Psyché: Quatro Abordagens em Psicoterapia / Organização
Conselho Regional de Psicologia – 6ª Região – São Paulo: OBORÉ
Editorial, 1991

1. Psicoterapia. 2. Psicodrama. 3. Psicologia. 4. Freud. 5. Lacan.
6. Jung. I. Título. II. Título: Quatro Abordagens em Psicoterapia.

91 - 0594

CDD 615.851

CDU 815.851

SUMÁRIO

Psyché: Quatro Abordagens em Psicoterapia.....	7
Agradecimentos.....	9
Apresentação.....	11
Abertura do Evento.....	13
Sociedade de Psicodrama e Sociodrama de São Paulo	
Psicodrama – Antônio Gonçalves dos Santos.....	19
Biblioteca Freudiana Brasileira	
Psicanálise – Jorge Forbes.....	43
Sociedade Brasileira de Psicanálise	
Psicanálise: Três Propostas Metodológicas e Formação do Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise – Antonio Sapienza.....	75
Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica	
Psicologia Analítica: Uma Análise Junguiana – Nairo de Souza Vargas.....	111
Conselho Regional de Psicologia – 6ª Região	
Conselheiros, Comissões e Delegacias.....	153

Psyché

Quatro Abordagens em Psicoterapia

Este livro é o desdobramento de um ciclo de palestras realizado em agosto de 1990, no Centro Cultural São Paulo e que reuniu cerca de 600 pessoas.

Além das palestras, foram apresentados nesta ocasião os filmes: "Espaço Cotidiano", "No Reino das Mães" e "A Barca do Céu", da trilogia "Imagens do Inconsciente", dirigido por Leon Hirschmann. Outras atividades foram a exposição do vídeo "Psicologia, Imagens e Ações", produzido pelo CRP-06; e o lançamento da revista "Percurso" nº 04, do Instituto Sedes Sapientiae.

O evento foi planejado com o objetivo de levar ao público leigo informações sérias e fidedignas sobre o que é e para que serve a psicoterapia, enfim, as vantagens e os limites de cada técnica ou abordagem teórica. Abraçamos esta idéia devido à grande explosão de informações errôneas, muitas vezes enganosas, que a população vinha e, ainda hoje, vem recebendo através da mídia impressa e eletrônica.

Quatro entidades apoiaram nossa idéia e idealizaram estas palestras juntamente conosco.

O primeiro passo havia sido dado. Faltava-nos um local que se adequasse às nossas expectativas de levar a Psicologia ao conhecimento do grande público. Procuramos a Se-

cretaria Municipal de Cultura, que na pessoa da Secretária Marilena Chauí, nos indicou o Centro Cultural São Paulo, onde nossa idéia foi arduosamente abraçada por José Américo Pessanha, Diretor do Centro Cultural, e por Leda Tenório, Diretora dos Projetos de Literatura do Centro Cultural.

Neste trabalho que ora apresentamos, temos as palestras de Antonio Sapienza, analista-didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise; de Nairo de Souza Vargas, membro-fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica e de Jorge Forbes, psicanalista, Diretor da Biblioteca Freudiana Brasileira. O Psicodrama Público realizado pela Sociedade de Psicodrama e Sociodrama de São Paulo foi substituído pelo texto de Antonio Gonçalves, pois o psicodrama, após a sua transcrição, tornou-se praticamente incompreensível enquanto leitura, porque contemplou a vivência ao invés da palavra.

Procuramos preservar a forma de apresentação e a linguagem informal que caracterizou o evento, pois desejamos que Psyché (o livro) possa ser tão bem recebido pelo público leigo quanto Psyché (o evento) o foi. Pedimos a compreensão dos especialistas da área, mas este livro se destina a outro tipo de leitor. Destina-se ao público usuário ou possivelmente usuário dos serviços de psicoterapia, para que tenham parâmetros de qualidade e possam exigí-la dos profissionais que porventura venham a procurar.

Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região

Agradecimentos

*O Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região
agradece a todas as pessoas e entidades
que tornaram possível a realização desta obra.*

Apresentação

Ao acolher o encontro "Psyché - Quatro Abordagens em Psicoterapia", a origem da presente publicação, o Núcleo de Projetos Literários do Centro Cultural São Paulo quis apenas reiterar sua forma de trabalho, voltado para a criação e a crítica, na pluralidade das suas linhas, e também para as diferentes áreas das disciplinas humanas com que a esfera das letras divide necessariamente campos e interrogações, a começar pelos limites desse instrumento comum que é a linguagem.

Ao Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região, do qual partiu a iniciativa do encontro, interessava oferecer, colhida em fontes próprias, informação rigorosa sobre as "curas" pela palavra, contrapondo-se assim a toda vulgarização e respondendo a suspeições algo sensacionalistas, levantadas por vezes na mídia.

Mas esse cuidado do CRP-6 em reunir num mesmo fórum, aberto a um público mais amplo que os dos especialistas, "correntes" em terapia pareceu-nos oportuno também por marcar diferenças no conjunto das principais clínicas existentes, expondo suas práticas e dando a ver os pressupostos que as legitimam, vale dizer, no limite, e isto nos mobilizava sobretudo os discursos que as abrigam sob si.

LEDA TENÓRIO DA MOTTA
Centro Cultural São Paulo
Junho 1991

**Palestras realizadas no
Centro Cultural de São Paulo
de 20 a 30 de agosto de 1990**

Abertura

José Américo M. Pessanha

Diretor do Centro Cultural de São Paulo

"Boa noite, meu nome é José Américo Motta Pessanha, eu sou diretor do Centro Cultural São Paulo, e tenho a grande satisfação de dar as boas vindas a todos, em nome da professora Marilena Chauí, Secretária da Cultura, que infelizmente não pode estar aqui presente. Ela pediu-me que a representasse, em meu próprio nome e do colegiado do Centro Cultural, desejando que esse encontro seja exatamente aquilo a que ele se propõe, e que desde o começo nos encantou, ou seja, a possibilidade de uma reflexão sobre vários caminhos de abordagens, de aprofundamento e de terapia da psique humana. O Centro Cultural São Paulo, dentro da política atual da Secretaria Municipal de Cultura, não pretende ser apenas um espaço para as chamadas Belas Artes, embora tradicionalmente elas tenham todo o realce na Secretaria e no Centro Cultural. O entendimento que temos, nessa gestão, do que seja cultura, evidentemente não nos leva a fechar a questão cultural em que a questão artística seja um dos aspectos mais importantes do universo cultural. O que nós almejamos é, exatamente, que todas as linguagens, todas as linhas de pesquisa, todas as áreas de conhecimento possam ser acolhidas aqui neste Centro. Que ele seja exatamente

isso que está sendo esta noite, um espaço de convergência de questões, de reflexões, de indagações, de aprofundamentos e de encontro, e que por isso mesmo ele tenha uma vida rica, uma vida intensa, uma vida multifacetada.

Eu estou aqui muito interessado sobretudo em ouvir. Eu queria apenas dizer dessa nossa satisfação em receber a todos, e gostaria de imediatamente passar a palavras às pessoas que vão conduzir a sessão de hoje, porque estou certo, e a presença de tantas pessoas aqui mostra isso, há um interesse muito grande de todos, que estão ansiosos por expor as suas experiências, por ouvir as experiências alheias, por discutir os vários caminhos. Certamente todos nós vamos sair daqui mais instruídos, mais aclarados e com um conhecimento recíproco aprofundado. É só isso que eu desejo dizer e, ao mesmo tempo, fazer votos de que, durante todo período em que vai transcorrer esse seminário, o trabalho se desenrole com toda a força, com toda a vida, e que os resultados sejam os melhores possíveis.

Obrigado a todos pela presença. Estejam em casa."

Apresentação de Regina Maciel – presidente do CRP

"Boa noite a todos, meu nome é Regina Maciel, eu sou presidente do Conselho Regional de Psicologia – 6ª Região e, em nome do Conselho e de meus companheiros conselheiros, eu agradeço a presença de todos vocês aqui. Fico muito contente em ver a acolhida que esse evento teve. Nosso objetivo é expor quatro abordagens dentro da psicoterapia, para uma maior informação do público em geral. Durante esse evento, estaremos falando sobre o que é psicologia, o que ela faz, o que é psicoterapia e como ela funciona, para um público, que normalmente, não está consciente desse tipo de trabalho. O que nós queremos, na verdade, é mostrar o nosso trabalho, mostrar o que a Psicologia

pode fazer. Esse foi o nosso objetivo quando montamos esse evento, que se tornou possível com o apoio do Centro Cultural. Fico muito contente em ver a quantidade de pessoas que estão aqui hoje, e a acolhida que esse tipo de evento está tendo. O que nos interessa estar passando como informação é que a Psicologia está realmente embasada numa série de teorias, para que isso se diferencie de uma "onda". Quem leu a revista Veja dessa semana, por exemplo, viu que a matéria de capa fala da "onda do misticismo", e é preciso diferenciar o que nós fazemos do que é místico, que é uma outra esfera do conhecimento que não diz respeito à Psicologia. Então, um dos objetivos desse evento, também é informar o público a respeito do que é a Psicologia e como ela se diferencia dessas outras coisas. Eu acho que na cabeça das pessoas, em geral, está é a idéia da psicologia hermética, uma coisa de grupo, uma coisa bem fechada, quando na verdade o nosso trabalho deveria ser bem aberto e ser do conhecimento geral, porque eu acho que a Psicologia pode ajudar, ela tem muito a dar socialmente, e é isso que nos interessa. Eu agradeço a todos os presentes, e espero que realmente esse evento venha a cumprir seus objetivos. Eu vou passar a palavra à Leda Tenório Motta, que será a mediadora de hoje. Ela é crítica literária e diretora dos projetos de literatura do Centro Cultural de São Paulo. Obrigada."

Leda Tenório Motta – Mediadora

"Obrigada, eu pretendo ser bastante rápida. Enquanto moderadora da sessão desta noite, eu apenas gostaria de falar a vocês sobre alguns pontos de ordem prática, que são os seguintes:

Primeiro, se alguém quiser fumar, é possível que isso seja feito aqui, mas gostaríamos que as pessoas tentassem fazê-lo nas laterais, onde há cinzeiros à disposição e também para

que as pessoas ao lado não sejam molestadas.

Segundo, às pessoas que aqui entraram com crachás da biblioteca, pedimos que esses crachás sejam devolvidos na saída, para que eles possam ser reutilizados na sessão de quarta-feira. Lembro a vocês que haverá uma outra sessão, que dará seqüência a esse ciclo de debates. Na quarta-feira, o tema será o lacanismo. Vocês estão todos convidados para essa continuação do ciclo sobre caminhos em terapias. Terceiro ponto de informação: os livros que estão colocados aqui ao lado, no stand deste auditório, são livros que podem ser adquiridos pelas pessoas interessadas, e que abordam o tema dos debates da noite. No caso, hoje, a questão do psicodrama, nos seus mais amplos aspectos. Nós gostaríamos que vocês não confundissem o stand ao lado com o repertório da biblioteca, cujos livros não estão à disposição para venda. Último ponto de informação: nossos trabalhos terminam necessariamente às 22 horas, pois esse é o horário de fechamento da biblioteca. Em atenção aos funcionários que aqui trabalham, nós gostaríamos de contar com vocês todos para que os debates realmente se encerrem às 22 horas. Eu fui procurada, hoje à tarde, por pessoas que estão interessadas em organizar uma homenagem ao psiquiatra e antipsiquiatra Ronald Laing, cujo primeiro aniversário de morte ocorre no dia 23 de agosto. Então, eu tenho para vocês, também esse ponto de informação: as pessoas aqui presentes, interessadas em participar das homenagens que serão organizadas em torno desse aniversário, podem procurar o gabinete da vereadora Irede Cardoso, na Câmara Municipal.

**Sociedade de Psicodrama e
Sociodrama de São Paulo**

Psicodrama

Antônio Gonçalves dos Santos

Professor-Supervisor da Sociedade
de Psicodrama de São Paulo

*O Psicodrama é um método de ação profundo,
no qual o protagonista busca sua verdade acompanhado
pelo psicoterapeuta.*

Jacob Levy Moreno, nascido em Bucarest em 1889 e falecido em Nova Iorque em 1974 é o criador do Psicodrama (1921), da Psicoterapia de Grupo (1931) e da Sociometria (1932).

Moreno fundou suas criações em dois posicionamentos básicos:

- 1) a oposição dialética entre a espontaneidade do ser humano e a conserva cultural;
- 2) a contraposição dinâmica entre o grupo e o indivíduo.

No campo psicológico e psicoterapêutico, realizou a mudança dos métodos verbais para os de ação (onde o aspecto verbal é parte) e dos métodos individuais para os métodos de grupo.

Este texto substitui a transcrição do Psicodrama Público realizado pela SOPSP, pois este tornou-se praticamente incompreensível enquanto leitura, porque contemplou a vivência, ao invés da palavra.

Há dois grandes "períodos geográficos" em sua vida. Até os 36 anos viveu na Áustria; depois, até o falecimento com 85 anos, nos Estados Unidos. Pode-se definir quatro momentos criativos na vida e obra de Moreno:

1º) Religioso e Filosófico (até 1920);

2º) Teatral e Terapêutico (de 1921 a 1925), ambos no período europeu;

3º) Sociológico e Grupal (1925 a 1941) e, finalmente,

4º) Organização e Consolidação de sua obra (1942 até sua morte).

Dentro do período religioso-filosófico, temos as bases para o desenvolvimento da prática e teoria morenianas.

Em sua juventude, Moreno participou do grupo de jovens andarilhos e fundou, com eles a Religião do Encontro. A solidariedade e ajuda mútua se estendia para além do grupo, o qual, em suas caminhadas, ajudava, dava carinho e atenção às pessoas tristes e solitárias, além de cantarem e dançarem. Nesta época ele escreveu o poema "Convite ao Encontro", futuro lema do Psicodrama.

Este mesmo grupo fundou o seinismo (ciência do ser), buscando viver na ação a sinceridade e autenticidade da verdade subjetiva. Entre seus princípios teóricos, encontramos a noção de instante como categoria em si e de espontaneidade e criatividade, entendidas como elementos universais da conduta humana.

Em 1920, Moreno publica anonimamente o "Testamento do Pai", obra teológico-filosófica escrita na primeira pessoa do singular, exaltando o Deus Criador, que faz e cuida. O homem visto do ponto de vista cósmico, também é tema do poema.

Sempre voltado à participação na comunidade, de forma inovadora, ele estimulou as crianças a fazerem jogos de improviso a partir dos contos de fada, jogos estes que aconteciam nos jardins de Viena. Realizou "jogos de escolha" entre filhos e pais para que os primeiros conversassem e passeas-

sem com seus pais escolhidos. Apesar das admoestações da polícia, foi convidado pelas famílias para fundar o Teatro das Crianças. Neste encenou os Feitos de Zaratrusta no qual, da platéia, intervia para testar a espontaneidade dos atores. Moreno também trabalhou no bairro boêmio com as prostitutas, estimulando-as a falarem de suas vidas sem qualquer intervenção moral ou médica. Aqui, utilizou futuras técnicas de psicoterapia de grupo.

Ainda como estudante de medicina, trabalhou durante a Primeira Guerra Mundial em um campo de refugiados do Tirol, onde utilizou critérios de escolha com base em atração e rejeição para agrupar os internados e formar grupos operativos.

Em 1917, formado em medicina, colaborou na revista "Daimon", da qual foi diretor durante dois anos. O conteúdo básico desta publicação era o existencialismo e o expressionismo. Nela colaboravam Max Scheler, Martin Buber, Franz Kafka, entre outros.

O Psicodrama foi oficialmente criado no dia 1º de abril de 1921, no Komödien Haus de Viena, como um ato político: o tema era a busca de uma nova ordem na sociedade austríaca. Moreno ofereceu uma cadeira real, com cetro e coroa, aos expectadores para que experimentassem o papel de rei, cabendo à platéia a função de júri. Ninguém foi aprovado.

O chamado "Teatro Terapêutico" foi criado em 1923, tendo como antecedente o "Teatro da Espontaneidade" fundado em Viena, em 1921. Neste último, a improvisação era a base: obra, ação, tema, atores são improvisados; o palco era circular e aberto; não havendo dramaturgo nem texto escrito, a platéia participava diretamente; as cenas se passavam "no aqui e agora". A grande mudança em relação ao teatro de então é que o ator em ação torna-se autor de sua história, transformando-a.

Nesta mesma época cria o *Jornal Vivo ou Dramatizado*,

onde as manchetes eram espontaneamente representadas no palco.

Mas, é com o caso *Bárbara-George*, no "Teatro da Espontaneidade", que Moreno descobre o tratamento psicoterápico embasado na vivência de papéis e na expressão da espontaneidade-criatividade, tendo a ação dramática como método.

O drama, conflito, é tratado, inicialmente, com a participação de um ator/ego auxiliar que contracenava com Bárbara, possibilitando que ela viva seus aspectos agressivos, estúpidos e vulgares, dos quais George se queixara a Moreno. A representação de situações conflitivas provoca a cartase (purificação, iluminação) que leva Bárbara a superar suas dificuldades. A seguir, o casal é convidado a representar a vida conjugal no palco. Depois, são atendidos a sós por Moreno. O "Teatro Terapêutico" surge com a "psicoterapia do casal", em 1923. Nasce, de fato, o Psicodrama.

Após emigrar para os Estados Unidos, em 1925, Jacob Levy Moreno faz a primeira apresentação do Psicodrama fora da Europa, em 1928. A partir de 1929, dirige sessões no Carnegie Hall e Civic Repertory Theatre. Em 1931, introduz o termo *Psicoterapia de Grupo* e publica a revista "Impromptu", a primeira sobre este tema.

Em 1932, J. L. Moreno trabalha com delinqüentes juvenis em uma escola de reeducação, em Hudson, Nova Iorque, dedicando-se à investigação e mensuração das relações inter-pessoais. Impregnado do pensamento fenomenológico-existencial europeu e lançado no pragmatismo americano, Moreno cria a Sociometria (ciência e método de diagnóstico e tratamento dos grupos).

Em 1936, ele se muda para Beacon Hill, pequena comunidade próxima a Nova Iorque, onde constrói o primeiro teatro de psicodrama. Na Beacon House, há internação e tratamento para clientes psicóticos, com sessões diárias de

psicoterapia psicodramática e também a realização de sessões de psicodrama público até 1982 (por seus seguidores). Na cidade de Nova Iorque, também durante muitos anos, Moreno realizou sessões semanais de *Psicodrama Público*.

Beacon é o primeiro centro de formação de psicodramatistas. Para lá afluíram profissionais de diversas partes do mundo, tornando-o um grande "locus" difusor desta criação moreniana.

A última fase da vida e obra de Moreno se fixa na estruturação e validação de sua doutrina, de acordo com padrões acadêmicos, bem como a expansão e desenvolvimento da formação de psicodramatistas em todo o mundo. Nesta etapa, ele funda o Instituto Moreno (1942), desenvolve trabalhos nas Universidades de Colúmbia e Nova Iorque e cria a Sociedade Americana de Psicoterapia de Grupo e Psicodrama (1942) e o Departamento de Psicoterapia de Grupo da Sociedade Psiquiátrica Americana (1951). Importantes obras foram publicadas nesta fase: "Psicodrama" (1946), "Sociometry, Experimental Method and Science of Society" (1951), "Psicoterapia de Grupo e Psicodrama" (1959) e "Fundamentos de Psicodrama" (1959). São reeditados o "Who Shall Survive" (1932) e "Teatro da Espontaneidade" (1923).

Nestas obras, de primeira edição, o autor objetiva fundamentar e articular suas criações com o método fenomenológico-existencial e, por vezes, até se aproximar de colocações peculiares à psicanálise.

Jacob Levy Moreno faleceu em Beacon, em 1974, aos 85 anos. Na sua sepultura, a seu pedido, lê-se as seguintes palavras: ***"Aqui jaz aquele que abriu as portas da psiquiatria para a alegria"***.

O psicodrama inicia-se institucionalmente no Brasil em 1968, com a vinda do psiquiatra e psicodramatista Jaime

Rojas-Bermudez, graduado pelo Instituto Moreno, que promove a formação das primeiras turmas de profissionais brasileiros no campo da psicoterapia psicodramática. Em dezembro de 1970, é criada a primeira instituição brasileira dedicada à formação e divulgação do psicodrama: a **Sociedade de Psicodrama de São Paulo**.

Nestes quase 25 anos de existência, a produção teórica brasileira tem se destacado ao lado de uma prática desafiadora no campo do atendimento psicodramático individual, o qual foi introduzido em 1975 por Dalmiro M. Bustos, também graduado pelo Instituto Moreno.

Hoje há no Brasil cerca de 2.000 psicodramatistas de diversas correntes, atuando em diferentes áreas psicoterápicas e em áreas "não-clínicas".

J. L. Moreno constrói e desenvolve, ao longo de sua obra, um conjunto de concepções centrado na noção de inter-relação. O eixo é o homem em relação.

A concepção de espontaneidade tem papel fundamental no recorte que realiza em busca do campo específico de seu objeto de reflexão e prática. O Homem moreniano é um agente espontâneo, criador e transformador, que se serve de sua qualidade na eterna luta com a conserva cultural. Outro contraponto sempre presente é a oposição dialética indivíduo-grupo, que encontra, em Moreno, a formulação profícua do átomo social como menor unidade da vida social. Assim o indivíduo não existe isoladamente, mas sempre como membro de um grupo, participante de um conjunto de relações que lhes são emocionalmente significativas no aqui e agora. A espontaneidade-criatividade, sua força de vida e transformação, são filosoficamente a predisposição condicionante, o catalisador e a substância de sua presença no mundo.

A subjetividade moreniana se põe como intersubjetividade, requerendo um conjunto de concepções, métodos e técnicas articuladas na radicalidade que lhe é própria: espontaneidade-criatividade.

A marca da vida humana é o drama, o conflito, o nó a ser desatado na vivência/revivência e superado pela prática psicodramática. Para tanto, o homem preso e limitado pelas conservas culturais (formas, valores, comportamentos estereotipados) mergulha no caminho dramático da busca de si mesmo, da sua verdade: recuperar a espontaneidade-criatividade no percurso dramático, desempenhando papéis em um contexto privilegiado e próprio - o "como se".

O psicodrama se insere nas atividades psicoterápicas que visam a favorecer o encontro do homem consigo mesmo enquanto sujeito de sua história imediata. Utiliza-se dos recursos do teatro: cenas, desempenho de papéis, recriação dos papéis, espaço cênico etc, para alcançar a unidade entre autor e ator, público e protagonista. A ação é um método, por excelência, que permite ao sujeito encontrar-se, recuperando a espontaneidade-criatividade, escrevendo e reescrevendo seu próprio roteiro dentro do contexto grupal.

O psicodrama se embasa, filosoficamente, na concepção de momento e encontro, ambos entendidos como categorias transformadoras, participantes de um mundo aberto e em mudança. O encontro é um convite à troca profunda entre duas pessoas. O momento é uma categoria vivencial, na qual o sujeito realiza o que lhe é essencial: a mudança e o novo.

A espontaneidade é o fator que permite ao homem lançar-se no espaço e no tempo enquanto corpo em ação, corpo comprometido e responsável, na busca da superação do vivido, recuperando o passado e transformando-o em função da situação atual.

Deste modo, o homem é livre na medida em que está de posse de sua própria essência, de sua natureza: a espontaneidade. A liberdade está, indissolúvelmente, ligada às respostas renovadoras ou transformadoras, à situação dada. A

conserva cultural, o estereótipo, a repetição são os objetos de contestação e de luta a serem superados pela ação criadora. O ato criador é o movimento de busca de instauração de uma nova realidade, sempre parcial, que supera e transcende a própria existência.

Moreno elaborou e desenvolveu a noção de encontro como base filosófica de toda a sua obra. Trata-se de um momento no qual se vive uma experiência especial de plena e mútua compreensão, situada fora do mundo que rodeia as pessoas envolvidas em uma vivência essencial do instante. Na sua forma teórico-prática, o encontro aparece na contraparte da noção de "tele", inversão de papéis entre duas pessoas, através da qual ambas se percebem corretamente. O fator "tele" é o potencial inerente à concepção moreniana do homem: colocar-se um no lugar do outro simultaneamente, sem cada um deixar de ser ele mesmo. A saúde é própria do homem, que na sociedade é, por vezes, atirado à doença. À "tele" se opõe o fenômeno da transferência: patologia do fator "tele", que leva ao sofrimento, à dor, ao isolamento e desencontro na vivência de um ou de diferentes papéis nos grupos e sociedade.

Assim, não operando o fator "tele" o afastamento entre as pessoas se impõe, impedindo a profunda experiência subjetiva da relação autêntica e inteira.

Do exposto acima, podemos conceituar que o psicodrama fundado nos princípios e concepções filosófico-teóricas é uma posição existencial frente ao mundo, uma posição de abertura ao novo, às mudanças do ser que se lança, vive e se supera na ação dramática. O psicodrama é também um método de ação, de desempenho de papéis no contexto privilegiado do "como se", onde se dramatiza a própria vida na busca de cada um se encontrar consigo mesmo, sendo simultaneamente o protagonista do grupo. Este encontro é a liberação da espontaneidade-criatividade indo além do sintoma, procurando a verdade

que emerge no "aqui e agora" do cenário dramático e da relação psicoterapêutica. Deste modo, mergulhar no drama é refazer vínculos e relações, é se transformar e apontar para a mudança do mundo relacional mais próximo do protagonista. Nessa caminhada emocional, revive-se cenas da vida indo até àquelas onde, em "estado nascente", matrizou-se, cunhou-se um personagem, um papel ou papéis alienando o protagonista. Ao psicoterapeuta psicodramatista cabe o privilégio de caminhar, lado a lado, pelos descaminhos da espontaneidade, facilitando a reparação emocional nas diferentes cenas de um passado aprisionador. O trabalho psicodramático implica refazer emocionalmente o passado, liberando a espontaneidade-criatividade encarceradas para recriar papéis, reformular relações e reestruturar os comportamentos cotidianos. O protagonista como sujeito de sua história reconstrói-se e passa a aprender consigo mesmo e com os vínculos afetivos.

Em suma, o psicodrama está fundado em uma posição filosófica; implica em uma postura frente à vida, às relações e aos grupos; compreende um conjunto de concepções teóricas; é um método específico de abordagem e tratamento; tem um corpo de recursos técnicos; e se pratica dentro de uma ética e de uma forma específica de interação cliente-terapeuta.

Até aqui, apresentamos o psicodrama destacando sua modalidade psicoterápica. No entanto, há uma vasta aplicação "não-clínica" do mesmo, dentro do campo da psicologia e de outras atividades profissionais.

Assim, na esfera de atuação da psicologia, temos o psicodrama aplicado à educação, na intervenção psicopedagógica. Na empresa, temos o trabalho psicodramático no recrutamento, seleção e treinamento de pessoal, em recursos humanos, lato sensu, e na intervenção psicossocial dentro da organização. O psicodrama é também um método de ação

para o desenvolvimento profissional do psicólogo que trabalha com comunidade.

No âmbito psicoterápico, o psicodrama atende toda uma gama de distúrbios emocionais, desde os mais brandos até as patologias graves, incluindo as psicoses. Do mesmo modo que outras formas de psicoterapia, é adequado ao atendimento individual e grupal, ainda que, originalmente, fosse esta última sua prática exclusiva.

A psicoterapia psico-dramática se aplica às crianças, adolescentes, adultos, famílias, casais, gestantes etc. A especificidade dessa prática impôs desafios particulares que conduzem a pesquisa contínua e à criação de recursos técnicos específicos, bem como à elaboração e desenvolvimento de formas de abordagem e teorização próprias.

Os programas de tratamento de adição às drogas tem incorporado postura e instrumentos técnicos do psicodrama. Há também experiências de grande duração e eficiência em enfermidades crônicas e doentes terminais, em especial câncer e AIDS.

No campo dos trabalhos de comunidade, lato sensu, aplica-se a intervenção sociodramática, uma metodologia moreniana específica, que lida com os conflitos sociais, culturais, políticos etc que mobilizam a população. Neste tipo de ação, o foco é o grupo e os valores e comportamentos no recorte grupal e/ou comunitário: o protagonista é o grupo. As temáticas são vivenciadas no cenário dramático para que cada um possa desempenhar os papéis dos agentes envolvidos (grupos, pessoas, cargos, instituições etc) de modo a iluminá-los e experienciá-los no campo da subjetividade. Após o vivencial, emerge objetivado sob a forma de direção, proposta, programa, aquilo o que é a verdade da comunidade no seu caminho de transformação e autonomia.

Vale assinalar, também, a crescente utilização do psico-

drama nas esferas educativas (metodologia de ensino, questões da aprendizagem, orientação vocacional etc), nas abordagens para assumir, desempenhar e criar os papéis profissionais — assistentes sociais, enfermeiros, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais etc e também em outras áreas como pesquisa, propaganda etc. Moreno utilizou, pioneiramente, os recursos sociométricos para treinamento e formação de equipes de oficiais, na Segunda Guerra Mundial, e também para o assentamento e distribuição de populações em novos conjuntos habitacionais, além das intervenções realizadas em penitenciárias.

O psicodrama foi desenvolvido por J. L. Moreno como metodologia de ação aplicada a atos terapêuticos ou às intervenções de curta duração. Com a expansão e fixação da teoria e prática morenianas em diversas áreas e países, o psicodrama assumiu também a modalidade de atendimento clínico-consultorial, primeiramente sob a forma grupal. Desta forma, desenvolveu-se o processo psicodramático de duração não definida, o que colocou uma série de novas questões, além de enriquecer procedimentos e reflexões já existentes.

Assim, na clínica aproximou-se regras de contrato entre clientes e terapeutas próximas de outras psicoterapias, ainda que mantendo características próprias fundamentais. Como, por exemplo, lidar com o pagamento e falta às sessões de modo próprio, pois não toma a transferência como eixo do tratamento.

No Brasil, uma grande mudança se iniciou com o atendimento psicoterápico individual (cliente, diretor e ego-auxiliar) e bipessoal (cliente e um terapeuta diretor). Esta nova área de intervenção, iniciada em 1975, possibilitou a criação de um grande número de técnicas e recursos (psicograma, psicoterapia da relação, psicodrama interno etc) e permitiu um enriquecimento das dis-

cussões em torno das articulações e especificidades do interp-síquico e do intra-psíquico: um debate hoje em pleno vigor.

Deste modo, a prática clínica atual é processual (individual ou grupal) e de psicoterapia breve (em especial, as chamadas vinculares: casal e família). Os elementos básicos que dão o denominador comum definem aqueles que praticam o psicodrama como tal a partir das reflexões e ações convergentes, às vezes com fundamentações e intervenções bastante diferenciadas.

O psicodrama, no que há de mais convergente, é método de tratamento centrado na ação, tendo como fundante o teatro. Os clientes desempenham papéis com o objetivo de se desvelarem, de se conhecerem e alterarem seus registros emocionais e seus comportamentos; enfim para se encontrarem transformados consigo mesmo. O roteiro para o desempenho dramático emerge do conflito vivenciado na situação de vida, na situação emocional do cliente. Não há "script" prévio. O ator e o autor se fundem na mesma pessoa, no "como se" do espaço cênico: personagens, sentimentos, aspectos da personalidade, partes do corpo, aqueles que desempenham papéis complementares etc, são objetivados (mostrados, colocados em ação) no palco, demarcado freqüentemente por um tapete. Os acontecimentos do cotidiano, as cenas do passado, os projetos e "desejos" do futuro, as alucinações, as cisões, os sonhos, as fantasias e as relações são vividas/revividas para serem "desdramatizadas", através do desempenho de papéis e contra-papéis, que se articulam em imagens e cenas do mundo interno, ou mesmo do mundo externo, do protagonista.

Faremos, agora, uma tentativa de apresentar os conteúdos fundamentais do trabalho psicodramático, com ênfase na sua modalidade grupal; mas, sem dúvida, a melhor forma de apresentação ainda é a de Moreno: a ação—

faça, aja!

O psicodrama necessita de cinco instrumentos, meios para que ocorra a metodologia e a utilização plena de seus recursos e técnicas:

1) o cenário ou espaço cênico, do "aqui e agora" do "como se", onde o tempo e o espaço são subjetivos e virtuais e se constroem e se reconstróem sobre a demarcação concreta do contexto dramático. O cenário é multidimensional e móvel, é o "locus" da ação psicodramática, onde papéis sociais são vividos e reconstruídos sob a forma de papéis psicodramáticos;

2) o protagonista: aquele que emerge para vivenciar a ação cênica, trazendo sua situação pessoal, mas tipificando os conflitos e tramas das relações do grupo. O emergente é a peça-chave e simboliza os sentimentos comuns que perpassam o grupo, o qual o referenda através das escolhas para ser o "lutador principal", o herói na trilha de sua saga;

3) o diretor: é o chamado terapeuta principal, que coordena a sessão. Ele acompanha o protagonista como seu fiel escudeiro nos embates para recuperar a espontaneidade-criatividade. Ele é o responsável pela facilitação da sessão, conduz o aquecimento grupal, reconhece o protagonista e o convida e o acompanha na dramatização, oferecendo alternativas de caminhos para escolha do mesmo e se servindo de recursos técnicos que possibilitem a dramatização. Dirige também o compartilhar. O diretor se posiciona sempre no lugar do protagonista e, simultaneamente, afasta-se para ter a visão de fora. Ele busca a visão global da trama protagônica e do seu desenrolar no continente grupal; também procura a visão de prospectiva, um olhar adiante nos possíveis caminhos a serem trilhados;

4) o ego-auxiliar: terapeuta que contracenava com o protagonista, sempre a partir do papel que lhe é atribuído pelo

cliente, expressando de dentro de sua vivência os sentimentos, sensações, gestos e fala do protagonista ou dos papéis complementares ao mesmo. O ego-auxiliar está sempre pronto para a ação na qual mergulha, integrando os seus recursos e técnicas que facilitam o desenrolar do drama. Antes de sua participação em cena e no aquecimento ele tem uma perspectiva do que ocorre, no momento, com o grupo e com cada cliente. O ego-auxiliar está sempre a serviço do protagonista, complementando-o ou se opondo a ele na ação cênica, articulando a comunicação do ocorrido na cena com o diretor. Ele é ator, terapeuta auxiliar do protagonista e observador social das micro-relações presentes no grupo. No psicodrama bipessoal, e, por vezes, no grupal, a função de ego-auxiliar é concentrada pelo diretor, o qual, na modalidade em grupo serve-se de egos-auxiliares do próprio grupo;

5) o público: é o conjunto dos demais participantes de uma sessão. Oferece-se no desempenho cênico dos papéis, compartilha e comenta ao fim da dramatização, é o suporte e a caixa de ressonância do protagonista, o qual o representa no "como se".

A sessão psicodramática compreende três fases: o aquecimento, a dramatização e o compartilhar.

O aquecimento é a etapa em que se dá a escolha do protagonista (indivíduo ou grupo) e a preparação para a dramatização. Ele se apresenta em duas subfases: aquecimento inespecífico e aquecimento específico. O aquecimento inespecífico é a preparação do grupo na busca de uma temática que expresse as tramas e dramas comuns e a emergência do protagonista que o represente. Busca-se qual será o fio condutor que levará o cliente a se encontrar consigo mesmo através dos outros. O aquecimento inespecífico pode ser verbal ou corporal. O aquecimento específico, uma vez definida a temática e o protagonista, temos o aquecimento deste para a dramatização.

A dramatização ou psicodramatização é a fase mais importante da sessão. Seu objetivo é reconstituir o vivido (mundo externo e interno), colocando em cena a subjetividade através dos papéis presentes no vivenciado, para levar o protagonista a se dar conta dos conflitos e buscar a resolução dramática dos mesmos. As cenas se encaminham para a superação e recriação, graças ao acesso à consciência, dos papéis rigidamente vividos e se abrem, por meio da expressão espontânea e criativa, para o encontro de uma nova forma de se relacionar com as situações conflitivas e com as pessoas nelas envolvidas. A dramatização deve propiciar ao protagonista um novo lugar e um novo papel na trama revelada, que o aprisionava e o fazia sofrer, levando-o à elucidação, ao encaminhamento ou resolução do conflito trazido. A intensidade e qualidade dramática do acontecer em cena envolve o público, desvelando e colocando cada um em frente aos sentimentos e emoções próprias de si mesmo e estimulando as cenas internas de cada um dos membros do público.

O compartilhar é a fase da participação terapêutica do grupo. Este retoma o que de seu foi vivido pelo protagonista e retribui a este tudo o que lhe possibilitou. Fala-se de si, das emoções experimentadas durante a ação cênica, estando dentro ou fora dela; trocam-se sentimentos e depoimentos vivenciais; dá-se testemunho em conjunto das dores e perplexidades, sofrimentos e mudanças, criações e repetições. Os comentários, por vezes, seguem-se ao compartilhar com a devolução do diretor e do ego-auxiliar, os quais comentam o ocorrido em cena juntamente com o público, articulando a dramatização com contexto social (relações cotidianas, sociais, familiares etc).

Quando se trata de grupos de aprendizagem tem-se mais duas fases: a elaboração e o processamento ou leitura do

processo acontecido. A elaboração é a rememoração do ocorrido com o protagonista e o entendimento do vivenciado, articulado ao seu processo terapêutico. O processamento ou leitura é um entendimento dos aspectos técnicos e da teoria da técnica da sessão e do processo do grupo e dos os participantes. O desenvolvimento das funções dos terapeutas é também objeto de reflexão e leitura, apontando-se outras seqüências de ação possíveis, bem como a utilização dos recursos técnicos.

Jacob Levy Moreno e seus seguidores criaram um sem número de recursos e técnicas psicodramáticas que são componentes indissolúveis da metodologia da ação. No entanto, no âmbito desta exposição, limitamo-nos a assinalar os elementos técnicos básicos: duplo, espelho, solilóquio, interpolação de resistência, troca de papéis, inversão de papéis.

Dada à natureza do público a que se destina este artigo, nós o centramos na psicoterapia psicodramática, optando por destacar no desenvolvimento do mesmo a modalidade grupal, ainda que hoje a maior parte do tempo de trabalho dos psicodramatistas brasileiros esteja dedicada ao atendimento bipessoal.

Acreditamos que, da mesma maneira que outras psicoterapias, os limites de sua utilização são dados por fatores diversos, nos quais fica difícil apontar uma limitação de sua própria natureza.

As dificuldades que podem limitar ou impossibilitar um tratamento cobrem uma gama variada, que vai do não engajamento do cliente, até as deficiências teóricas e técnicas do psicoterapeuta, passando pela maturidade do mesmo, pelo não estabelecimento de uma relação terapêutica colaboradora etc.

Deste modo, parece-nos mais produtivo lembrar que o psicodrama, que cada um dos psicodramatistas faz, é o psicodrama, mas é o seu psicodrama, o qual produz resultados

variados de tratamento na dependência dos fatores acima apontados. A indicação ampla do psicodrama se deve ao recurso da ação na busca do reencontro com o homem espontâneo e criativo e, portanto, um ser capaz de agir como personagem transformador da realidade e capaz de regular a sua história imediata.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- AGUIAR, MOYSES. *Teatro da anarquia: um resgate do psicodrama*. Campinas, Ed. Papirus, 1988.
- ALMEIDA, WILSON C. *Moreno: encontro existencial com as psicoterapias*. São Paulo, Ed. Agora, 1991.
- FONSECA, F^º., J. S. *Psicodrama da loucura*. São Paulo, Ed. Agora, 1974.
- BUSTOS, D. M. *El psicodrama*. Buenos Aires, Ed. Plus Ultra, 1974.
- BUSTOS, D. M. *Psicoterapia psicodramática*. Buenos Aires, Ed. Paidós, 1975.
- GONÇALVES, CAMILA E OUTROS. *Lições de psicodrama*. São Paulo, Ed. Agora, 1988.
- MARTIN, E. GARRIDO. *J. L. Moreno: psicologia do encontro*. São Paulo, Ed. Duas Cidades, 1984.
- MORENO, J. L. *Fundamentos do psicodrama*. São Paulo, Ed. Summus, 1983.
- MORENO, J. L. *Psicodrama*. 2^a ed. São Paulo, Ed. Cultrix, 1987.
- MORENO, J. L. *Psicodrama de crianças*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1975.

BIBLIOGRAFIA AVANÇADA

- AGUIAR, MOYSES. *O teatro terapêutico*. Campinas, Ed. Papirus, 1990.
- ALMEIDA, WILSON C. *Psicoterapia aberta: formas de encontro*. São Paulo, Ed. Agora, 1988.
- BUSTOS, D. M. *Nuevos rumbos en psicodrama*. La Plata, Ed. Momento, 1985.
- GONÇALVES SANTOS, A. *O referencial sociométrico em psicodrama grupal e individual*. IV Encontro Internacional de Psicodrama, São Paulo, Mesa Redonda, 1991.

- GONÇALVES SANTOS, A. *Sobre a teoria da cena em psicodrama*. Encontro internacional de psicodrama, Barcelona, Mesa Redonda, 1988.
- MORENO, J. L. *El teatro de la espontaneidad*. Buenos Aires, Ed. Vancú, 1977.
- MORENO, J. L. *Fundamentos de la sociometria*. 2ª ed. Buenos Aires, Ed. Paidós, 1972.
- MORENO, J. L. *Psicoterapia de grupo y psicodrama*. México, Ed. Fundo Cultura Econômica, 1966.
- MORENO, J. L. *Sociometry, experimental method and science of Society*. Nova Iorque, Ed. Beacon House, 1951.
- NAFFAH NETO, A. *Psicodrama: descolonizando o imaginário*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1978.
- NAFFAH NETO, A. *Psicodramatizar*. São Paulo, Ed. Agora 1980.
- SOEIRO, A.C. *O Instinto de platéia*. Porto, Ed. Afundevenho, 1990.

SOCIEDADE DE PSICODRAMA DE SÃO PAULO

A Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP) é entidade pioneira na divulgação e formação do psicodrama no Brasil. Foi fundada em dezembro de 1970 por profissionais brasileiros, que fizeram parte do Grupo de Estudos de Psicodrama, organizado sob a orientação inicial de Jaime Rojas-Bermudez em 1968.

A SOPSP foi criada para promover, de modo autônomo, a institucionalização do psicodrama. Para tanto, organizou um corpo diretivo e de docência brasileiro, ministrando, até hoje, cursos de formação para mais de trezentos profissionais.

O curriculum tem a duração de quatro anos, com áreas de teoria, prática e vivência. Há obrigatoriedade de terapia durante o curso com psicodramatista, terapeuta de aluno.

Na área da prática, faz parte o atendimento a clientes no Instituto de Psicodrama, iniciando-se com a modalidade grupal e depois passando à individual. No curso, há supervisão curricular de três anos que dá acompanhamento e suporte ao aluno. Na parte vivencial, o aluno tem na instituição os sociodramas, vivências e ateliê de diretor e ego-auxiliar. A terapia do aluno é realizada durante todo o curso, perfazendo um mínimo de 240 horas.

A formação em psicoterapia psicodramática compreende além do exposto acima, a apresentação, ao final do curso, de trabalho de conclusão sob orientação específica de profissional credenciado e com avaliação de dois supervisores, além do orientador.

O Instituto de Psicodrama, parte integrante da SOPSP, presta serviços à comunidade nas áreas de adulto, infantil, adolescente, família, terceira idade, psicóticos e casal. Conta com serviços de triagem e de retaguarda psiquiátrica com cerca de 150 clientes atendidos em média.

A SOPSP promove cursos de aperfeiçoamento e divulgação em psicodrama e desenvolve ciclos de debates e palestras abertas ao público, semanalmente, centrados em temas da área psicoterápica e de atendimento à comunidade. Realiza também, para seus associados, jornadas internas e debates.

A área de trabalho sociodramático atua junto a movimentos sociais, entidades comunitárias e instituições diversas, participando de eventos na área de saúde mental e de problemas sociais.

No campo institucional, a SOPSP desempenhou um papel ativo e constante na formação da Federação Brasileira de Psicodrama, da qual é membro fundadora. Participa, através de seus associados, de Congressos e Encontros nacionais e internacionais na área de psicodrama e psicoterapia de grupo, bem como da divulgação e intercâmbio por meio de sua revista.

Na produção teórica, é reconhecida a elaboração e divulgação de textos, material didático e livros por parte de seus associados, bem como a produção de trabalhos de conclusão de curso e de credenciamento para terapeuta de aluno e professor-supervisor.

No âmbito da formação e expansão do psicodrama no Brasil, participou diretamente da implantação e desenvolvimento de outros centros em diferentes regiões.

A Sociedade de Psicodrama de São Paulo está sediada à Rua Dr. Seng, 235, Cep 01331, telefone 289.1766, Bela Vista, São Paulo, Capital.

Biblioteca Freudiana Brasileira

Psicanálise

Jorge Forbes

Solange Bertolotto Schneider - Este evento é uma organização conjunta do Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região e da Secretaria Municipal de Cultura. As entidades que estão proferindo as palestras, durante este ciclo, foram convidadas e estão nos apoiando. Este evento tem como objetivo informar ao público leigo como são as técnicas psicoterapêuticas, notadamente as quatro técnicas aqui apresentadas. Foram convidadas outras entidades e estão aqui presentes aquelas que se dispuseram a participar. Eu gostaria de apresentar Jorge Forbes, psicanalista de formação lacaniana, médico psiquiatra, coordenador do Grupo de Psicanálise e Conexões do Instituto de Estudos Avançados da USP, diretor da Biblioteca Freudiana Brasileira, conferencista convidado, entre outros, da Universidade de Padova, da Universidade de Lisboa, do Colégio Internacional de Filosofia de Paris e do Instituto do Campo Freudiano de Paris, autor de artigos e publicações, sendo que os mais recentes enfocam em especial as relações entre psicanálise e lógica e a teorização do final da análise. Como mediadora deste evento, eu apresento Inês Castilho, jornalista, secretária de redação do Shopping News e cineasta

Essa conferência foi estabelecida em texto por Cassia Maria Rumenos Guardado, sem revisão do autor.

realizadora do curta metragem "Histerias". Eu gostaria de informar que as questões devem ser encaminhadas à mesa, por escrito, e serão dirigidas a Jorge Forbes por Inês Castilho. Muito obrigada, eu vou passar a palavra à Inês Castilho que tem algumas observações a serem feitas.

Inês Castilho - Boa Noite. Eu também sou leiga, como vocês ou pelo menos a maioria do público. A minha função vai ser tentar traduzir aquilo que eu não entendi, que porventura Jorge Forbes tenha falado. A linguagem lacaniana é tida como uma linguagem difícil, e eu espero que Jorge Forbes possa esclarecê-la para nós. Eu, particularmente, estou aqui para tentar facilitar para vocês. Obrigada.

Jorge Forbes - Gostaria de agradecer a todos os membros do Conselho Regional de Psicologia, em especial a essa atual diretoria, e queria dizer do meu enorme prazer em acompanhar o trabalho que eles estão fazendo, tanto por este evento como pela preparação que este exigiu - seja nos seus artigos, seja em seu jornal próprio, seja na convocação da imprensa, porque acredito que cumprir a sua função desta forma, trazendo à público o que nós fazemos, talvez seja uma importante função deste Conselho, e só ele mesmo poderia arrematar as diferenças que nós vamos ouvir e debater durante esta semana. Muito obrigado pelo convite e mais uma vez parabéns por todo esse trabalho que vocês estão fazendo.

Eu pensei, seguindo a orientação da diretoria do Conselho Regional de Psicologia, em como responder às três perguntas que me foram colocadas. Primeira pergunta: O que é a psicanálise? Segunda: O que é esse tratamento? E terceira: o que é o psicanalista? São três questões bastante evidentes na sua formulação, não sei se tão evidentes na sua resposta. A segunda pergunta em especial - o tratamento - eu a subdividiria em três: a entrada no tratamento, sua realização e o seu final. O que faz, portanto, que nós tenhamos cinco pon-

tos a abordar: o que é psicanálise, como se entra numa análise, como se faz uma análise, como se sai de uma análise e quem suporta a direção de uma análise: o psicanalista.

Sei que tenho que falar com um público variado. Entendo que não seja tão leigo quanto foi dito. Parece-me que há uma população importante de estudantes de psicologia ou mesmo de psicólogos, psiquiatras ou analistas aqui presentes. Mas não importa, acho que esse exercício a que fomos convidados nesta noite, contrariamente à abertura feita, é o exercício de falar com o leigo. Portanto, eu peço desculpas aos colegas e aos especialistas presentes: o exercício será de falar com o leigo. Esse exercício que não foi estranho a Freud. Ao contrário, quando o câncer já o proibia de ditar suas conferências em público, ele as escreveu colocando sempre como interlocutor um leigo. Era a possibilidade de contar para um leigo a revolução com a qual ele, Freud, tinha se deparado e precisava dizer que ia absolutamente contra o bom senso. Como transmitir com as armas do bom senso, ou seja, com a fala do bom senso, algo que vai contra a própria lógica que nós utilizamos nessa transmissão? Se fosse para falar lacanês, talvez fosse simples, sintético, mas sem dúvida nenhuma, sobretudo em nosso contexto, incompreensível. Isso não quer dizer que para um público menor eu defenderia a idéia do lacanês. Acho que é a pior coisa que nós temos. É um defeito nosso. O lacanês não é nenhuma qualidade. Aliás, outro dia eu estava assistindo a uma conferência e uma estudante de psicologia estava perto de mim. Na mesa, havia uma pessoa que era muito boa e uma outra nem tanto, falando lacanês. Quando terminou a conferência, essa menina disse assim: "Olha: eu gostei muito da primeira conferência. Da segunda eu não sei se deu para gostar porque eu ainda tenho que estudar muito para compreender, mas foi linda!" Me deu uma pena terrível. Se ela soubesse que não havia nada, rigorosamente, para se com

preender!

- O que é a psicanálise?

Vou então convidar vocês para que me acompanhem numa viagem, para responder à primeira pergunta: O que é a psicanálise? E para que nós tenhamos um ponto em comum, centralizaria essa questão num fato, num encontro clínico. Num primeiro encontro, num primeiro momento de questionamento, onde surge o esboço da idéia fundadora da psicanálise. Esse momento é em novembro de 1882, quando Breuer, um famoso médico clínico vienense, conta para Freud um tratamento que tinha feito, que ia completamente contra as maneiras anteriores de tratar. Relatou o caso de uma moça muito bonita, de 21 anos de idade, que apresentava uma série de sintomas de mal-estar e paralisias localizadas nos seus membros, que variavam: um dia braço direito, outro dia perna esquerda etc. Essa pessoa tinha consultado Breuer buscando o "saber médico" que pudesse liberá-la desse sofrimento. Num dia muito importante, um dia marcante, um dia fundador, se passa o seguinte: quando Breuer vai aconselhar essa moça, que se chamava Bertha Pappenheim e ficou conhecida como Ana O., prescrevendo algum tipo de solução para o seu mal-estar, ela manda Breuer calar a boca. Ela o manda calar a boca de maneira incisiva: "Cale a boca! Deixe-me fazer o meu tratamento, deixe-me fazer a minha cura pela palavra". Esse é um momento fundador. E o é por quê? Pensemos hoje em dia, qualquer um de nós que, de repente, vai procurar um grande médico e expõe o seu sofrimento. Esse grande médico começa a prescrever o que deve ser feito, ou começa a intervir sobre aquilo que está sendo dito e esse paciente diz: "Não, doutor. Cale a boca e fique me escutando porque eu vou fazer a minha cura pela palavra". Eu duvido muito que qualquer grande médico nesse momento

calasse a boca. Breuer, no entanto, pôde calar a boca. Breuer pôde achar que não era loucura, no caso, da histé-rica propor que existisse um outro tratamento que não fosse aquele onde a solução residisse no saber médico. Onde a solução não residisse em um local de ignorância dado ao paciente; e em um local de saber dado ao agente da cura, o médico. A proposta de Ana O. não era uma inversão de papéis, no sentido de - cale a boca, você não sabe e eu sei - porque aí não teria nenhuma graça em especial. A proposta de Ana O. ia além do - cale a boca, você não sabe, cale a boca - eu é que sei. Quem sabe, para ela, é uma espe-cial maneira de falar, que depois ficou consagrada como as-sociação livre, ou seja, livre das pertinências do contexto, para que, falando de uma maneira livre em relação a este, eu possa me deparar com um saber até então não ouvido nem falado. Esta história fascina Freud, que resolve levar além a experiência de Breuer e começa a testar nos seus tra-tamentos essa nova forma de resolução dos sintomas, a as-sociação livre, a cura pela palavra.

Por que Freud foi tão sensível ao que Breuer contou? Re-lata Jones que um dos mais queridos livros de Freud era um que ele tinha ganho aos 14 anos, chamado "A Arte de se tor-nar um Escritor Original em Três Dias" de Ludwig Börne. Para se transformar num escritor original, "Aqui está a fórmula. Tome umas poucas folhas de papel e durante três dias consecutivos escreva nelas, sem mistificação ou hipocri-sia, qualquer coisa que vier à sua cabeça. Escreva sobre o que pensa de si mesmo, de suas mulheres, da guerra turca, de Goethe, do caso criminal Fonk, do Juízo Final, dos que se acham acima de você na hierarquia da autoridade - e quan-do se tiverem passado esses três dias você ficará espantado diante dos pensamentos originais e surpreendentes que saíram de sua mente. Esta é a arte de se tornar um escritor original em três dias".

Bem, Freud era sensível a esse tipo de questionamento e

leva isso às últimas conseqüências no momento do surgimento da psicanálise.

Falemos desses momentos. Num primeiro, ela surge como uma arma terapêutica da medicina. Estou falando isso provocativamente, porque acredito que, por mais leigos que nós aqui sejamos, nós sabemos que a psicanálise não é uma parte da medicina. Mas, num primeiro momento, a psicanálise, para Freud, é descrita como um novo método que vai auxiliar o tratamento das neuroses, das histerias, porque ela foi descoberta desta forma. Seria uma maneira mais eficiente, mais rápida, de alcançar o alívio do sofrimento. De certa maneira, a psicanálise fica como uma terapêutica médica até 1920. Por quê? Estou datando 1920, num momento, talvez, final para Freud de uma conceituação absolutamente revolucionária, que é o divisor da psicanálise a partir de então, e que é o conceito de instinto de morte. A conceituação do instinto de morte é algo discutido desde o início do século, mas que só em 1920 ganha estatuto de conceito, diferenciando a prática analítica da prática médica. Toda prática médica, necessariamente, é uma prática normativa. A prática médica não dá lugar à sustentação da particularidade do sujeito. Por exemplo, para um médico os ideais de saúde a serem atingidos são os ideais da norma. E norma é aquilo que faz lei, é aquilo que faz o coletivo da representação do bom ou do ruim para uma coletividade. O médico tem que pensar na adequação do seu paciente a essa norma que define os seus critérios de alta. E nós sabemos que os critérios de alta definem a existência de um tratamento. Ou seja, o objetivo de um tratamento médico não pode ser o mesmo de um tratamento psicanalítico. Com isso, eu, absolutamente, não quero dizer que a psicanálise não seja um tratamento. Quero sim dizer que a psicanálise é um tratamento, mas não aquele que se guia pelos objetivos universalizantes do tratamento médico. A psicanálise é um tratamento que tem como proposta a extrema dificuldade de saber o que do particular

de cada sujeito pode ter representatividade no coletivo. Bem, esse é um resumo rápido, conceitual, que ajuda a re-colocar os impasses clínicos encontrados por Freud no início de sua prática. Que tipos de impasse? Casos onde a pessoa devia estar muito bem e, no entanto, ela, inicialmente, está bem e depois fica mal de novo, ou, ainda, casos que não davam a resposta esperada. O que Freud, paulatinamente, vai descobrindo é que há alguma coisa nos falantes, que somos nós, que vai profundamente contra o bom senso. E que, por mais que as pessoas possam ver que suas vidas estão explicadas, sabidas, isso não é razão suficiente para que estejam felizes. Muito pelo contrário. Freud descobre, inclusive, que as pessoas podem encontrar a felicidade naquilo que, aparentemente, seria totalmente contra os padrões de felicidade. Descobre algo que vai denominar de masoquismo. Porque as pessoas podem estar "felizmente mal". - "Como é que você vai?" - "Felizmente muito mal, obrigado". Por quê? Como as pessoas poderiam estar tão contra os valores normais do bom senso? E, ao mesmo tempo, já num dos seus primeiros livros, um dos mais consagrados, de 1905, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud descobre a profunda variedade da satisfação humana, e que seria absolutamente impossível dizermos que uma pessoa é feliz ou se satisfaz desta ou daquela forma. Já desde então, Freud contesta valores de mais de dois mil anos da nossa civilização.

Antes, por exemplo, na filosofia clássica, segundo um bem aristotélico, o homem deveria ser capaz de obter certos bens, por certos princípios, onde ele seria feliz. No entanto, com a psicanálise, isso passa a ser um ideal impossível. Impossível porque todo ideal de felicidade ou todo ideal de normatividade é a possibilidade de eu poder representar, nomear, aquilo que eu quero. Poder representar aquilo que eu quero é encontrar no coletivo o lugar dessa minha satisfação. Definamos como coletivo, por exemplo, a língua que

nos coletiviza, que é o que faz com que nós, nesse momento, nos entendamos. Um primeiro ideal da psicanálise seria levar o saber àquelas coisas que eu não sei. De certa forma, é o que as pessoas pensam da psicanálise até hoje. "Vou fazer uma análise para poder saber tudo de mim". E pensam que terminam uma análise quando sabem tudo de si.

Isso é falso, porque há alguma coisa que é impossível de ser sabida. E isso é o crucial na história da psicanálise a meu ver, ou melhor dito, na visão de Lacan. Não estou fazendo outra coisa senão contar uma passagem das divergências entre os analistas. Não posso tudo saber porque há alguma coisa que é impossível de ser simbolizada. Por que estou falando disso? Porque falei em morte agora há pouco, dizendo que foi em 1920 que Freud conseguiu conceituar, finalmente, o que chamou pulsão de morte. Há alguma coisa rigorosamente impossível de ser simbolizada. Alguma coisa que é impossível de ser simbolizada, contrariamente ao que nosso bom senso diria. Não é uma coisa que não existe. Alguma coisa que não pode ser simbolizada, é alguma coisa de presença absoluta. Por que é alguma coisa de presença absoluta? Porque toda vez que eu simbolizo algo, eu "ausentifico" esse algo. Se eu digo cinzeiro, eu não preciso desse cinzeiro aqui. Se eu digo microfone, eu posso tirar o microfone. Ou seja, a palavra serve para simbolizar uma coisa na sua ausência, isso, dito de uma forma muito sumária. Mas, há algo sobre o qual todos os poetas, todos os cineastas falam - entre nós, por exemplo, Chico Buarque em "O que Será?" - que nunca tem nome nem nunca terá. Freud chama isso, em 1937 - frente a quê o final da análise deve vir como um rochedo duro de atravessar, a falta de um nome essencial, - de castração. A castração estrutural do homem. E, por isso, nós, homens da civilização, estamos nela - na civilização - mal. É *O mal estar na civilização*. Esse é o título de um dos clássicos li-

vros de Freud. Nós estamos mal na civilização porque nós não temos a resposta plena de alguma coisa que se faz sempre em presença, que se repete sempre em presença, sem nunca poder ter um nome. É esse ponto, que é descrito por Freud em 1920, e que é um divisor de águas na história da psicanálise, pois, a partir daí, há uma série de pós-freudianos que pensam que a pessoa não pode dizer tudo, porque há uma resistência. Surge, então, a teoria da resistência. A teoria da resistência do analisando – "eu não estou podendo dizer tudo" – é complementar à teoria da contra-transferência, ou seja, se ele não pode dizer tudo, então eu vou intuir por ele aquilo que ele não pode dizer e, dizendo a ele, como uma mãe faz com o filho – por isso essa posição materna do analista – eu favoreço a melhor elaboração daquilo que não é dito por ser arcaico, vergonhoso, primitivo para ser falado, transformando aquele não-dito num dito possível, e daí chegando a uma normalidade buscada. Essa não é a posição de Jacques Lacan. Quando Lacan propõe um retorno a Freud, é para lembrar que transformar esse indizível do homem num dizível é transformar a psicanálise num método de acomodação ao social. E mais, é perder o vigor e a virulência da descoberta freudiana do mal-estar na civilização, e que não é mal nós estarmos mal na civilização. Isso porque é o mal-estar na civilização que abre a porta ao sofrimento, à neurose, à perversão, à psicose, mas também abre a porta à criação. É nesse ponto que Lacan diz que não existe resistência do analisando. Se existe alguma resistência em análise, é do analista. Não está de acordo com a teoria da resistência. E seria anti-freudiano, seria ir contra a virulência da descoberta freudiana, passarmos por cima de 1920. A pulsão de morte é um divisor de águas das chamadas linhas psicanalíticas. Estou falando das linhas psicanalíticas, não estou falando de psicanálise e outras terapias. Não estou falando de Reich, nem de Jung ou psicodrama ou gestalt ou análise

transacional. Estou falando de psicanálise, intrapsicanálise. Muito bem, com isso, nesse momento, a partir de 1920, podemos dizer que a psicanálise diz mais a que veio, a psicanálise passa a ser não uma técnica médica de acomodação ou uma forma de abordagem mais rápida, como no começo ela foi pensada pelo próprio Freud - e os exemplos são inúmeros - mas ela passa a cuidar de algo muito específico do humano. Passa a cuidar daquilo que escapa a qualquer tipo de universalização, ou seja, *do desejo do homem*. Entendendo o desejo como essa absoluta particularidade que se recusa a ser universal e, no entanto, precisa de uma inscrição. Exemplo: existe maior expressão de particularidade que o quadro de um pintor? Não. No entanto, um quadro só passa a ser um quadro no momento em que alguém compra esse quadro. A arte só é válida quando ela é vendida. A arte só é válida quando outra pessoa pode encontrar alguma satisfação naquele local onde *aquele um* se satisfaz particularmente. A arte é a possibilidade de fazer um embrincamento, absolutamente especial, de um absoluto singular com um universal. Singular porque ali o artista se expressou, e universal porque o outro ali se viu. Isso normalmente não deveria ter ocorrido. Encontramos momentos que são sempre momentos. Nosso "grande filósofo" - Roberto Carlos Braga - chama isso de "detalhes". São esses detalhes que um canta e os outros podem sonhar junto.

A prática

Vamos então ver como é que isso ocorre na prática. Por ser a psicanálise tratamento do particular, não quer dizer que não se possa falar sobre a sua prática. Durante muito tempo, o não falar da prática da Psicanálise foi, talvez, uma tentativa de se contrapor às formalizações universais da medicina. E nisso não vai nenhuma crítica. Mas, parece

que a única resposta possível a essas formalizações médicas era a indefinição analítica. Acredito que Freud não merece esse tipo de tratamento nem seus seguidores. O fato de nós falarmos sobre o plano de uma cidade não quer dizer que nós proibamos o contato e o detalhe desta cidade. O fato de nós falarmos sobre os tempos de uma análise não quer dizer que nós estaremos universalizando ou catalogando as análises ou as pessoas que fazem análise. Podemos sim, e devemos, ter critérios muito claros e precisos do que se passa numa análise. Mesmo porque estamos fazendo uma prática onde os agentes terapêuticos somos nós. E nada mais pretensioso do que o falso discurso humilde do "ir vendo junto", transformando a psicanálise ou numa prática burra, ou falsamente humanista. Não estamos impedidos de falar dos critérios de uma análise. Entra-se numa análise, faz-se e se sai de uma análise.

Todo mundo aceita que se entre numa análise. Aliás, os analistas normalmente sabem muito sobre entrar em análise e sabem muito pouco sobre o sair de uma análise. As pessoas normalmente entram e nem sempre terminam uma análise. Muitas vezes a abandonam e abandonar não é a mesma coisa que terminar uma análise. Enfim, se entra, se faz e se termina uma análise. Vamos ver o que se pode falar sobre cada um desses três pontos.

A entrada em análise: retificação subjetiva

Por que uma pessoa procura uma análise? Quem procura uma análise? É claro que tem estudante de psicologia que procura uma análise dizendo que o faz porque o professor mandou. É falso, assim como a pessoa que diz: "Eu não tenho nada, eu só vim aqui para poder me expressar". É falso. Seja de que forma for, podemos perguntar: "Qual é a entrada certa em psicanálise? "Nenhuma". Todas são fal-

sas. Porque a única coisa certa de quem entra em análise é que *entra em análise quem sofre*. Mesmo aquela pessoa que diz: "Eu vim aqui porque eu sou feliz". As pessoas manifestam as queixas da mesma forma. E é verdade. Nós, neuróticos, não somos nada criativos na expressão do nosso mal-estar. A sociedade provê não só nossos locais de gozo como também provê nossos locais de mal-estar. Quando uma pessoa vai procurar um analista, a única coisa que ela sabe é que ela sofre. A expressão deste sofrimento se dará dentro daquilo que ela entende que o analista concebe como sendo um sofrimento, tal como faz na vida. Cada um de nós tem um sofrimento e busca expressar esse sofrimento através das expressões que a sociedade nos oferece. Temos um certo universo representativo dessas queixas: trabalho, família, amor, ascensão social. Não sei se seria capaz de enumerar mais de sete ou oito queixas. Eu diria que 99,9% das pessoas se queixam nesse universo. Até aí, não tem nada de rigorosamente particular no começo de uma análise. O começo, ou melhor, o encontro com o analista, porque o encontro com o analista não é o começo de uma análise. O encontro com o analista é simplesmente o encontro com uma pessoa que é reconhecida como aquele que dirige uma análise. O início de uma análise se dá quando a pessoa não se representa mais nesta ordem universal e surge, então, algo de uma significação, para ela, de absoluto particular. Exemplo: uma pessoa, uma moça, que veio do norte, procura uma análise (é verídico), porque tem vários namorados. Já casou, desquitou e perde os namorados no momento em que resolve se casar, ou viver junto. Ela não faz muita questão de estar casada – casada, mas viver junto, viver numa mesma casa, o que para ela – ela usa a palavra eu quero casar – não acontece. Ela procura a análise nessas condições. A análise vai caminhando num certo tipo de representação como acabei de dizer, nessas representações universais. Num belo momento, ela começa

a falar muito do seu pé. Chega numa sessão usando sandália. Está fascinada de estar de sandália e fica olhando os dedos dela soltos, dizendo que há muito tempo não saía assim. Fica em silêncio, esperando uma interpretação brilhante do seu analista, que não tinha nenhuma. E aí, por nada ouvir, resolve fazer a interpretação brilhante que esperava dele. "Eu acho que estou falando do meu pé, porque eu estou querendo pegar no seu pé, não é?" Ele responde: "Não é não". "Já sei, eu quero dançar com você". - "Também não é, também não serviu". - "Já sei, é porque aqui eu vejo o seu pé, que é a parte que mais vejo de você, seu pé, por isso eu estou falando do pé" disse, achando que estava na quintessência da interpretação, pois já estava muito mais elaborado. Mas, também não era. Enfim, abreviarei a seqüência da sessão para dizer que, de repente, ela se dá conta da seguinte história: "Ah! Engraçado... quando eu era menina, com mais ou menos treze anos, eu finalmente vim para São Paulo, pela primeira vez, para conhecer titia, que era irmã-gêmea de mamãe. Mamãe sempre falava dela, dizia que titia era incrível e eu, menina, ficava imaginando a titia, já gostava dela e nunca tinha visto a tal da titia, pois ela não podia sair de São Paulo. Eu não sabia porque titia não podia sair de São Paulo. Aí, finalmente, eu vim, e lá fomos nós para o interior de São Paulo conhecer titia. E aí, quando eu cheguei lá, é que descobri que titia era uma *Carmelita de pés descalços*". Ora, confesso em público e em bom som, que por mais criativo que um analista seja, nunca, na sua vida, se um paciente lhe dissesse - "Eu estou com o pé numa sandália", ele iria dizer - "Sua tia é carmelita!" - Não é possível: uma pergunta, portanto, se impõe: o fato de ter descoberto que tem tia carmelita quem anda de sandália resolve para os outros pacientes? É claro que não. Aí está uma das belezas da análise: o momento em que temos que ser Breuer, e calar a boca, ou seja, não falar besteira. Calar a boca e não dar respostas que qual-

quer almanaque pode dar. Esse momento, assim descrito, tem um nome técnico: "retificação subjetiva". Não mais me expresso a partir do universal, mas sim, faço uma retificação subjetiva da minha significação, não mais me queixo a partir desta cena comum, mas a partir de uma outra cena singular. O termo freudiano "*outra cena*" descreve o momento em que a pessoa que procurou a análise, por uma queixa universal, entra numa outra cena de absoluto particular. O momento de entrada em análise é aquele em que a análise prosseguirá naquilo que se pode saber. O que quer dizer que a pessoa constrói um sistema de referência, onde seu mal-estar ganha significação, como no caso relatado. Esse primeiro momento, poderíamos dizer, é um momento psicoterápico. E, é muito perigoso a pessoa interromper uma análise quando o alcança. Se essa moça do pé descalço tivesse interrompido a análise naquele momento, talvez tivesse podido se casar. É claro que antes não se casaria com ninguém, pois carmelita que se preza não se casa. Ela achava que podia ter aventuras, mas casar, de jeito nenhum. Então, o sintoma que a trouxe pode ser alterado, mas isso não quer dizer que estivesse analisada. A pessoa parando aí, vira o "chato de sábado à noite". São os ditos "analisados" que explicam tudo o que fazem a partir de uma árvore genealógica de sintomas - herdei tal coisa do meu pai, tal outra de vovó etc etc. O pior é que, habitualmente, não satisfeitos com as auto-explicações, em seguida investem, sobre o interlocutor que, de repente, tem que suportar os piores impropérios à guisa de auxílio esclarecedor. Esses são os mal analisados-padrão. Acho que um serviço de assistência social que os analistas poderiam prestar seria impedir que uma pessoa saísse de uma análise assim.

Passa-se por este momento que, aliás, é um momento de uma certa satisfação. O ruim é que sair da análise dizendo: "Agora eu sei de mim porque eu tenho uma tia carmelita e

mamãe queria que eu fosse igual à essa tia e, então, fiquei assim". Acho que o marido iria embora na hora em que ela quisesse casar, se contasse essa história. Já acabava o casamento novamente, a não ser que fosse um perverso louco por carmelitas. Portanto, isso não basta pois não resolve a questão elementar que é de uma pessoa não poder sair de uma análise, sem ter mudado sua posição frente ao *não saber*.

O percurso e o fim

Não se pode sair de uma análise com a garantia de um saber completo e absoluto. Tem-se que esgotar todas as possibilidades de saber a seu próprio respeito. Por isso, muitas vezes, uma análise é longa. Por isso, toda segunda-feira, por exemplo, é a grande defesa de tese do fim-de-semana. A pessoa chega ao analista e diz "Hoje eu sei de mim. Pensei esse fim-de-semana e cheguei à resolução que: 1) isso 2) aquilo 3) ... 4) ... e chegando ao item cinco, termina e espera o aplauso. O analista, então, que tem como função surpreender, não pactua com essa defesa de tese e irrompe em algum ponto. Surge uma nova questão, mais uma esperança de tese. - "Tudo bem, deixa comigo, que na próxima sessão eu resolvo". O neurótico, minha gente, procrastina. É bonito este termo, foi quase esquecido da língua portuguesa. O neurótico adia. O neurótico é alguém para quem sempre amanhã vai ser melhor. - "Hoje não sei, mas amanhã eu chego lá. Amanhã vai ser melhor". Tudo bem, faz uma sessão, duas, cinco, sete ... Brasil! O Brasil é fantástico (Amanhã vai ser melhor). Não. A análise tem que levar até um ponto, não àquele ao qual se chegaria nesse suposto amanhã, pois então, a análise seria uma ótima vendedora de ilusões, mas àquele ponto que Freud anunciou em título: *Futuro de uma Ilusão*.

A análise deve levar até aonde a pessoa saiba que, frente

à sua vida, não adianta mais procrastinar, porque nessa vida, há algo que ela pode saber e algo em que tem que apostar. A escolha, para nós, é, rigorosamente, necessária. A escolha é uma coisa que o neurótico detesta. La Boétie bem o demonstra no título de seu livro "*O discurso da servidão voluntária*", unindo esses dois termos: "servidão" e "voluntária". Não há nada mais voluntariamente servil que um neurótico. Talvez, dois neuróticos. Pois, voluntariamente, buscam mais a tranqüilidade de uma garantia do que o risco de uma aposta. O final de uma análise deve levar àquilo com que Freud se deparou e que lhe custou muito. Àquilo com que se deparou, em 1920, e que formalizou com o nome de instinto de morte. Nem tudo é dado ao homem saber. Há algo que se mantém como rigorosa e absoluta presença. É claro que Freud, um erudito, utiliza como exemplo desse algo "*Eneida*", de Virgílio, a história de Enéas. No momento em que Enéas chega ao Lácio, é jogada sobre ele uma maldição. A maldição era a peste, com a qual Freud alcunha a psicanálise, pois era o que a psicanálise trazia: a peste *alecta*. Na *Eneida*, peste é *alecta*. *Alecta*: a negação do léxico, aquilo que não se fala.

É um paradoxo fantástico da psicanálise! A grande terapia da palavra foi feita para mostrar um nó no homem, um nó no seu íntimo, que é infalável. Direi, para concluir sobre o final de análise - seguindo Lacan e sendo justo - que o nó do íntimo, que é infalável e é estranho a mim mesmo, melhor será chamá-lo *êxtimo*. O íntimo de mim mesmo é o meu absoluto *êxtimo*. E é sobre esse *êxtimo* que terei que dar melhores respostas que aquelas dadas antes de uma análise, com as garantias do sintoma. O sintoma é uma resposta garantida ao *êxtimo* transformando-o em íntimo. A criação é uma resposta que mantém o *êxtimo* como tal, e é por isso que, normalmente, os autores sabem que a obra sempre os ultrapassa. A análise não garante criar nenhum Picasso, ne-

nhum Salvador Dalí, nenhum Buñuel. Mas a posição básica, a posição não narcísica, a posição necessária para o ato criativo deve ser, a meu ver, aquilo que podemos esperar como resposta, como objetivo, como cura, numa análise.

O analista

O terceiro ponto: o que é um analista. Gostaria de também falar sobre a instituição da qual eu participo. Participo da Biblioteca Freudiana Brasileira e da Sociedade Psicanalítica de São Paulo, que é uma nova associação, fundada por pessoas que trabalharam durante dez anos na Biblioteca, e que resolveram criar uma associação em São Paulo, em 1988, sob os princípios ditados pelo ensinamento de Lacan, e que vão contra aqueles que foram utilizados antes para arregimentação, para associação e para formação do analista. Quanto ao analista, diria, basicamente, que este se forma - vou citar Freud - no "universitas literarum", na universidade das letras, na universidade do conhecimento humano. O analista não precisa ser médico, ou melhor, o analista não precisa ser só médico. Isso não quer dizer que não necessite ter o conhecimento das ciências médicas. Precisa ter os conhecimentos médicos, filosóficos, sociológicos, psicológicos, antropológicos, lógicos, matemáticos e mais alguns acrescentados aos psicanalíticos. Enfim, é necessário que esteja no confronto com as ditas ciências da conjectura, ciências que ajudam, pela sua confrontação, que o psicanalista se explique, teoricamente, na sua diferença com essas ciências. O analista se forma basicamente em uma análise, não porque numa análise aprenda como agir. Não. Isto seria levar a análise à identificação. O analista precisa de uma análise para poder, depois, se oferecer num amor absolutamente peculiar, que é o amor, dito, de transferência, cujo absoluto particular é o de não ser o amor do pacto. Para que o anali-

sando tenha a experiência analítica na sua radical particularidade, por uma vez na vida, ele tem que encontrar alguém, que não responda a ele com reciprocidade - "eu também, ... me aconteceu tal coisa assim assim ... - eu também". Isso é ótimo, o amigo faz isso, é formidável, é solidariedade, é companheirismo, mas também é cobertura do particular. É necessário também, que, por uma vez na vida, o analisando possa falar tudo o que quiser para alguém, sem se preocupar se está agredindo, ou, com o que está dizendo, se está amando, se está indo bem ou mal. Pois, tudo isso é muito difícil, por mais que alguém se esforce. Associar livremente é difícil. O analista pede isso no primeiro dia de análise, mas é quase impossível. Quando o analisando conseguir fazer a associação livre, já estará no final de análise. Por uma vez na vida, talvez, uma pessoa tem que encontrar alguém que não precise do pacto. Esse alguém é um analista, que não precisa do pacto, que tem um amor naquele momento, que não é o amor do companheirismo, que não é o amor da compreensão, que não é o amor do compartilhar. Pois, essa pessoa - o analista - não precisa dele - o analisando - para satisfação de nenhuma necessidade. É pelo fato de o analista não precisar do analisando para satisfação de nenhuma necessidade, é que este pode dizer frente a quais necessidades se explica. É porque o analista não faz pacto com nenhum tipo de significação, que ele pode ficar na posição do *impacto*, na posição surpreendente, que é, rigorosamente, necessária para que o analisando possa se analisar. É através do impacto, da surpresa posta por um analista que um analisando vai transformar o impacto num pacto. Ao fazê-lo, faz a sua análise, até chegar em seu impacto mais radical, que é o encontro dessa extimidade que é absolutamente inefável e frente à qual, terá que fazer uma opção distinta da opção anterior à análise, que era pelo sintoma. Ele tem que fazer uma opção outra, que seja sem garantia, mas que possa ser criativa. Pronto. Vamos às

questões?

Inês Castilho - Por favor, quem tiver questões, que encaminhe à mesa. Eu queria começar por uma pergunta. Forbes fala da retificação subjetiva, dizendo que a entrada em análise significa entrar numa outra cena. O que isso significa?

Jorge Forbes - Respondendo de uma outra maneira, eu diria o seguinte: - Ao falar em retificação subjetiva, a referência é que a pessoa, ao entrar em análise, deixa de se representar em suas queixas, nas maneiras habituais que até então fazia, e passa a ficar muito mais interessada em algo que ela não sabe, e que surge no momento do seu encontro com o analista. Como no exemplo citado. Essa pessoa, antes, tinha uma expressão comum social. Neste caso, ela tinha namorados, mas não conseguia se casar. Ou seja, essa pessoa se representa no dito contexto. Esse contexto social, embora sirva para comunicação, apaga a particularidade. É por isso que eu disse que 99% das pessoas, em suas queixas iniciais, fazem queixas que são comuns a outras pessoas. A pessoa frente a uma dificuldade procura a causa. No momento em que ela sai desta representação social geral e entra numa representação absoluta, particular, ela retificou as suas relações habituais de significação, ela retificou a sua posição subjetiva dentro das explicações nas quais ela se garante. A esse ponto de passagem, é que se dá o nome de retificação subjetiva. Poderia também dizer que é uma mudança de uma posição passiva de sofredor para uma posição de implicação no feitio do sofrimento.

Inês Castilho - Há uma série de perguntas aqui em torno de Lacan. A primeira delas se refere às diferenças entre os conceitos psicanalíticos lacanianos e freudianos. E há outras, especificamente, sobre Lacan - Como Lacan vê a sublimação? Até que ponto Lacan é freudiano? Para quem fala, escreve e desenha Lacan? Gostaria que o senhor se aprofundasse na

questão da resistência e a não concordância de Lacan. Lacan defende que é possível viver feliz, sabendo que a morte está presente a cada instante? (a pessoa que pergunta isso, diz que entendeu que a morte é o nó da vivência). Qual a posição de Lacan em relação a isso? Acho que é um bocado para você começar, não é?

Jorge Forbes - A primeira pergunta eu me esqueci porque eu já escrevi a resposta, mas não escrevi a pergunta.

Inês Castilho - Quais as diferenças entre os conceitos psicanalíticos lacanianos e freudianos?

Jorge Forbes - A resposta eu a penso em duas palavras que são: Aquilo que Freud postula, Lacan formula.

Quem descobriu a psicanálise foi um homem chamado Sigmund Freud, e quando o fundador, no seu ato inaugural, faz, descreve, descobre a psicanálise, ele faz, fala, escreve com o cabedal, com o conhecimento e com o vocabulário que ele traz de sua formação. E, ao fazê-lo, Freud às vezes dá a impressão de uma profunda facilidade. É muito engraçado, as pessoas dizem assim: Lacan não se pode ler na cama, para ler Lacan tem que se sentar, que pegar um lápis, que riscar, tem que voltar, tem que achar o problema, o discurso narrativo principal, o secundário. Percebe-se que uma frase não é conclusiva e a conclusão só está há quatro parágrafos. Lacan é assim. Freud, não. Freud é fácil, dizem. Eu diria que Freud é muito mais difícil que Lacan. Porque ao falar tão claramente e tão lindamente como fala - que além de pensar bem, é um gênio, é um gênio literário - Freud pode nos dar a impressão de uma intimidade com ele que deveria ser mais respeitosa. Com muita facilidade nós podemos pegar um texto freudiano e preenchê-lo com aquilo que nós queremos encontrar. Com muita dificuldade podemos fazer isso com o texto de Lacan. Acredito que realmente um dos grandes méritos de Lacan foi o de *formular o texto freudiano*. Ou seja, colocar os impasses, as questões, as dúvidas,

a utilização de termos de ciências posteriores à própria descoberta da psicanálise. Isto é, formulá-lo, articulá-lo numa leitura que possa fazer sentido com os conceitos fundamentais da psicanálise, a saber: o inconsciente, a transferência, a repetição e a pulsão. Me permito falar um pouco mais tecnicamente, tendo em vista as perguntas.

O conceito de sublimação para Lacan, eu o abordarei rapidamente. Vou só falar sobre a diferença do conceito de sublimação para Lacan e para os pós-freudianos. Sublimação ficou sendo entendida como o abandono da realização sexual. Eu diria que, em Lacan, a sublimação não é o abandono da realização sexual, mas, ao contrário, é a possibilidade da própria realização sexual. E nisso vai uma longa e enorme diferença. E, de certa forma, retomaria o termo sublimação, utilizado inicialmente por Freud, da química, onde a sublimação é a passagem de um estado a outro, pulando um. Por exemplo, a passagem do estado sólido para o estado gasoso, saltando o estado líquido. Toda sublimação pressupõe um salto. E a única possibilidade de realização sexual é saltar a sua garantia.

Se Lacan é freudiano? Acho que sim. Lacan é absolutamente freudiano. Lacan é freudiano, principalmente, no que toca à sustentação da descoberta freudiana e aos conceitos fundamentais da psicanálise. Lacan não é freudiano no sentido da vida de Freud, do mimetismo de Freud. Acredito que Lacan seja freudiano, como aquele que avisa da possibilidade de podermos transformar a psicanálise numa teoria de adaptação, o que temos que evitar.

Outra pergunta?

Falar um pouco mais sobre a resistência. Lacan é freudiano para aqueles que entendem que a psicanálise é subversiva, ou seja, que a psicanálise não deve ser utilizada, nem deve ser transformada, num método adequado à sociedade, como querem os americanos. Transformaram a psicanálise a serviço do "american way of life". Além disso, entenderam o

inconsciente como algo primitivo e caótico, que deveria ser adequado a algum sistema adulto e articulado.

Ao falar em resistência e morte, eu estava me referindo a esse ponto da discordância dos pós-freudianos. A referência é um texto de Lacan chamado "*Variantes do Tratamento Padrão*", em francês *Variants de la Cure Tipe*, que está nos Escritos. Essa questão da resistência tem a ver com a questão da morte. A frase, tal como me foi colocada é um pouco dramática: Viver feliz é estar com a morte presente. Aceito a formulação, mas eu teria medo dela, porque, para nós, não tecnicamente, o termo morte tem sempre uma visão melancólica, cadavérica, dramática. Referi-me à morte no sentido daquilo que não se liga, porque a contrapartida da morte, que seria como todos sabem, Eros ou libido, é aquilo que faz liga. Aquilo que faz liga é a palavra, uma palavra se liga com a outra. Morte é aquilo que não fazendo liga, seria presença absoluta. Presença absoluta daquilo que se mantém sempre enquanto tal. Que se repete. Como é que eu sei que se mantém? Porque se repete. É algo paradoxal. Se repete na diferença. Não estou falando que se repete na igualdade. Se repete na diferença. Tem sempre um algo que se diz, que anuncia que eu não sou. Por outro lado, é verdade que a morte física é o único momento em que a pessoa tem o saber completo. Quando se diz: - "aqui jaz José" - este é o único momento em que José é aquele corpo e aquele corpo é José; na morte como tal. Para quem Lacan fala e escreve. Lacan? Para resolver seus impasses com a psicanálise e para nós. Paradoxalmente, para nós. Alguns de vocês aqui já tiveram contato com textos de Lacan. Quanto à pessoa de Lacan, quando morreu? - Lacan morreu em 1981. Infelizmente, não muitos brasileiros tiveram contato pessoal com Lacan. Acho que ele falou, ele escreveu, ele formulou para nós. O fato de seu estilo ser realmente muito difícil, deve-se ao fato de ser um estilo que não permite uma leitura passiva, e que exige, a cada momento, que nós tenhamos que explicar porque o

estamos lendo e qual é o nosso compromisso com a psicanálise. Quando entramos em contato com seu texto, sabemos que ali há alguma coisa a ser aprendida e que faz a clínica avançar. É por isso que as pessoas lêem. Caso contrário, facilmente as pessoas deixariam suas contribuições de lado. É preciso um trabalho bastante grande para poder se enfrentar com esse texto. Por outro lado, eu diria que Lacan é uma pessoa absolutamente racional. Ele se quer racional, ele se quer herdeiro do século das luzes, ele defende a idéia de que o fato de o inconsciente ter um quê de inefável não quer dizer que nós não possamos falar racionalmente na psicanálise. E isso não desculpa absolutamente, a meu ver, certos lacanianos que transformam o estilo de um homem chamado Jacques Lacan num mimetismo que só desmerece Jacques Lacan.

Inês Castilho - Uma das pessoas pede um livro em que Lacan seja facilmente compreensível.

Jorge Forbes - Não, não, realmente não. Acho que não existe um livro onde Lacan seja facilmente compreensível. Eu proporia a essa pessoa que lesse Lacan, e depois de ler Lacan, lesse os comentadores de Lacan, se quiser, senão vai acontecer a mesma coisa que aconteceu com Freud. As pessoas não lêem mais Freud. A gente sabe perfeitamente que Freud é um autor praticamente desconhecido hoje em dia nas faculdades de Psicologia. Não é nem faculdade de medicina. Em faculdade de medicina, Freud sempre foi desconhecido. Lacan pode correr o mesmo risco. Eu diria que há um momento em que Lacan fala num linguajar que beira um pouco mais a fala habitual. Seria, vamos dizer, o Seminário 1, o Seminário 2, que estão traduzidos em português, e são muito interessantes para aqueles que estão perguntando sobre resistência, transferência e contra-transferência. O Seminário 1, *Os escritos técnicos de Freud*, discute as técnicas psicanalíticas.

Ah! Tem uma pessoa aqui que sugere dois. "Vidas e Len-

das de Jacques Lacan". Muito bem, está sugerido. É um livro que eu conheço bem, porque fui eu que o editei. O livro é de Catherine Clément, coleção da Biblioteca Freudiana Brasileira.

"Freud e o Inconsciente", de Garcia Rosa, não cheguei a ler esse livro, mas conheço o trabalho do autor, acho que tem tudo para ser excelente.

Inês Castilho - Como aparece o outro, como aparece a fala, o que significa análise gráfica, qual é o tempo de sessão lacaniana e porque os lacanianos não cumprem a sessão de cinquenta minutos, às vezes. De onde Lacan tirou isso?

Jorge Forbes - Bom, vamos começar pelo mais discutido que é o tempo. Eu perguntaria à essa pessoa, não de onde Lacan tirou os cinquenta minutos, mas de onde Freud tirou os cinquenta minutos? O tempo de uma sessão deve ser variável. Isto, para Lacan, é restituir o tempo, dentro do jogo analítico, como uma ferramenta. E isso quer dizer que é o analista quem decide o tempo da sessão, entre outras coisas. Pois, esse ideal de dizer que o analista não decide nada, parece um ideal humanista, muito bonito, mas não esqueçamos que isso levou, na história da psicanálise, a uma falta de responsabilidade, também absoluta. O analista decide, sim, o tempo. E não só. Decide várias outras coisas. E é melhor que saiba que decide, do que pensar que não decide e fazer uma decisão idiota. Desculpem, às vezes eu sou mais duro, mas eu não estou brincando nessas horas. Realmente, o nosso compromisso com a clínica não é uma brincadeira. O fato de, em alguns momentos da história da psicanálise, os analistas terem sido incapazes de definir o percurso de uma análise - porque se o fizessem definiriam esse percurso como um percurso médico - não nos autoriza, hoje em dia, a continuar dizendo que nós não temos responsabilidade. Muito bem, vou contar uma história rápida sobre Freud. Freud atendia seis vezes por semana. Todos os pacientes,

seis vezes por semana. Até um dia em que ele recebe seis pessoas de diversos lugares, um de New York, outros de não sei de onde (essa história é contada por Kardiner em seu livro *Minha análise com Freud*). Vão à Viena, para fazer análise com Freud, seis pessoas. Se encontram na estação de trem com Freud, aonde Freud pede para que Kardiner vá se encontrar com ele. Como todo mundo sabe, Freud quebrava o "setting" analítico ... Freud não era psicanalista para os defensores do padrão; marcou o primeiro encontro com Kardiner na estação de trem e lhe dá um horário para o dia seguinte, depois de apresentar sua mulher, sua filha e a aia. Na conversa do dia seguinte diz - "Meu caro, eu não posso atendê-lo, eu estou sem horário. Vá fazer análise com um dos meus assistentes. Tem um chamado Ferenczi ali na Hungria, em Budapeste, pertinho daqui, você pega o trem, são 120 km". - "Não, não quero, eu quero fazer análise com o senhor", responde Kardiner. - "Então o senhor pega um outro trem e vai fazer análise com Otto Rank, ele vai ficar famoso". - "Não, não quero". E assim ele vai, falando sobre seus assistentes, que, realmente, todos ficaram famosos.

- "O problema se resume em que vocês são seis pessoas me pedindo análise, um de vocês tem que desistir, porque eu não posso trabalhar mais um horário por dia." Então, um tem que desistir. E ele chama todos para discutir esse problema. Um grupo. Aí todos dizem que não. Ele decide: - "Muito bem, vocês voltem amanhã, porque eu vou consultar minha família, e se minha família permitir, eu abro mais um horário de atendimento". No dia seguinte, ele volta e diz assim: - "Fantástico! Não preciso nem prejudicar minha família, nem vocês. Porque a minha filha Ana, que é muito boa em aritmética, disse o seguinte: - "Papai, papai, se seis vezes cinco é igual a trinta, cinco vezes seis é igual a trinta também". - "Mas, como, filha, o que você quer dizer com isso?" - "Eu quero dizer o seguinte, papai. Se você tem que desprezar

um, porque você tem que atender seis vezes por semana, é só você passar a atender cinco vezes por semana, que você atende os seis". E a partir daí, foi criado o hábito de cinco sessões por semana. Muito bem, o fato do tempo, eu ilustro com o número das sessões para mostrar que no mundo da psicanálise não existe cartilha. Não há nada mais burro do que uma cartilha. Ou mesmo, nada mais primário do que uma cartilha. Ah, o tempo, eu preferiria acreditar que quanto ao tempo, no momento em que Freud marca cinqüenta minutos, foi por essa justificativa e era conveniente. Uma questão de conveniência. Era conveniente também deixar dez minutos para tomar um cafezinho. Não. Para fumar um charuto. Mas ao mesmo tempo, talvez, ele soubesse que existia um outro tempo em jogo, de um outro tipo, que ele não tinha ainda formulado. Esse outro tempo é um tempo que Lacan recupera, e que vai chamar de um tempo aonde o sujeito tem que ser precipitado (não vou utilizar termo técnico) numa certeza antecipada. O tempo de uma sessão lacaniana é um tempo que obriga, de uma certa forma, o analisando a proferir uma *certeza antecipada*. O que é proferir uma certeza antecipada? É fazer uma declaração a seu próprio respeito. O que é uma declaração? – Eu sou isto. Isso é uma declaração. Eu sou branco. Eu sou preto. Uma frase declarativa. "Antecipada" a um suposto tempo, de uma suposta formulação necessária para ter a garantia daquela declaração. Levar o analisando a uma declaração com risco e não garantida. É isso que faz com que não se dê nenhuma garantia de tempo, para ser mais um elemento que funcione a favor da surpresa necessária ao momento fulgurante onde o sujeito se diz. Fulgurante, porque é muito breve. Aonde, de repente, alguma coisa se dá do particular, que foge ao bate papo comum, que não justificaria uma análise.

Inês Castilho - Quanto custa uma análise? E outra pergunta: como você vê a condenação da análise ser privilégio

de uma minoria, na medida em que as sessões são caríssimas, sem contar a formação de um analista.

Jorge Forbes - Não há debate possível sobre psicanálise onde não exista essa pergunta. Eu a vejo muito produtivamente, porque mostra o interesse de como eu posso fazer uma análise. Ela é cara. Realmente, a análise é algo caro e eu duvido muito que a psicanálise, em algum momento, vá ser algo barato. No entanto, vejo formas de fazer contribuições da psicanálise se estenderem, isso sim. Exemplo: não há um artigo de um político, de um historiador, de um homem de ciência, de um economista, que não se refira a conceitos psicanalíticos. A conceituação psicanalítica, mal ou bem, está presente em qualquer tipo de saber, de crítica, da nossa época. Da mesma forma sua clínica vai além do divã. Como exemplo posso me referir a algo concreto, que nós estamos tentando estabelecer, aqui em São Paulo, com a Secretaria de Saúde do Estado. Um programa para os trabalhadores dos ambulatórios psiquiátricos, um programa de diagnóstico precoce de psicose. Ou seja, certas finezas do diagnóstico psicanalítico, do diagnóstico diferencial entre neurose e psicose, certas finezas da escuta, da clínica, próprias da psicanálise, talvez possam servir ao diagnóstico precoce da psicose. Qual a vantagem? Se eu tiver um diagnóstico precoce de uma estrutura psicótica, eu posso, eu tenho meios de impedir, ou, ao menos, de afastar, uma internação. Como e porque, não seria o momento, nem teríamos tempo, de discutir aqui. Por outro lado, quanto custa uma análise? Uma análise é cara. E vou dar a resposta clássica freudiana: uma análise deve custar caro para aquele que a faz. Porque a pessoa não deve imaginar que o analista queira qualquer outra coisa do analisando senão o pagamento. Por que o pagamento? Porque o pagamento - em dinheiro - é a única espécie que pode ser metaforizada, quase *ad infinitum*; o pagamento em espécie. Não é nem em cheque, hein? É em espécie. Aliás, alguns perguntam: - "Por que é que laciano

cobra sempre em dinheiro?" Porque é melhor não haver intermediários como um banco, cheques especiais, pré-datados etc. Isso não tem nada a ver com o recibo. É necessário um valor de troca absoluto que possa sustentar uma multiplicidade interpretativa, para manter o pacto em aberto - o impacto.

Inês Castilho - Bem, eu queria agradecer ao convite do Conselho Regional de Psicologia, a Jorge Forbes. Foi um prazer ouvi-lo, e imagino que vocês tenham sentido a mesma coisa.

BIBLIOTECA FREUDIANA BRASILEIRA

A BIBLIOTECA FREUDIANA BRASILEIRA, instituição psicanalítica tem por finalidade a formação do psicanalista, a pesquisa e a transmissão da Psicanálise.

Seguindo a orientação de Jacques Lacan esses três itens são entendidos e tratados na B.F.B. como decorrência da ética própria à Psicanálise e não como questões de burocracia.

Como fazer com que a análise de cada um, a sua supervisão e seus estudos produzam um psicanalista, é o cerne de preocupação institucional.

Sinteticamente, os trabalhos da B.F.B. se distribuem em dois níveis:

- 1) Transmissão oral
- 2) Transmissão escrita

1) Transmissão oral: cartéis, módulos, seminários, conferência, jornadas, sessões clínicas e setores de: psicanálise e psiquiatria, psicanálise e lógica e psicanálise com crianças.

2) Transmissão escrita: Carta Mensal, Coleção dos "Capítulos de Psicanálise", Revista Clínica Lacaniana e Coleção de Livros da Biblioteca Freudiana Brasileira (Ed. Papyrus).

A Biblioteca Freudiana Brasileira é associada à rede internacional do Campo Freudiano.

Endereços:

São Paulo: R. Wanderley, 246 -- tel: (011) 872.6700

Belo Horizonte: (MATEMA/BFB) - Rua Ouro Fino, 395 - Sl. 508 - tel: (031) 221.6394

Secretaria de Taubaté: Rua São José Operário, 49 - Taubaté - tel: (0122) 32.4797

**Sociedade Brasileira
de Psicanálise**

Psicanálise: Três propostas metodológicas e formação do psicanalista no Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de São Paulo

Antonio Sapienza

Solange Bertolotto Schnelder - Vamos dar continuidade ao evento PSYCHE - Quatro Abordagens em Psicoterapia - relembrando que este é um evento com organização conjunta do Conselho Regional de Psicologia e Secretaria Municipal de Cultura. A palestra de hoje à noite é encaminhada pela Sociedade Brasileira de Psicanálise, cujo representante aqui presente é o Dr. Antonio Sapienza, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e analista didata do Instituto de Psicanálise desta instituição. Eu vou passar a palavra ao Dr. Antonio Sapienza e gostaria de lembrar ao público que as questões devem ser encaminhadas, por escrito, à mesa. Obrigada.

Antonio Sapienza - Boa Noite. Eu agradeço a presença de vocês aqui. Sinto-me muito honrado de representar a Sociedade de Psicanálise de São Paulo, da qual eu faço parte. Espero que seja uma conversa e não uma palestra. São questões de natureza basicamente clínica, dentro do trabalho que eu realizo em São Paulo. Espero que essa pequena apreciação que vou fazer no início, e que vai seguir mais ou menos essa seqüência que vocês receberam sob forma de

um esquema que eu elaborei, possa servir como um roteiro. O assunto, a rigor, é muito pretensioso, porque é muito difícil falar sobre a psicanálise. É um mundo muito amplo que compreende questões de natureza bastante complexa. Mas não há como fugir de uma certa esquematização.

Na segunda parte, eu vou tentar cronometrar o tempo que nós temos disponível, que é de mais ou menos duas horas. Pretendo resumir essa minha fala em torno de meia hora, quarenta minutos, e deixar o restante do tempo reservado pra gente conversar, com intermediação da coordenadora.

Solange Bertolotto Schneider - Algumas pessoas estão reclamando que não estão ouvindo. Não estão ouvindo aí atrás? Só um minutinho, então...

Antonio Sapienza - Alô. Está melhor? Acho que agora está em ordem. Está bem aí? Eu vou mais ou menos seguir o roteiro que está aí. Às vezes, falando de viva voz, o que está escrito ganha um outro sentido. É que aí aparece a música, a voz, de quem está falando.

O presente trabalho está dividido em duas partes. Na primeira parte, eu apresento a psicanálise como contendo três propostas de metodologia, três propostas de abordagem do fenômeno mental. Na segunda, coloco questões mais de natureza específica, ligadas a como se processa a formação de psicanalista na sociedade de que faço parte. É uma coisa muito regional, próprio de nossa cidade. Vocês sabem que a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo está encarregada de servir uma região, em nível geo-político-cultural, equivalente ao tamanho da Itália e França reunidas? Isto porque na nossa Sociedade nós damos formação para uma área que pega todo o Estado de São Paulo, compreende várias cidades do interior - profissionais que vêm de Ribeirão Preto, Marília, Santos, Bauru, São José dos Campos, São José do Rio Preto. Temos ainda uma parte da Sociedade que funciona em Brasília, cobrimos uma parte do Paraná... Então,

quando se fala nessa Sociedade, a gente tem que entender o fenômeno psicanalítico cultural dentro da inquietação que existe nesse pólo de nosso país.

Desde Freud a psicanálise pode ser considerada como tendo três propostas de metodologia. Uma primeira proposta terapêutica, que começa no fim do século passado como um método de tratamento das perturbações mentais, das doenças, das neuroses, das doenças mentais, das doenças psicossomáticas e das psicoses. Uma segunda proposta: um método de investigação daquilo que é uma descoberta do Freud, o inconsciente. E o terceiro elemento: um método que contém um sistema dedutivo, científico, em estado de revisão e de não-saturação.

Na literatura, havia uma busca de entendimento e de aproximação de desdobramentos de personalidades. Se vocês se ativerem, no fim do século passado, ao fenômeno do duplo, por exemplo em "O médico e o monstro", de Stevensen, que é um livro muito conhecido, já havia essa inquietação quanto aos estados de dissociação da mente e desdobramentos de personalidade por partes de mentes muito sensíveis. Freud, de início, encaminha-se para essa descoberta porque não havia outras abordagens senão hipnose, eletroterapia e sugestões sem haver método de investigação. Ele é o pioneiro neste campo. Aí no texto, eu coloquei em relação a este caminho basicamente a questão do sofrimento mental e de que maneira, ainda hoje, existem demandas buscando o alívio destas questões. Fobias, histerias, depressões, hipocondrias, estado de confusão, somatizações etc. Existe um analista que diz o seguinte: a rigor, cada ser humano tem uma inquietação de procurar saber quem é, como se a gente precisasse de um álibi pra daí buscarmos uma investigação. Uns vão procurar uma abordagem ou psicoterápica ou psicanalítica, ou outras abordagens porque precisam de um alívio para um quadro, por exemplo, de asma. Mas a gente sabe que muitas vezes a pessoa precisa ter uma justificativa

para começar uma investigação. Alguns vão procurar essa investigação porque querem ser analista. Também seria considerado uma espécie de sintoma. Pode ser uma justificativa.

A segunda proposta, enquanto método de investigação do inconsciente cai dentro daquilo que se chama tornar consciente o que é inconsciente. No senso lato, o inconsciente entra como tudo aquilo que nos é desconhecido; tudo aquilo que cada um de nós não conhece de si mesmo, em nível de realidade psíquica, pode-se chamar de inconsciente. A psicanálise vai-se valer de uma metodologia própria para abordar o fenômeno chamado passagem do que é inconsciente para o que é consciente. E para esse propósito existe uma metodologia. Aqui no texto, eu apresento isso como acontecendo em um "setting". Na vida do cotidiano, as coisas se passam muito depressa. Não dá para uma pessoa se deter juntamente com outra "pessoa", no caso um analista, para fazer uma microscopia do que está acontecendo em nível afetivo e conjuntivo.

Freud descobriu e criou um "setting" para que isso pudesse acontecer. Às vezes, o modelo de que ele se serve é o de um ato cirúrgico. Você não vai fazer uma cirurgia, a não ser em condições de emergência, sem se valer de certas precauções em relação à contaminação do campo operatório. Em análise, a mesma coisa se processa. Assim há condições de espaço e de tempo para que a análise possa se processar. É isso que aqui no texto se apresenta como sendo um "setting". Descrevo dessa maneira: um "setting" apropriado para um acompanhamento cuidadoso, pelo analista, de oscilações de movimentos de progressão e regressão de estados mentais do par analista-analisando, usando interpretações transferenciais, quer dizer, com o que se refere a movimentos afetivos e ideativos que se dirigem à pessoa do analista. Os objetivos são: captação, interpretação e reintegração de conteúdos afetivos — amor, ódio e conhecimento que, sob

mental não tem limites enquanto nos desafia a investigar aquilo que somos e não conhecemos, há muita coisa que ainda nós não conhecemos em nossa vida mental.

Bion propõe a psicanálise como um método de sondagem, distinguindo três vértices. O termo "vértice" em geometria significa uma maneira de se ter um ângulo ou viés para se aproximar de algo. Bion distingue um vértice mítico-religioso através do qual temos o enfoque de nossas vivências humanas de desamparo, bem como uma tendência mítica de dar respostas ou de procurar soluções para o nosso desamparo por meio de modelos religiosos onipotentes. Isso tem a ver com um pólo da nossa mente que está ligado à mitologia pessoal e cultural, ou seja, aos mitos pessoais e grupais. No texto, algumas dessas questões ligam-se a um tipo de ansiedade específica que, na área do desamparo, tem a ver com idéias de catástrofes, idéias sobre o que acontece quando nós mudamos algo em nossa realidade, algo de natureza desastrosa. Se entendemos que a primeira ruptura da nossa vida é o nascimento, aí está o modelo da ruptura catastrófica como pano de fundo. Com o nascimento (e não só no sentido obstétrico), é como se o recém-nascido e a mãe do bebê precisassem de uma consciência de que com essa ruptura existe, no mundo externo, um continente capaz de bem atender àquela nova vida que surge, ou seja, uma pré-concepção quanto a se poder ter coragem de existir. É preciso ter uma esperança de que no mundo onde se vai nascer haverá algum Ser, que em geral é a mãe, que vai cuidar do bebê. Quando temos os nossos "sonhos", principalmente nossos "pesadelos", acordamos de repente gritando e chamando por uma mãe, se a mãe não atender, chamamos por um médico, em todas as culturas é assim; e se nem a mãe nem o médico atenderem chama-se por Deus. O vértice mítico-religioso contém o ato de fé, fé não necessariamente no sentido institucional religioso, mas no sentido de se crer que vale a pena existir e ir a-

diante, não se assustar com a morte ou com tudo aquilo que possa significar morte.

O outro vértice da abordagem que Bion propõe é o estético, atendendo a formulações de harmonia, ruptura e beleza. Um poeta inglês, John Keats, diz que um artista consegue mergulhar em certas vivências que em geral são insuportáveis ou terríveis para nós, os humanos comuns; e encontrar uma maneira de transformar tais vivências em algo que seja tolerável e confortador de se contemplar. Isso acontece com os bons poetas, pintores e músicos, e é de se esperar que quem se proponha a trabalhar numa área tão delicada quanto a vida mental, embora não seja necessariamente pintor, poeta ou músico, tenha algo de arte e sensibilidade para transformações nesta área. Vocês sabem que a psicanálise lida com adultos e também com crianças, que são mentes bastantes sensíveis e que em geral colocam a questão da verdade de maneira muito mais direta que os adultos.

O vértice científico é o terceiro ângulo de abordagem, onde Bion destaca o empenho daquilo que chama de personalidade não-psicótica para atingir um contato com o que é, na filosofia, a Realidade Última. Bion vai se servir de alguns mitos fundamentais como se fossem painéis, utilizando-os para se aproximar da questão de obstrução à curiosidade inata do ser humano. Quando Freud começou as investigações em psicanálise, centrou-se basicamente na questão da curiosidade quanto ao mito do "Édipo-Rei", uma história contada por Sófocles, no século IV antes de Cristo. De início, Freud destacava os elementos psicanalíticos ligados ao parricídio e ao incesto. Tratava-se basicamente de um crime sexual. Ao abordar esta questão do mito de Édipo, Bion desloca o problema desde uma área de sexualidade e de violência criminosa para uma questão de curiosidade. Édipo é alguém que quer saber quem ele é, de onde provém. De início ele tenta investigar algo e quando começou as investigações já tinha

cometido o parricídio (ele já tinha matado o próprio pai), e já estava na ocasião casado com sua mãe, Jocasta, e era Rei em Tebas. Na ocasião, havia uma peste em Tebas, que talvez fosse a inflação ou a recessão aqui no nosso país, por exemplo. Enfim, essas coisas todas que empestieiam o mundo em que a gente vive. Mas o problema de Édipo é que ele quer investigar sem limites, sem quaisquer barreiras. A rigor, o problema estaria ligado à arrogância. O mesmo acontece quando alguém tem uma suspeita em relação a uma pessoa amada e começa a investigar, num clima de ciúmes, se existe ou não um amante. A pessoa não sossega e contrata um detetive. Quando o detetive dá informações de que não há nenhum sinal de infidelidade, o sujeito que está vivendo isto diz o seguinte: – Vai ver que hoje ela percebeu que estava sendo seguida. Então, o problema que nós vamos encontrar na área de investigação é esse: até onde se quer chegar?

Há alguns mitos que falam da existência de uma espécie de entidade que não admite a curiosidade. Por exemplo: o mito da Torre de Babel. É um mito que começa assim: um grupo de seres humanos interessado em construir uma nova cidade. Começam a construir uma torre, até que chega uma hora em que querem atingir o céu com ela. Querem perturbar Jeová naquilo que se apresenta no mito como conhecer Deus. Nessa história da Torre de Babel, pode-se ver o seguinte: há uma curiosidade, um desejo de penetrar numa área onde existe supostamente um Deus que sabe tudo e que não quer ser perturbado. Aí vem uma ameaça de castigo: a confusão das línguas e também a dispersão da humanidade de maneira que um ser humano não entende mais o outro. Este é um problema encontrado em qualquer atividade humana e ligado ao crescimento. Pode ser uma atividade política, científica, industrial. No início as coisas se passam como se estivesse havendo um trabalho de cooperação e de solidariedade. De repente, uma parte do grupo pode se

propor a ser dona da verdade; uma outra parte do grupo a mesma coisa, e nenhum dos subgrupos consegue se entender daí por diante. Se vocês estudarem, por esse ângulo, por exemplo, o socialismo, ou o marxismo ou a própria psicanálise: um lacaniano não entende um kleiniano, que não entende um bioniano. É como se fossem facções religiosas fanáticas.

Esse é um problema humano, um fenômeno humano e se infiltra em todas as situações, inclusive nas instituições psicanalíticas.

A terceira proposta consiste em psicanálise contendo um sistema dedutivo científico em estado de revisão e não-saturação. Coloquei aqui algo de natureza teórica e se depois vocês quiserem um maior esclarecimento quanto ao que está apresentado aqui no texto, eu estou à disposição.

Na seqüência, dou uma idéia de como é que se processa, em geral, o tratamento psicanalítico, o número de sessões, o número médio de sessões por semana e falo alguma coisa, aqui no texto, a respeito do que se pode entender como campo psicanalítico. Vou ficar por aqui para atender às questões de natureza prática ou responder perguntas que vocês queiram fazer. Prefiro ficar por aqui, deixando o que falei como uma espécie de referencial. Procurarei ouvi-los naquilo que quiserem apresentar ou no que eu não tenha sido claro. Assim poderemos conversar.

Solange Bertolotto Schneider - Por favor, quem tiver questões que as encaminhe à mesa. Como o senhor coloca a questão do vértice mítico-religioso? Gostaria que o senhor aprofundasse um pouco mais a questão do homem como um ser mítico e religioso perante a psicanálise.

Antonio Sapienza - A pergunta que está sendo feita é interessante e, a rigor, tem dois níveis a serem pensados.

O primeiro nível é o que se pode chamar de um mundo interno de cada um de nós. Quero me referir à realidade mental, psíquica, algo que não é da realidade sensorial percebida pelos nossos sentidos. Existe um grupo de "teorias" na psicologia que não admite a existência de vida mental. Este grupo dá uma ênfase bastante grande às influências que vêm do mundo externo e pouca ou quase nenhuma importância ao mundo interno. O contato e a observação, seja numa análise de adulto ou na nossa própria experiência, quer como pacientes ou como analista, levam-nos a perceber quando houve uma devastação no nível de mundo interno. Isso se caracteriza se a pessoa observada mostra que perdeu os objetos de fé de nível interno. O desespero com que a pessoa vive é sem medida. É como se não existisse em nível interno, o equivalente àquilo que os religiosos chamam de uma religião de suporte, algo em que a pessoa possa se sustentar. Em nível interno para cada um de nós, vai corresponder, até certo ponto nós termos dentro de nós um pai suficientemente forte e uma mãe suficientemente boa. Mas há pessoas em que isso foi abalado de uma maneira muito intensa desde o início da vida. Isso vai corresponder a uma espécie de falta de fé ou de vitalidade para existir. É o suporte de muito daquilo que corresponde à área, mais do que ao desespero, da desesperança. Em algumas pessoas isso vai ser entretido por relações de base intensamente confusional, como alguns dos problemas que fazem parte da nossa cultura nos dias de hoje: as drogas e tudo aquilo que vai tomando o lugar da esperança e confiança em bases realistas. Do meu ponto de vista, o mundo das drogas vai entrar como uma espécie de cobertura desse problema do desespero e da desesperança.

Um segundo nível da pergunta que me foi feita, tem a ver com o que se chama de atividade do místico em cada um de nós. Entendam místico não no sentido pejorativo de mistifi

ção. É místico no sentido daquilo que cada um de nós procura alguma coisa nova, misteriosa e desconhecida. De um vértice religioso há, por exemplo no Budismo, uma concepção que pode ser fecundante: que Deus está espalhado como se fosse uma centelha de luz em cada ser humano. Então, cada um de nós pode ter uma potencialidade de investigação e de descoberta. Claro que isso não é válido para tudo. Por exemplo, nós estamos aqui nesta sala. Precisou existir um gênio inglês, Faraday, que foi fazer pesquisas e descobriu como é que um filamento metálico entra em incandescência ao ser percorrido por eletricidade etc e que isso produz iluminação. Nenhum de nós precisa ser gênio para apertar o botãozinho e acender ou apagar a luz. Talvez, uma função de uma sociedade de psicanálise, uma universidade ou uma nação seja a de tentar descobrir onde estão os gênios para favorecer o surgimento de um pouco mais de luz. Os que são pais, os que têm experiência com a existência dos filhos, talvez uma função nossa seja essa: permitir o desenvolvimento da criatividade de nossos filhos. Numa análise se supõe que um analista trabalhe com o analisando respeitando e levando em conta a questão dessa capacidade de pensar do analisando. Uma boa parte dos problemas que nós vamos ter, em clínica, são perturbações da capacidade de pensar. É como se o paciente estivesse muitas vezes com alguma coisa criativa aprisionada pelas defesas, chamadas psicose e neurose.

Solange Bertolotto Schneider - Nós temos aqui muitas questões abrangendo vários temas. Estou tentando selecionar por temas mas provavelmente não vamos conseguir esgotar porque algumas perguntas são muito complexas. Acredito até que algumas delas precisariam de uma série de conferências para serem esgotadas. A maior parte se refere à definição de psicanálise e de psicoterapia que foi citada pelo senhor. Como se separa psicoterapia e psicanálise? E outras abordagens? Eu gostaria que o senhor esclarecesse a dife-

rença entre psicanálise e psicoterapia e, se possível, complementasse com a seguinte questão: a psicanálise já não é uma psicoterapia por excelência?

Antonio Sapienza - A pergunta é bastante complexa porque quando se fala em psicoterapia está implícita a idéia de um tratamento, uma terapêutica. Na psicanálise, como eu estava dizendo no início daquela pequena exposição, está implicada também a idéia de terapêutica. Quando se faz uma investigação, quando se tenta trazer para uma área de conhecimento aquilo que não se conhecia, o simples fato de você se colocar em contato com o conhecimento já é uma maneira de tratar, quer dizer, surgem efeitos terapêuticos nesse sentido. Por vezes, o problema que passa a existir é a excessiva ênfase no desejo de cura e que pode obstruir o que se está investigando e tratando. Aqui está o problema de se querer eliminar aquilo que está acontecendo com aquela pessoa e aí pode existir uma certa violência. Eu vou me explicar um pouquinho melhor. Há uma doença conhecida desde o Egito antigo chamada miastenia gravis. É uma doença em que vai ocorrendo o enfraquecimento e a atrofia da musculatura. Esse diagnóstico já era feito há cerca de dois mil anos antes de Cristo. A terapêutica da miastenia gravis foi descoberta há mais ou menos cinquenta anos. Vocês podem calcular a capacidade de agüentar frustração das gerações dos que sofriam miastenia gravis e dos médicos que faziam os diagnósticos e que não tinham tratamento para esse problema? Analogamente, às vezes, temos que diagnosticar uma série de situações e esperar, agüentar e continuar até que possa ser descoberta uma solução adequada. Às vezes pode não existir uma solução adequada durante gerações. Eu estou me valendo desse modelo médico; esse é o problema da atualidade se quisermos focar a questão da Aids, por exemplo. Apenas para que possamos movimentar um pouco esse debate, suponhamos que um de nossos amigos sofra um acidente e entre em estado de coma. A equipe médica e

a de enfermagem estão atendendo essa pessoa, que não se recupera do estado de coma. Se você quiser dar uma solução de base onipotente, pode ser tentado a fazer uma eutanásia: desligar os aparelhos, porque a pessoa não sai do estado de coma, por exemplo, há um, dois meses. Mas se você tiver paciência, se trabalhar em cima da situação, talvez o estado daquela pessoa nesse meio tempo se modifique e aí você pode fazer alguma coisa com o que já conhece. Pode acontecer ainda que nesse meio tempo apareça alguma descoberta útil àquela pessoa. Eu penso que muitas vezes na vida, não só na vida mental, na vida pessoal, na vida de relação, existem questões desta natureza, de a gente ter que aprender a lidar com impasses e incertezas. Numa análise isso vai acontecer, numa psicoterapia também. Isso acontece num casamento, na vida de cada um de nós... Eu não sei se o que estou falando dessa maneira é útil em relação à questão que foi apresentada. Pode-se pensar o seguinte: em geral para efeito formal, uma psicanálise tem um ritmo de atendimento de quatro a cinco sessões por semana. Pode levar muitos anos. Quando se fala em psicoterapia, não é que não exista o mesmo rigor de trabalho. O que existe é uma diminuição da frequência com que é realizado o trabalho. A seriedade é a mesma. Uma pessoa pode dizer assim: — E por que, então, você propõe um trabalho de uma vez por semana? Por que é que você propõe um trabalho de quatro vezes por semana? Por que é que você propõe um trabalho que não tem tempo limitado? Podemos utilizar como analogia, e só como analogia, o seguinte: você quer aprender uma língua estrangeira? Inglês, por exemplo. O suficiente para quê? Para falar no aeroporto "How do you do?" Então, você vem uma vez por semana. Agora, você quer falar o quê? Shakespeare? Quer ler Shakespeare? Uma vez por semana não vai dar.

Você quer aprender a tocar o bife no piano? Eu não consigo lidar com Mozart se não for quatro vezes... Não quer di-

zer que uma terapia com um número de vezes menor seja mais pobre do que uma terapia de número de vezes maior. Por quê? Porque a qualidade do trabalho vai depender dos dois. Eu posso viver com uma mulher todo dia durante muitos anos e a relação ser muito pobre. Vai depender dos dois. Talvez seja mais interessante ter uma pessoa que você vê uma ou duas vezes por semana, mantendo com ela uma relação intensa, com dedicação dos dois; do que estar em análise quatro vezes por semana, durante alguns anos e ser uma coisa morta-viva. É como certos casamentos que podem se arrastar durante anos. O número de vezes não dá o selo da vitalidade do que está acontecendo. Desculpem eu estar devolvendo algumas perguntas, porque eu também não tenho respostas para isso. Mas podemos continuar nossa troca de idéias.

Solange Bertolotto Schneider - Eu vou passar para outro tema na mesma linha. Uma pessoa pergunta qual a diferença da psicanálise da Sociedade (a que o senhor representa) para as outras psicanálises, das outras Sociedades. É possível responder aqui? Poderia incluir nesta questão a linha de formação do psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise: quais os pré-requisitos de formação? Como fica a formação de uma pessoa que tem interesse em trabalhar numa linha freudiana psicanalítica?

Antonio Sapienza - Interessante essa junção de perguntas. Eu vou falar da minha experiência pessoal. Quando fui procurar uma formação nessa Sociedade, eu já tinha um trabalho como psicoterapeuta e também uma inquietação: ia encontrar, nesse lugar, pessoas que certamente tinham mais experiências do que eu. E eu estava interessado em ter contato com estas pessoas. A minha primeira análise pessoal levou uns sete anos. A segunda vez, mais uns cinco anos. De vez em quando, analistas voltam a esquentar as costas num divã, que não faz mal para ninguém. Não existe análise definitiva e absoluta para ninguém. Mas uma inquietação existia:

eu quero ter este tipo de contato, mas não quero perder a minha maneira própria de ser, não quero ser imitação de ninguém. Quero me responsabilizar pelo que faço e pelo que sou, do meu jeito. Então, eu fui para a batalha. Para quem estou falando isso? Acho que para todos nós, pois quando temos indagações desta natureza estamos preocupados em tentar preservar a nossa autenticidade e ao mesmo tempo ter uma troca com outras pessoas. Esse problema de que linha ou que escola o terapeuta vai seguir é um pouco parecido com a história de alguém que quer pintar... A pessoa está pintando sem ir a nenhuma escola. Daí ela se matricula na Escola de Artes daqui de São Paulo e se põe em contato intenso com aqueles que têm mais cancha em pintura. Algumas dessas pessoas, que fazem esse tipo de trajeto, depois de algum tempo não conseguem pintar mais nada. De tanto copiar e copiar e copiar, elas perdem os traços próprios. Acho que é um risco que existe não só em psicanálise.

Eu não saberia dizer, a rigor, quando alguém me pergunta de que linha sou, ou que escola sigo. E quando encontro terapeutas ou analistas que são da Sociedade a que eu pertenço, eu vou privilegiar as pessoas que têm capacidade intuitiva e sensibilidade de trabalhar com a vida mental. Que escola que eu vou privilegiar? Por exemplo, quando um amigo meu está precisando de uma indicação de um terapeuta ou de um analista. Eu faço o seguinte exercício: se é um amigo meu, eu penso se fosse um filho, uma filha, para quem é que eu vou encaminhar? Pode ser para pessoas que não são da Sociedade com que eu estou convivendo. Se vocês são pais ou mães e uma pessoa vem supostamente para querer conviver com você ou na casa de vocês, na intimidade de vocês, porque uma análise vai ser uma relação de intimidade durante alguns anos. E o sujeito pergunta assim: — De que escola que você é? Eu posso dizer: sou da escola que se propõe a atender, dentro daquilo que eu sou capaz, o seu

desenvolvimento. E como é que você serve essas suas palavras nutritivas? À moda da casa. Você é Kleiniano? Bioniano? Deixa isso comigo? Você vai ver... Se você não gostar, você fala, porque nós vamos ter que trabalhar juntos aqui. O prato vai ser preparado junto comigo. Não vem comida na sua boca, não.

Solange Bertolotto Schneider - Nós temos algumas questões ainda sobre a frequência e o preço da análise...

Antonio Sapienza - Isso eu sabia que tinha que ter...

Solange Bertolotto Schneider - Todos têm sido premiados com esta questão.

Antonio Sapienza - É lógico.

Solange Bertolotto Schneider - E acho que tem uma questão aqui que resume todas as outras. - Nos dias de hoje, aqui na grande São Paulo, existem realmente pessoas que procuram a psicanálise do tipo quatro ou cinco vezes por semana, que geralmente possuem um custo elevado. E a pessoa ainda complementa: somente para fins de auto-conhecimento.

Antonio Sapienza - É que uma pessoa leva tempo para saber que tem que conviver com uma coisa chamada psicose, não é? Leva tempo. Mas eu vou responder um pouco em função de uma conversa que eu estava tendo com minha mulher, minha filha e o namorado dela. Nós vínhamos de carro nessa grande São Paulo. Levamos uma hora e vinte minutos no caminho para chegar até aqui. Ninguém ficou louco no caminho nem nada. Nós viemos conversando e surgiu está questão: — Alguém vai falar sobre dinheiro, com certeza. Eu vou falar alguma coisa a esse respeito, da maneira como eu vejo. Quando se pensa na questão ampla da atualidade do preço, não é só de psicanálise, não. Se vocês forem a qualquer serviço personalizado, o problema é o mesmo. Se alguém precisou de uma UTI, sabe disso. Se alguém precisar de um hospital ou de alguma coisa em nível de atendimento específico, o problema é muito sério. Em psicanálise, não é

diferente. Mas tem muita gente que vai atacar, porque precisa atacar, dizendo assim: — Mas por que psicanálise? O Durval Marcondes, que foi um pioneiro em psicanálise, dizia: — É a mesma coisa que dizer assim, num Brasil em que se usa jumbo pra viajar: — Por que jumbo? Por que não dá pau-de-arara pra todo mundo? Resolve o problema com pau-de-arara. Põe caminhão para todo mundo. Para que o Brasil precisa se especializar em cirurgia cardíaca? É um luxo. Vamos tratar da verminose do povo primeiro. Então, se você tem um problema cardíaco, vai procurar quem? A questão econômica é muito complexa, muito séria e não se restringe ao campo da psicanálise; o problema é do nosso subdesenvolvimento cultural, político e econômico. Eu agora não posso falar como psicanalista aqui, mas como cidadão: é um problema sério.

Na atualidade, eu acho que para qualquer pessoa que realmente queira ou tenha interesse em algum tipo de atendimento psicoterápico, não só de psicanálise, tem um problema sério para todos nós, em nível de cidadania. Porque problema mental não é um problema de luta de classes: dá em pobre, dá em rico, dá em velho, dá em criança, todo mundo tem problema desta ordem. E nós estamos mal equipados na área de saúde mental, não apenas na área de psicanálise. Eu acho que o problema também não se resolve só com dinheiro, porque vocês devem conhecer muita gente com dinheiro e que não quer saber de psicanálise nem de qualquer psicoterapia, assim como o diabo não quer saber da cruz. Agora, o problema é também o contrário. Gente que tem talento, que tem equipamento para ser analista etc e que pode aí existir uma certa barreira em razão dessas questões econômicas. Esse é um problema sério. Em parte, eu vou dizer mais como porta-voz da Sociedade que represento. Nós temos um tipo de trabalho que tem a ver com o que se chama de Ambulatório, que não é ambulatório tipo INPS - que nos desculpe o INPS - e

que procura dar atendimento principalmente às pessoas que trabalham na área de ciências humanas e que têm a necessidade de análise. Essas pessoas são atendidas por profefesa da Sociedade, porque nem cabe fazer defesa. Mas é que nós estamos sensibilizados nessa área. Esse é um problema amplo e sério.

Solange Bertolotto Schneider - Algumas questões referentes ao "setting" psicanalítico. Perguntas muito objetivas. Para que serve o "setting" e qual a sua importância para se processar a análise? E eu gostaria de complementar, retomando o exemplo que foi dado de Freud atendendo num trem, na sua casa, hospedado, ou seja, a diferença do "setting" no início da psicanálise para os dias de hoje.

Antonio Sapienza - Bom, uma certa aproximação dessa mesma palavra, que é uma palavra de jargão, seria um enquadre ou uma certa condição de um clima que envolve questões de natureza física, espacial e de tempo para você poder trabalhar algumas questões delicadas. Vou dar um modelo que talvez possa servir para eu falar de uma maneira um pouco mais ampla sobre como eu entendo a questão do "setting". Vocês imaginem o seguinte: uma pessoa está observando a superfície de um lago, que está funcionando como um espelho d'água. Existem, na margem, algumas árvores. Se o dia estiver ensolarado, você tem condições de observar através desse espelho d'água e de fazer um reconhecimento do tipo de árvore que existe. Talvez, até, da trama das folhas. Imaginem que começa a chover. A superfície do espelho de água vai se fragmentar, não vai? A partir daí, você vai tendo menos condições de perceber o que está existindo na margem do lago refletida na superfície. Se começar a trovejar, ou se começar a existir uma escuridão ou um nevoeiro, vai ficar mais difícil você fazer a observação. Por que é que estou falando isso? Essas condições preservadas no chamado "setting" procuram, até certo ponto, isolar algumas influên-

cias que, de uma maneira mais grosseira, viriam a perturbar aquele encontro de intimidades das duas pessoas. Às vezes, o nevoeiro ou a chuva podem estar existindo na mente do paciente, mas podem estar na mente do analista também. Os dois vão ter que aprender a conviver e a lidar com condições atmosféricas desta natureza. Para que é que serve o "setting"? Eu vou fazer uma outra apreciação de natureza terapêutica. Até quinze ou vinte anos atrás quem ia ao dentista, e uma boa parte de vocês deve ter ido ao dentista, sabe que não existia esse motor rápido. Você ia lá e o sujeito que estava interessado em te tratar punha algodão, trocava algodão, punha algodão, trocava algodão. Não é isso? Você aparecia lá uma vez por semana e ia agüentando até o seu dente ir se esburacando ou você agüentava o motor de uma rotação, que não tem esses equipamentos de refrigeração que tem agora. A rigor, o "setting" tem uma função semelhante, ou seja, a de poder acompanhar gradações de modificações que não são percebidas se você vê a pessoa uma vez por semana. Escaparão certas transições de estado mental que você não vai captar ou só as terá em nível de relato. A pessoa vai dizer para você, num estado em geral compreensivo, de muita compreensão, o que é que aconteceu com ela, relatando os conflitos que teve. Daí a uma semana, a pessoa vem e reabre uma série de questões e você mal começa a trabalhar aquilo ali e já tem que por de novo um algodão; e o mesmo na semana seguinte. Assim, se você tiver condições de acompanhar a pessoa um número de vezes maior por semana e se você tiver condições de viver junto com aquela pessoa essas situações de transição, haverá a possibilidade de trabalhar certas filigranas e transições, não por relato, mas ao vivo. Está claro isso? A gente vai ficando mais equipado para atender às questões de dores mentais. Porque, em geral, nós, seres humanos, ficamos mais atentos ou acreditamos mais quando uma pessoa sofre dor física. Em geral, a gente não dá muita importância quando alguém nos diz que está tendo

uma dor mental. Por isso, algumas pessoas, para "poderem" ter atendimento à dor mental, somatizam. Aí, se a pessoa tem uma úlcera duodenal, ela pode procurar ser atendida em algo também de dor mental. Não seria muito esquisito, um irmão de vocês ou um namorado chegar a vocês e dizer que está com dor mental? Agora, se ele mostrar um machucado no braço que se vê, aí você fala: — É, vamos ao pronto socorro. Porque dor mental não tem cheiro, não é? Dor física tem. Você apalpa, pode tirar uma radiografia. Mas de onde é que se vai radiografar a dor mental? Para isso é preciso ter um "setting", que é um equipamento diferente de Raio X. Supõe-se que é uma personalidade de um analista ou de um terapeuta que esteja preparado para lidar com isso. E como é que um sujeito se prepara para isso? Com experiências que tem como paciente. É daí que entra essa questão das análises de formação, quer dizer, uma análise de formação levará em média de cinco a dez anos. Você começa sendo paciente e não analista. O principal fator num "setting" não é uma sala bonita, ou a sua sala de espera ou o divã que você oferece. É a sua capacidade de trabalho e disponibilidade; o seu equipamento para trabalhar de modo competente e empático, a situação daquela outra pessoa que está com você. O "setting" não é uma questão só formal, de espaço, tempo, número de vezes, horário ou de quanto se paga. Este é o aspecto formal, contratual. O principal elemento, dentro do trabalho analítico, no sentido daquilo que visa a atender ao paciente, é a personalidade do analista, que tem que ser trabalhada.

Solange Bertolotto Schneider - As questões, daqui para frente, vão ficando cada vez mais difíceis de serem respondidas. A próxima questão é bastante controversa. Fala sobre o problema da posse e pede que o senhor. explique o tema da posse perante a psicanálise e também sobre o envolvimento sexual analista-paciente.

Antonio Sapienza - Não está muito claro o que é

posse...

Solange Bertolotto Schneider - A pessoa se refere à posse talvez como um sentimento de posse.

Antonio Sapienza - A outra questão é na mesma pergunta?

Solange Bertolotto Schneider - Sim, ela fala sobre a possibilidade de envolvimento sexual analista-paciente, um tema bastante discutido.

Antonio Sapienza - Eu vou pegar um outro ângulo...

Solange Bertolotto Schneider - Talvez a gente pudesse complementar com a questão da transferência para poder falar dessa questão. Também poderíamos complementar com a relação transferencial e como se dá a interpretação nesse tipo de relação. Porque eu entendo que o envolvimento sexual se dá dentro da transferência. A consumação disso parece que é o "x" dessa questão.

Antonio Sapienza - Tem um amigo meu que diz assim: — Benditos os gregos, que tinham um teatro e podiam fazer uma catarse com a tragédia, por exemplo, do Édipo. Então, em lugar de a gente estar assim, aqui, do jeito que estamos, se estivéssemos naqueles anfiteatros gregos, estaríamos vendo Édipo Rei. Aquilo atingia o povo. Talvez eles não precisassem de psicanálise. Não iam ficar vendo televisão como ficamos. Talvez fossem estimulados a ter uma vida de "sonhos". Depois de terem ido ao anfiteatro, voltavam para suas casas. Quando uma pessoa consegue sonhar ou compreender afetivamente o que está implicado naquilo que se realiza em ato, como foi a história do Édipo, talvez muito daquilo que se chama de "acting out" não se realize.

Eu vou fazer um sonho agora, aqui. Diante da situação da morte da esposa, num estado de embriaguez, um pai pode entrar no quarto da filha e manter relações sexuais com ela. Então, vamos supor que esta moça, numa análise, diga assim: — Eu fechava os olhos e tinha relações sexuais com ele,

que vinha embriagado. Depois de alguns meses ou anos, essa pessoa resolve parar com aquilo e fazer uma análise. Poderíamos perguntar o seguinte: por que essa pessoa começou a abrir os olhos? O que a levou a precisar fechar os olhos? Na chamada relação de transferência entre analista e analisando, pode existir algo que fala de uma relação de transferência, com características eróticas. Por que em algumas situações isso vai para um ato físico concreto e por que em outras não? Vocês assistiram ao filme "O Império dos Sentidos"? Tem uma cena, em que a mulher, depois de um ato sexual, castra o homem e fica com o pênis. É uma posse, não é? É amor aquilo? É ódio? Quando começa o amor e quando começa o ódio? Ela se apossou. Uma pessoa está numa terapia com alguém. Eles podem se tornar amantes? Podem, só que acaba a terapia e pode começar uma outra coisa. Nós podemos examinar essa questão de vários ângulos. Se vocês examinarem do ponto de vista de ética, vai-se dizer o seguinte: o profissional que realiza esse ato está desqualificado eticamente. Bom, é porque está em outra função. Se a gente for examinar um pouco melhor essa questão, pode ser que a pessoa que parte para uma atividade dessa natureza esteja funcionando num clima de desamparo. Desamparo e onipotência. Então, não sabendo mais o que dar, dá o que não é de direito. Suponha que você é uma analista, homem ou mulher, e está recebendo uma pessoa que vem e te agarra. O que você vai falar para ela? A primeira coisa a dizer é que não é sua função. Você não precisa dizer que é casado. Eu não estou aqui para ter relações sexuais com você. Por quê? Não é porque eu sou casado, porque não é minha função. Então, faça o favor de tirar os braços de cima de mim e vamos conversar. Vamos pensar em um analista mais sofisticado. Ele diria assim: mas faz duas sessões que você está comigo e você já está se oferecendo desse jeito? Eu sou um estrangeiro. Você costuma fazer isso? Bom, aí já vai ter uma conversa durante alguns

anos. Em geral, nesse tipo de questão, pensa-se em dois adultos. Mas a gente pode pensar em outras questões complexas. Nada impede que uma criança em processo psicoterápico ou psicanalítico, por razões de muita angústia, chegue em casa e diga que está sofrendo abusos sexuais por parte do terapeuta. Uma mentira. Vocês sabem que isto vai criar uma série de problemas para o terapeuta e para os pais do paciente. Essa pergunta tem vários desdobramentos sérios e de várias naturezas. Talvez quem fez a pergunta estivesse tentando visar à questão ligada à função do analista, do terapeuta, porque a questão do paciente, é do paciente. Algumas pessoas, um pouco ingênuas, acham que tudo que vem do paciente tem que ser aceito, porque esse é o jeito de ser dele. Se o sujeito é um carcará, eu vou aceitar que ele seja um carcará? Não, não vou aceitar, porque suponho que, se eu não aceitar que ele é um carcará que está querendo ter uma relação sadomasoquista comigo, posso ouvir atentamente aquilo que ele está dizendo e responder que não quero isso para mim. Se um filho teu, ou um irmão, ou uma irmã, ou um namorado vem te propor um jogo sadomasoquista, não é função tua ter que aceitar. Aceitar uma pessoa não quer dizer alguma coisa sem limite, indiscriminada. Só porque sou um analista, um terapeuta, não tenho que ser capacho. Não sou cego nem bêbado.

Solange Bertolotto Schneider - A questão seguinte é até um pouco divertida, senão seria demais: Édipo tem Complexo de Édipo?

Antonio Sapienza - Vocês sabem que há alguns anos aqui na USP, existiu um professor chamado Vernant que trabalhou muito nesse tema. Ele tem uma pesquisa muito interessante no campo de origem das tragédias do pensamento grego e também um artigo exatamente com esse nome, "O Édipo sem complexo". A abordagem que faz desse tema é a de descolar um pouco como o próprio Bion, a que eu estava me referindo no decorrer do texto a questão do campo in-

cesto e do crime sexual para a questão da luta de poder. Ele vai focalizar quando é que aparece a tragédia do Édipo, em que momento da história do pensamento grego isso acontece. O que isto representa em termos de transição de poder? O que isso tinha a ver com o mundo cultural daquela época? Vamos dizer assim: no nosso mundo moderno, talvez a figura que tenha mais ênfase, em nível de tragédia, para nós entendermos o drama da nossa ambigüidade, é mais o Hamlet do que o Édipo. Após o parricídio e a matança da Esfinge, Édipo entra em Tebas como herói e vai casar com a rainha, que era mãe dele. Existem trabalhos em nível de análise e mitologia que procuram mostrar por que se fala tão pouco da Jocasta. Ela não sabia que ele era seu filho? Ela não tinha visto que ele estava com a arma que era do pai dele? O que acontece com mães que funcionam como a Jocasta?

Quando se fala em Édipo, Complexo de Édipo etc. a gente tem que pegar a trama de vários personagens, não é só a questão do triângulo: Édipo, parricídio e incesto. Imaginem o seguinte: (vou pegar desde o início da história) os deuses tinham amaldiçoado o casal, não é isso? Disseram: "se vocês tiverem um filho, esse filho vai matar o pai e possuir a mãe". Então quando se fala que os deuses tinham amaldiçoado, a gente poderia dizer que aí já existe o tema do filicídio, que os deuses, que representam alguma coisa na vida de cada um de nós, tentam nos impedir de ter criatividade, de criar alguma coisa. Há sempre um medo, quando se cria uma coisa nova, que ela em lugar de ser geradora de vida, vá gerar tragédia e desgraça. Vamos supor que Laios, que podia ser um aspecto paterno de qualquer um de nós, homens, que estamos aqui nesta sala, tivesse medo de gerar um filho. Se a Jocasta, que são vocês mulheres, tivesse um pouco de sabedoria e de segurança poderia chegar a Laios e dizer assim: mas, você não vê que é um bebê? Por que é que você tem medo dele? Você é quem quer ser o bebê aqui em casa? Talvez, aí não tivesse acontecido a

tragédia de Édipo. Ele não precisaria ter sido abandonado e adotado por outra família e talvez a gente não tivesse a tragédia.

No "Hamlet" a história é um pouco diferente. Ele era um acadêmico, um "bom intelectual" a la brasileira, que tenha estudado numa Sorbonne e que vem aqui nos dizer como devemos viver. Então surgem soluções do "Hamlet". Ele não está equipado para viver em intrigas de palácio. Se vocês lembrarem um pouco a história do Hamlet, quando ele chega, seu pai já tinha morrido, mas ele quer conversar com o espectro do pai. Aí tem um pacto de morte. O pai começa a dizer a Hamlet que ele tem que entrar no palácio para desmascarar a rainha e assassinar o tio. Hamlet tem uma namorada, que ele induz à loucura e ao suicídio. E ele em nome de ser essa figura, que em parte está na moda, infelizmente, no meio brasileiro, o justiceiro, ele está disposto a fazer justiça. Vai matando um monte de gente até que a violência da justiça se volta contra ele mesmo. Vocês já devem ter visto, "Hamlet", em cinema, teatro etc. Provavelmente ele é o herói dos tempos atuais, modernos. Bom, essa foi a pergunta feita: um Édipo sem Complexo. Tinha mais uma outra questão.

Auditório - alguém se manifesta de forma inaudível.

Antonio Sapienza - É. Eu acho que isso que você está trazendo tem a riqueza de focalizar questões interdisciplinares e questões muito polêmicas e complexas em nível de antropologia de campo destes trabalhos todos. Destes, em parte, conhecemos o de Levi-Strauss, o de Malinovski etc. Mas eu prefiro ficar dentro do campo daquilo que é específico de natureza clínica. Quando uma pessoa passa a ter uma experiência de natureza clínica, terapêutica, é possível que esses tipos de questões que você está levantando, e que podem atender a questões sociológicas, antropológicas, mitológicas etc, possa ser feito ao vivo. Aí, a gente vai examinar, sem pre-

zendo uma observação de relação intra-uterina do bebê, mas com ultra-som. Examimam o feto desde o quarto, quinto, sexto mês; como ele fica disposto na cavidade uterina. Existem fetinhos que ficam encolhidos na cavidade uterina, por exemplo, em posição que obstetricamente se chama de posição transversa. A gente conhece muito pouco do que se passa de influência psicossomática e emocional da mãe sobre o feto já na vida intra-uterina. Mas, no caso dessa observação, destacam-se certos padrões, que aparecem já dentro da cavidade uterina, em nível de movimentos de sucção da boca, de movimentos respiratórios e ocupação do espaço. Depois do parto, estes espaços vão se manter inalterados, com atitudes, por exemplo, de retraimento e introversão da criança. Na observação desta analista, há evidências sobre algumas comunicações pouco conhecidas em nível psicossomático na relação entre ambiente-mãe e o que se passa com o feto.

Porque vamos convir uma coisa: vocês não vão imaginar que nossa vida mental começa só no nascimento. Não é o nascimento que marca o início da vida mental. Há certos estímulos que são captados pelo feto, isso já se sabe hoje, estímulos sonoros. Acho que vocês já tiveram experiência de gravidez.

Uma vez eu estava conversando com uma amiga e ela me disse que estava fazendo um tipo de trabalho de sensibilização com som, com música, e que o obstetra dela, uma pessoa muito sensível, recomendou que ela e o marido - não sei se porque era o primeiro filho - ouvissem Mozart no fim do dia. A mãe ficava lá, ritualizando a barriga e ficavam ouvindo Mozart etc. Essa é a experiência que ela contou, não é coisa inventada.

Teve um show da Gal Costa, no Anhembi, e ela foi assistir. Quando voltou do show - e a Gal Costa não me pagou para falar isto - a criança ficou pulando umas três

horas na barriga dela. Foi a música que ela ouviu? Quem? A criança? Foi uma emoção da mãe que passou para criança? De que jeito isso se processa, a gente sabe muito pouco.

O que acontece com uma mulher grávida que vive sob o terror, por exemplo, do abandono de um marido? Isso passa para a criança? De que jeito?

Se depois essa criança vai a uma análise, como é que isso vai ser comunicado ao analista? Será que ela vai querer se enfiar no analista ou acha que o analista tem que se enfiar nela? E se o analista não está preparado pra lidar com esses níveis? Ou o terapeuta, será que ele vai ter uma relação sexual com ela? Por que não entende o que está acontecendo?

Solange Bertolotto Schneider - Temos ainda muitas questões, mas o tempo para encerrar não pode ser esquecido.

Eu gostaria de encaminhar uma última questão que tem sido uma grande polêmica e está sendo muito discutida no âmbito do Conselho Regional de Psicologia. É a questão do misticismo que invade esta década. O que as pessoas estão buscando? É pura demagogia ou apenas a necessidade que os indivíduos têm de se aproximarem do desconhecido?

Antonio Sapienza - Olha, eu vou fazer mais uma consideração do que arriscar uma resposta, porque eu não tenho resposta para isso. Esse é o tipo de pergunta que talvez leve a vida inteira para a gente discutir e continuar a pensar.

Eu pensaria num encaminhamento para esse tipo de questão, da seguinte maneira: níveis de ansiedade catastrófica, vivências de desespero que todo ser humano tem em maior ou menor intensidade. Isso depende muito. Agora, a questão é a seguinte: em que a pessoa confia? Quando eu estava colocando essa questão de cesura de

nascimento, eu me referi, em certo instante, a uma seqüência de objetos confiáveis. Eu falei em mãe, em médico, em Deus.

Quando falei em Deus, eu não falei no sentido de religião institucionalizada. Eu quero dizer que a gente precisa confiar em alguma coisa muito forte e que não tire a nossa inteligência, que não nos deixe estúpidos.

Quando somos crianças, freqüentemente em lugar de Deus, a gente tem ídolos: Pelé, Beatles, sei lá mais quem... um bom jogador de futebol, um grande cientista.

Espera-se que se a pessoa desenvolver maturidade nesse campo chamado de admiração e de confiar em alguma coisa importante, aquilo que de início é definitivo como um ídolo ou uma coisa sensorial ou finita, possa ser infinito. Talvez isso seja que se chama de Deus.

Quando se tem oportunidade - eu estou falando de prática clínica - de analisar alguém que se diz ateu ou que diz não ter Deus, você vai descobrir que essa pessoa tem Deus. O Deus pode ser, por exemplo, o Marxismo. Ou uma idéia que a pessoa tem de que com aquilo vai "existir justiça" ou "paraíso" na terra.

Então, o que eu tenho que descobrir, com aquela pessoa, é em que valores ela acredita, a que tipo de Deus está servindo? Ela pode crer na ciência, justiça, dinheiro, amor à verdade ou a "barriguinha" cheia de gnocchi com vinho. Depende, porque tem gente que tem o Deus na barriga, tem gente que tem o Deus no pinto, tem gente que tem o Deus na vagina.

Eu, como analista, posso investigar se aquela pessoa vem para conversar comigo e, em que ela está acreditando; se está encarnando, com realidade, aquilo em que acredita. Porque parece importante que a gente acredite em alguma coisa muito séria para agüentarmos a barra.

Vocês não acham?

O Freud teve certo momento na vida dele, em que, a meu ver, cometeu um equívoco. Ele que me desculpe, mas ele cometeu equívoco, porque não tem ser humano que seja infalível. Quando ele reduziu o fenômeno de religião a uma neurose obsessiva, provavelmente aí já existiam questões sérias dele com o judaísmo e outras de ordem pessoal, que não me interessam saber, porque não sou iconoclasta.

Na época, existia uma ruptura com outro analista que estava investigando a fundo essas questões: Jung. E vocês sabem que uma boa parte dos pioneiros em psicanálise eram pessoas que pesquisavam muito e tinham muito conhecimento na área mitológica. Quando Bion esteve aqui em São Paulo, e esteve aqui várias vezes, ele destacava que uma das questões fundamentais em análise é você pesquisar a área mítica de cada pessoa para trazer à consciência as crenças dela.

Talvez, uma pergunta que esperasse de um de vocês fosse a seguinte: qual é a religião dos psicanalistas? Em que eles acreditam? Eu também poderia devolver a pergunta e dizer: quando vocês são pais, em que vocês acreditam?

Quando vocês estão amando uma pessoa, em que é que vocês estão acreditando?

Quando vocês são filhos, qual é a religião de vocês?

Eu acho que a gente precisa acreditar em alguma coisa séria.

Talvez, a psicanálise pudesse ter a ver com alguma questão nessa área de crença. Em que os psicanalistas acreditam? Por exemplo, a gente pode acreditar que, pesquisando a verdade psíquica daquela pessoa, haverá maturidade mental e emocional para ela. E é uma "crença" boa.

Bem, eu agradeço à vocês a paciência de terem me agüentado.

Solange Bertolotto Schneider - Nós é que agradecemos a sua exposição e a dedicação com que respondeu a

todas as questões. Eu gostaria, ainda, de avisar a vocês que amanhã nós encerraremos este evento com a participação de Nairo de Souza Vargas, pela Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Até amanhã. Muito obrigada.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- BION, WILFRED R. *Transformations*, Hememan, Ed.London, 1965.
- BION, WILFRED R. *Atenção e interpretação*, Rio de Janeiro, Imago, 1973.
- FREUD, SIGMUND. *Obras completas*. London, Standard Edition Hogarth Press, 1973.
- KLEIN, MELANIES. *Obras completas*. London, Hogarth Press, 1975.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

A Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo tem a sua sede na Rua Maceió, 441 - 5º andar - São Paulo - Fone: 011 256.3106.

Conta com aproximadamente 500 participantes entre candidatos e membros. Está ligada à Associação Brasileira de Psicanálise e Grupos de Estudos que tem conexão com a Associação Psicanalítica Internacional (IPA), com sede em Londres.

**Sociedade Brasileira de
Psicologia Analítica**

Psicologia Analítica - uma análise Junguiana

Nairo de Souza Vargas

Solange Bertolotto Schneider - Hoje, na nossa última noite de encontro, eu gostaria de apresentar a vocês Nairo de Souza Vargas, médico psiquiatra, analista junguiano, professor-assistente do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, membro-fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica; e também Fernando de Barros e Silva, repórter da Folha Ilustrada, formado em Filosofia pela USP. Relembro que este evento é uma organização do Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região e da Secretaria Municipal de Cultura.

Fernando de Barros e Silva - Boa noite. A palestra vai acontecer da seguinte forma: o professor fará uma exposição de aproximadamente quarenta minutos e vocês vão encaminhando as perguntas, por escrito, que as pessoas do Conselho vão recolher. Eu vou fazer uma triagem e, no final, a gente abre pra debates.

Nairo de Souza Vargas - Boa noite a todos. A minha tarefa de falar sobre psicologia analítica, em quarenta minutos, não é das mais fáceis. Eu vou tentar falar pouco, pra depois a gente conversar ou debater mais livremente. Em primeiro lugar, eu gostaria de elogiar enfaticamente a iniciativa do Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região e da Secretaria Municipal de Cultura por promoverem esse tipo de evento, visando trazer os profissionais das faculdades e dos con-

sultórios para dialogar e conversar com o público, em síntese, leigo, que está aqui hoje. Acho muito bom que haja esse tipo de atividade. É muito rico e criativo, um desafio pra gente, um prazer e, ao mesmo tempo, um sofrimento. A idéia de que freqüentemente se fala que estar aqui com vocês é um prazer é meio verdade, meio mentira, porque sofremos muito antes, ficamos preocupados em como é que vamos nos sair, como é que enfrentaremos essa tarefa.

A finalidade do encontro, pelo menos o que me colocaram, seria falarmos sobre o que é a psicologia analítica, a quem ela se destina, como é que ela se processa e como ela termina, de certo modo. Em primeiro lugar, eu vou falar um pouco sobre o que é a psicologia analítica. Psicologia analítica é uma teoria que, de alguma maneira, adveio das observações da experiência clínica de Carl Gustav Jung, que nasceu na Suíça, numa cidade pequena do interior, em 1875. Ele fez medicina e foi psiquiatra. Teve uma formação, portanto, basicamente médica e psiquiátrica, depois se tornou analista.

Há alguns episódios históricos que talvez valha a pena contar aos que não os conhecem, porque fazem parte da evolução do pensamento de Jung. Ele sempre se interessou muito por fenômenos que eram meio afastados da medicina. Sua primeira tese, a tese de conclusão e doutoramento, foi sobre psicologia e psicopatologia dos assim chamados "fenômenos ocultos". Ele achava que deveria haver interesse por essas manifestações que a medicina oficial não considerava: possessões, manifestações de comunicações extrasensoriais etc. Jung sempre foi interessado por esse mundo. E isso, de certa maneira, acabou lhe trazendo uma alcunha de místico, de religioso, quando ele foi fundamentalmente um médico pragmático, com toda sua proposição muito centrada na experiência clínica. Uma de suas máximas é que o real é aquilo que funciona, a medicina real é aquela que produz resultados. Se não funciona, não é verdade. Ele era um

espírito completamente pragmático, ao contrário da fama de ser alguém que vivia muito no "mundo da lua".

Psicologia analítica é um instrumento que se propõe a ajudar pessoas que sofrem ou que buscam um desenvolvimento no sentido terapêutico, de ajuda. Não no sentido terapêutico restrito de alívio ou de melhoria de sintomas, mas no sentido de uma transformação do espírito, do processo de individuação. Isso vale a pena esclarecer um pouco, por ser um aspecto fundamental na teoria de Jung que formulou a idéia, que é básica na sua proposição, de que todo ser humano nasce com potenciais diferentes e nasce pra se desenvolver, para atingir esses potenciais. Diferentemente de outras formulações, em que o indivíduo nasceria como uma tábula rasa, o ser humano para Jung é um ser que nasce para se desenvolver, pra encontrar-se como um todo, atingir seus potenciais. Dentro dessa perspectiva de individuação, a formulação da relação inconsciente-consciente é básica para ele. O ego, o consciente, é filho do inconsciente. O básico é o inconsciente, que é bem diferente para Jung no sentido de que ele não é um quarto de despejos não realizados ou de percepções subliminares, como é o clássico do inconsciente. O inconsciente é um mundo tão real e existente na nossa vida quanto o consciente, só que muito mais rico e muito mais amplo. Assim, o inconsciente do homem junguiano é um inconsciente criativo, que participa do desenvolvimento e é função essencial na evolução do processo de individuação do ser humano. Dentro desse processo de individuação, a busca é o indivíduo tornar-se "si mesmo", aquilo que ele é nas suas potencialidades. A comunicação ou essa permeação dialética entre o consciente e o inconsciente é feita através dos símbolos. Qualquer ação, objeto, imagem ou palavra é simbólico na medida em que encerra, facilmente, além do seu significado mais imediato e perceptível, um outro aspecto, que é inconsciente e que, portanto, não é fácil de ser comunicado. Por isso Jung dizia que o símbolo é a melhor

expressão de si mesmo. No momento em que ele pode ser explicitado de outros modos, deixa de ser símbolo. Um exemplo clássico é o da cruz que como sinal pode significar um local de assistência médica, mas que como símbolo é a vivência que um indivíduo tem ao se expressar ou vivenciar-se diante da cruz, o que não é possível se dizer em palavras nem se conceituar racionalmente.

O símbolo comporta todo um outro significado além, que está inconsciente. Ele é o permeador que tem um lado inconsciente e um lado consciente, funcionando como uma espécie de transmissor de linguagem do inconsciente para o consciente. Então, ao se sonhar com qualquer objeto, por exemplo, aquele objeto, que pode ser um sinal, é, ao mesmo tempo, um símbolo para o sonhador. Ele pode trazer percepções ou luzes novas que estão no inconsciente, pode trazer materiais expressivos para o consciente através desses símbolos, na medida em que se vivencie, que se perceba o que mais o símbolo está trazendo, além daquela percepção mais imediata. O inconsciente sendo criativo, tem potenciais. Esses potenciais, ou essas tendências mais comuns Jung chamou de arquétipos. A história de como isso veio também vale a pena contar, talvez seja interessante.

Jung trabalhava inicialmente no Hospital de Burgholzli, um hospital psiquiátrico, onde observava ou convivia muito com os pacientes psicóticos. Havia um paciente que vivia manifestando uma idéia de que, quando ele olhava para o Sol, se balançasse a cabeça, ele via um pêndulo e para onde o pêndulo se dirigia seria a direção dos ventos. Nessa época, Jung tinha o hábito de anotar tudo o que os pacientes falavam, porque achava que podia ter algum sentido naquilo que diziam. Depois de alguns meses dessas suas observações, saiu publicado um papiro recém-descoberto que tinha umas descrições de crenças mitraicas. Nesse papiro, havia um mito em que se descrevia esse mesmo episódio. Isso

chamou muito a atenção de Jung, como já havia chamado, em outros aspectos, essa possibilidade humana de haver manifestações - em mitos, religiões, folclores, contos de fada, no nosso inconsciente, através de sonhos e de fantasias - de padrões expressivos que são comuns a toda a humanidade. Esses padrões é que Jung denominou de arquétipos, que se expressariam através do corpo, do comportamento psíquico, emocional e social do indivíduo, enfim, em toda sua personalidade. Funcionaria como padrão que ajudaria a estruturar a nossa personalidade. Quer dizer, a personalidade, o nosso ego, não se estruturaria de uma maneira aleatória. Ela teria potenciais ou tendências que vão se constelar, passar a atuar em diferentes aspectos, em diferentes fases da vida. Para ilustrar, citemos um arquétipo que ele descreve, por exemplo, o do herói. Seria um padrão de comportamento herdado que todo ser humano tem e que de alguma maneira se constelaria ou apareceria mais em momentos de passagem ou momentos difíceis da nossa vida, que nos ajudaria a lidar com essa dificuldade. O exemplo mais comum é o da adolescência, que é uma fase em que se constela muito o arquétipo do herói, quando a personalidade é tomada por essa força arquetípica, onde há o impulso para que o adolescente enfrente situações novas ou desconhecidas, que ele possa abandonar ou romper com situações antigas e se propor a novas. Nessa hora, ele precisa ser herói, precisa ter força e essa mobilização viria como característica da espécie, ligada a esse padrão de comportamento. É claro, e acho bom que fique bem claro, Jung não estava falando em determinismo no sentido de conteúdo e sim de padrão, de comportamento básico, cujo preenchimento é uma vicissitude pessoal de cada um. Cada um vive o seu herói de seu jeito e à sua maneira. A possibilidade de se realizar, de um jeito ou de outro, a vivência arquetípica é variável e infinita. Mas a tendência, o padrão básico, que é próprio da espécie, é, portanto, comum a toda a humanidade.

Dois outros conceitos também importantes para a gente discutir depois, dentro da análise junguiana, são os de "Sombra" e de "Persona", dois aspectos arquetípicos, dois padrões que todos nós temos.

A Sombra é, basicamente, aquele aspecto da nossa personalidade que a gente renega ou põe de lado, porque de um jeito ou de outro não é bem visto. E a Persona - termo que vem do grego, onde representa a máscara do teatro - é aquela fisionomia, a atitude, a postura que nós temos e que usamos ou somos usados por ela no desempenho dos nossos papéis. Ela pode estar normal, no sentido do uso de uma certa máscara, certa postura, em certas circunstâncias, adequada e pertinente; e pode estar patológica, quando se está tomado por esta máscara, ela está grudada na cara, em todo lugar, em vários papéis, independentemente de ser adequada ou não. Por exemplo: uma paciente que era uma moça com uma persona de muito certinha, muito boazinha e que depois acabou fazendo um quadro de depressão grave. Ela teve um sonho, em que, já no processo de terapia, encontrasse com um amigo de cor que conhecera anos atrás e que era bem o oposto dela. Era um indivíduo de um outro país, um tipo bem assim, mochileiro, viajava pelo mundo inteiro à vontade, não tinha muitas maneiras adaptativas à sociedade. Era muito livre, mas um indivíduo muito simpático, inteligente, muito bom. E ela se encontra com esse indivíduo em sonho e vai levá-lo à casa dela, mas está meio com vergonha, não sabe como é que a família dela vai recebê-lo. Ele está com umas roupas bem diferentes, com umas trancinhas no cabelo, como ele costumava ser. Então, ela propõe arranjar umas roupas diferentes para ele, porque senão poderia criar problemas e tudo e tal...E dá uma preparada nele para apresentar à mãe. Só que quando ela apresenta à mãe, para surpresa dela, dentro do sonho a mãe o recebe muito bem, convida-o para fazer uma refeição. Quando termina a refeição, a mãe diz: "Que bom você poder ter trazido ele aqui

em casa. Seria muito pior se você tivesse trazido algum moço lourinho, bonitinho. Que bom que você teve coragem de trazer esse seu amigo. Convide-o pra ficar aqui em casa e ofereça o quarto de seu irmão para ele dormir". Esse sonho mostra bem a Sombra e a Persona. O quanto o lado de persona dela estava impregnado em seu ego, ligado ao mundo dos pais. Mas a mãe já não tinha mais essa persona e a sonhadora não percebia o quanto precisou ainda ficar estrita a essa formalidade, quando já podia ter uma coisa mais aberta e integrar esse lado que para ela era sombrio, já que era o oposto. Era a certinha, bem comportada e esse rapaz carregava um lado de sua sombra, o lado oposto daquilo que ela tinha na vida e que negava muito, essa vontade de ser mais solta, de sair, de ter uma vida mais livre.

Outro conceito importante, dentro da psicologia analítica que Jung introduz, é o de "Self". Jung propõe que a personalidade funcione como um todo, que tenha uma espécie de centro organizador, tanto consciente quanto inconsciente, o qual ele chamou de "Self" ou de "si mesmo", e que dá um sentido geral para toda a personalidade para que ela não funcione de uma maneira caótica e sim com uma organização. Às vezes, a gente percebe esse funcionamento do "Self" no sentido de que o inconsciente enxerga mais. Então, muitas vezes, acontecem coisas das quais a gente não está se dando conta e até achando muito inadequadas ou indevidas, até doentias, e depois a gente percebe que aquele caminho foi muito mais criativo e válido. O "Self" trilha caminhos muito estranhos ao nosso consciente.

Há um sonho interessante, também, em que aparece uma ajuda do "Self" numa terapia. A analisanda tinha levado vivências dela, já muito trabalhadas pela analista de uma maneira brilhante, muito efusiva, muito entusiasmada. A analisanda saiu da sessão vibrando muito, tinha sido muito boa. Na sessão seguinte, ela trouxe este sonho: ela estava como

uma tartaruga, andando num lugar cheio de meandros e de dificuldades. Havia uma mão que a ajudava a andar. Depois de certo tempo, essa mão a pegou pelo pescoço, puxou e arrastou, tirando-a do lugar onde estava meio emperrada. Ela ficou toda tonta, com o pescoço esticado e viu que essa mão era da analista. Assim, vem uma "dica" muito clara para nos ajudar na análise do quanto a interpretação ou o trabalho, às vezes, entusiasmado demais do analista está fora do ritmo ou da possibilidade do paciente. Temos essa ajuda, que vem através de sonhos ou de fantasias, no sentido de poder acompanhar melhor, não entrar nesse furor terapêutico ou nesse entusiasmo do tratamento.

A interação do analista com o analisando é fundamental na análise junguiana. Jung dizia que a personalidade do analista é o fator mais importante da terapia e da análise. Mais importante do que ele fala ou faz, é como ele se relaciona, a personalidade dele funcionando na análise. A psicologia analítica se propõe a trabalhar de uma maneira redutiva, causal, tanto na análise dos "porquês", como na análise prospectiva dos "para quês"; tanto no sentido regressivo, como no prospectivo, abrindo-se para lidar tanto com o criativo, que o indivíduo traz, como com o que está com defesas, vendo na defesa, eventualmente, a possibilidade de o indivíduo caminhar ou de progredir. Não há a leitura mais rígida de que a defesa é ruim e o que não é defesa é bom. Às vezes, o que é bom está na defesa e o indivíduo está precisando dela.

Uma proposição fundamental no trabalho do analista junguiano é a visão das polaridades da psique como um sistema dinâmico que se auto-regula. A própria psique, de alguma maneira, providencia ou traz auxílios, como no caso dos sonhos citados, no sentido de busca de uma melhoria, da transformação e da solução dos seus problemas. A nossa tarefa como analista é ajudar nesse processo, mas a própria psique tem esta potencialidade ou essa probabilidade. Ela se

auto-regula ou procura os seus opostos no sentido de buscar um equilíbrio. Sempre que está dissociada ou polarizada para um lado, há a possibilidade de aparecer uma mobilização no sentido contrário, buscando um equilíbrio.

Outro item é como se realiza a terapia ou a análise juniana. Fundamentalmente, ela é uma decorrência dessas formulações básicas, sendo, portanto, ciência e arte. Ela é ciência na medida em que tem proposições coletivas gerais como, por exemplo, que o inconsciente é um sistema dinâmico e criativo para todo mundo. E é arte na medida em que cada indivíduo é um indivíduo e a gente tem que trabalhar sempre diante de um encontro humano, de uma possibilidade que vai se realizar sob a responsabilidade do analista, de um certo modo. Então, ele vai trabalhar em função do processo de individuação do cliente, sabendo, é claro, que sempre estará existindo uma relação dialética mútua e ele pode também, e às vezes mais, beneficiar-se daquele encontro. Mas é um encontro, basicamente, dirigido pelos símbolos do cliente. Ele está a serviço do processo do cliente e são os símbolos que, de certa maneira, orientam esse processo, tanto através do que venha de relatos do paciente sobre a vida dele, de sua relação com outras pessoas, como daquilo que ocorre entre os dois, terapeutas e paciente, ou mesmo vindo através de manifestações corporais do paciente, ou de como ele vive a sua vida na sociedade, na relação dele com as pessoas no mundo em que está. Enfim, nas várias vertentes da personalidade do cliente, esses símbolos podem aparecer e a partir deles é que se orienta o processo analítico. O papel do analista é o de propiciar vivências simbólicas daquilo que o cliente traz. O trabalho é feito no sentido da vivência simbólica, quer dizer, que uma vivência seja transformadora e traga conteúdos inconscientes, reprimidos ou não, para que o ego possa crescer e o cliente possa se desenvolver.

Na psicologia analítica, os recursos técnicos são os mais

variados. Ela não se caracteriza por técnicas, mas por essa visão do ser humano. Cada analista junguiano trabalha do jeito que se sente capacitado ou melhor instrumentado tecnicamente. Desde que ele tenha esses referenciais teóricos, é livre para usar a técnica que achar mais adequada. Então, pode-se trabalhar com divã, com poltrona, com dramatização ou com desenho, desde que se propicie vivências simbólicas que possam ser ricas e transformadoras para o cliente. O analista junguiano trabalha com transferência, considera a transferência, mas não é o único nem o essencial instrumento, não é o caminho fundamental do analista junguiano. Talvez seja um pouco mais técnico, mas eu acho importante colocar que a transferência na relação, na análise junguiana é vista como um quaternio, quer dizer, entram ego e inconsciente do analista e do analisando. Quem tem consciente e inconsciente não é só o cliente. Às vezes, podem aparecer coisas do inconsciente do analista. Por isso, o analista deve estar sempre aberto a essa possibilidade.

Fernando de Barros e Silva - Se alguém quiser fazer perguntas, por escrito, por favor, encaminhe às pessoas do Conselho que estão recolhendo. Alguém tem alguma pergunta aí, ou não?

Nairo de Souza Vargas - Se eu entendi o que o senhor perguntou, concordo que os verbos possessivos criam problemas mesmo. A gente precisa aprender a trocar, ter uma dialética, não abandonar o verbo possessivo (argumentação da platéia).

Bem, esse processo de morte, renascimento e transformação é difícil mesmo. Mas se a gente não morre, não se vive.

A outra proposição seria a quem se destina a psicologia analítica. Destina-se, a quem a procura ou a quem sinta necessidade. Em regra geral, são pessoas que têm algum nível de sofrimento ou de sintoma, ou pessoas que não têm uma

queixa mais direta de sofrimento, mas que estão buscando um processo de desenvolvimento, de enriquecimento. Sempre vão aparecer dificuldades, porque dificuldades todos nós temos. O "setting" dentro do qual a gente trabalha é variável, como eu disse, de analista para analista. Tem analistas que trabalham com caixas de areia, com dramatização; tem analistas que usam mais divã. Basicamente, trabalha-se cara a cara no sentido, assim, de um ver o outro. Quer dizer, o analista junguiano está muito mais exposto. Ele vê e é visto, analisa e é analisado constantemente. É um trabalho no qual você está muito mais exposto e correndo riscos, porque está muito menos protegido. Jung dizia que ele esperava que nunca houvesse junguianos que, de alguma maneira, justificassem o que faziam em cima do nome dele. Ou seja, cada um deve ser livre para fazer aquilo que acha válido e deve justificar e assumir sempre a responsabilidade por aquilo que está fazendo no seu trabalho analítico.

O término da análise, um assunto sempre bastante discutido na psicologia analítica, espera-se que seja um acordo. Dentro daquele "setting" protegido, que é uma situação criada artificialmente para se propiciar ou aflorar o aparecimento daquilo que está mais negado, daquilo que está mais difícil, daquilo que está mais reprimido, quando analista e analisando concluírem que aquilo que tinham que fazer juntos (dentro dessa necessidade de um "setting" fechado) terminou, é a hora de parar a análise. Isso não significa que ela não possa ser retomada mais tarde ou diante de novas circunstâncias de vida, porque, como vocês devem ter percebido, o que foi colocado das formulações de Jung é que a neurose pra ele não é um problema que se gera só da situação infantil. O indivíduo pode ficar neurótico a qualquer momento da vida. Então, a qualquer momento, você pode precisar e querer retornar a uma análise. Portanto, término é basicamente um acordo mútuo

que é o ideal quando ocorre.

Os objetivos de uma análise são sempre muito discutíveis, variáveis de pessoa para pessoa. Jung propunha que se deixasse a pura experiência decidir. Dentro do acordo mútuo entre analista e analisando, na hora em que eles acharem que os objetivos possíveis e queridos entre os dois foram atingidos, é hora de parar. A pura experiência é que decide. Qualquer outro critério é sempre muito discutível. Na medida em que o inconsciente e o consciente conseguem ter uma dialética mais rica e mais viva, a personalidade atinge mais a sua plenitude, com possibilidade de uma ligação. E isso continua após a análise, por toda a vida. O processo de se religar com esse todo, de onde nós viemos como ego e para onde voltamos e vamos voltar um dia, é um processo eterno, que continua sempre, com análise ou sem análise.

Auditório - Você falou da transferência. Na psicologia junguiana tem a contra transferência também?

Nairo de Souza Vargas - A gente chama de contra transferência só pra distinguir uma da outra, mas pra nós é a mesma.

Transferência é tanto do analista quanto do analisando. Existe transferência dos dois lados. O termo clássico "contra transferência" é só pra não ficar falando transferência do analista e transferência do analisando. Pra nós os dois fazem transferência. Não existe a idéia de que o analista não faz transferência. Faz sim.

Fernando de Barros e Silva - Olha, antes de fazer a próxima pergunta, eu pediria que vocês parassem de mandá-las, porque já tenho mais de trinta perguntas e não vai ser possível responder todas. Então, eu retomaria a segunda questão: uma pessoa pergunta dos padrões arquetípicos, se eles não seriam diferentes de cultura para cultura. Esse é um ponto também. Existem várias perguntas sobre a divergência entre Jung e Freud, quando se deu a

ruptura.

Nairo de Souza Vargas - Um ponto é a noção de arquétipo, que Freud não aceita. Foi criada por Jung. Vale a pena falar um pouquinho da parte histórica. Jung, embora tenha sido discípulo de Freud, já vinha de proposições diferentes até mesmo antes de conhecer Freud. Eles tiveram um encontro muito significativo. Jung escreveu para Freud e depois mandou o livro que ele tinha publicado sobre a demência precoce e elogiou muito o livro de sonhos de Freud. Marcaram um encontro em Viena, quando ficaram treze horas conversando sem parar. Parece que foi uma paixão muito grande. Depois, a separação foi igualmente dolorosa. Costuma acontecer: as divergências entre eles já eram antigas e estavam centradas, principalmente, nessa vivência do inconsciente criativo e na noção de arquétipo. Freud falava de resíduos arcaicos da personalidade, mas não chegou a formular o conceito de arquétipo, que Jung elaborou como pertencente à categoria dos universais. É um padrão de comportamento herdado e que não tem diferença, porque ele é próprio da espécie, de uma cultura para outra. Sendo essa sua característica fundamental, ele aparecia com coloridos diferentes. As imagens arquetípicas são muito diferentes de uma cultura pra outra, mas o padrão arquetípico, aquilo que é o essencial, e que, portanto, não é abordável (o arquétipo em si é inatingível, pois só aparece através das imagens) é universal.

Olha, o aspecto de que a Solange está falando, o arquétipo da Grande Mãe. Esse seria o arquétipo que orientaria e estruturaria a dinâmica da mãe, a que cuida, alimenta e protege um dinamismo da nossa personalidade, que é estruturado, basicamente, através desse arquétipo. Ele pode aparecer de diferentes maneiras, ou com diferentes conteúdos, nas mais variadas culturas. Mas, o arquétipo da Grande Mãe sempre encerra esse aspecto: ela é a acolhedora, a nutridora, a que sustenta a vida. Isso está em todas as

grandes mães, que aparecem em qualquer cultura, religião ou povo.

Fernando de Barros e Silva - Tem quatro perguntas sobre a relação entre a psicologia analítica e o misticismo. Eu vou especificar. Um pergunta como a psicologia analítica trata a obra do I Ching. Sabe-se que Jung fez o prefácio de uma das obras do I Ching. Outra pergunta pede pra falar um pouco mais sobre a relação de Jung com o misticismo: até que ponto a teoria Junguiana é científica? E outra diz respeito também a essa questão do inconsciente coletivo: até que ponto isso é científico ou não? Acho que esse é um ponto, porque o misticismo está na moda. Paulo Coelho está vendendo bem.

Nairo de Souza Vargas - É místico no sentido de não fugir do confronto com as produções do homem no campo metafísico. Agora, não é místico no sentido de propor uma teologia com referenciais escatológicos, quer dizer, de uma proposição além da morte. A proposição da psicologia analítica é científica, trabalha com as produções do ser humano em qualquer nível, inclusive o metafísico. As formulações de um indivíduo, as fantasias, os sonhos e as crenças dele a respeito do além, do pós-morte, isso importa para a psicologia analítica, porque é uma produção humana. Só que a psicologia analítica, como ciência, vai até esse limite. Ela não faz proposições no sentido teológico-metafísico, pára aí, que é o limite da ciência. Ela não foge de trabalhar com essas produções, que são do ser humano. A vivência religiosa é uma vivência fundamental do ser humano. E poder lidar com ela é fundamental para o analista, só que ele não está ali fazendo teologia, está ali fazendo ciência, o que é diferente. Ele está trabalhando com aquelas manifestações do indivíduo dentro dos limites do humano. Jung sempre se interessou muito por esses fenômenos, mas dentro de uma perspectiva científica. Agora, a ciência, de um modo geral, teve muito horror de tudo aquilo que dizia res-

peito a essas manifestações. Fugia disso na medida em que deixava este campo para os padres, para os religiosos. Jung se interessava por estes fenômenos, por isso ficou com a alcunha de um indivíduo místico. Uma outra fonte foi a receptividade que ele teve para com manifestações do inconsciente, vivências através de alquimias e outras formas de apresentação.

Quanto a essas técnicas de mobilização, eu vou tentar ver se trago alguma coisa para diferenciar isso. O Tarô, o I Ching, qualquer uma dessas técnicas não são, necessariamente, nem se propõem a ser, oraculares. Jung as entendia dentro do princípio que ele formulou: a sincronicidade. O inconsciente não está só na cabeça do indivíduo. Está dentro e fora. É aquele conceito (Unus Mundus) que a microfísica traz muito também. Então, o que acontece dentro pode estar acontecendo fora, e de uma maneira significativa, não só por acaso. Quando você está pensando numa questão e aquilo está constelando, está fortemente presente no inconsciente, e você fica jogando as varetas do I Ching, é possível, dentro das múltiplas possibilidades do movimento das varetas, ter uma coincidência que seja significativa com o que está acontecendo com você, no seu inconsciente. Como probabilidade, como uma possibilidade mais provável, pode ser útil ou rico no sentido de que coisas se mobilizam em você. Mas esta vivência não é para ser usada como uma situação de verdade adivinatória ou como oráculo. A linguagem oracular é sempre uma linguagem imprecisa, simbólica, uma linguagem do inconsciente, de probabilidade. Pode ser que existam analistas que, às vezes, usem como técnicas de mobilização algum recurso deste tipo. Mas não é um trabalho sistemático nem característico da psicologia analítica. Da mesma maneira que você pode usar o divã, uma dramatização, um desenho... eventualmente, um analista junguiano pode usar também um I Ching se ele quiser, mas como técnica de mobilização e não

como uma verdade oracular.

Fernando de Barros e Silva - Tem três questões aqui tratando ainda das diferenças entre Freud e Jung na questão da sexualidade. Uma pessoa pergunta se na psicologia analítica a sexualidade tem o peso que tem na psicologia freudiana. Outras duas perguntas... Não só a questão do Complexo de Édipo, não sei se pode entrar... Como o Jung vê a questão do complexo de Édipo...

Nairo de Souza Vargas - A sexualidade é importante, sem dúvida, mas não tem a importância que tem para a psicanálise clássica de Freud. O conceito de libido para Jung é semelhante ao de energia na Física. A energia do ser se manifesta em várias vertentes, inclusive na sexualidade. Eu não preciso entender como sublimação da sexualidade a possibilidade de formação e de desenvolvimento de uma moral. Ela é própria, quer dizer, a energia da libido tanto pode ir para a sexualidade como para o desenvolvimento de uma moral. Ela não é sinônimo de sexualidade. A libido é energia no seu amplo significado. Nesse sentido, é muito diferente. Jung, por exemplo, dizia que em certas fases de vida a libido é muito mais caracterizada, flui muito mais para aspectos de preocupação espiritual, transcendental, do que da sexualidade. É o mesmo conceito da Física, podendo ir por um lugar ou por outro, fluir por vários caminhos. Você pode achar que a energia é só sexual e que qualquer outra manifestação tem que ser reprimida ou sublimada daqui para ela poder ir para outro lugar. Jung entendia como sendo uma energia de base que, dependendo das variáveis, das situações e das fases da vida, podia fluir para um lado ou para outro.

Tinha mais alguma... Ah! A questão do Complexo de Édipo. Bom, o Complexo de Édipo é uma estruturação básica da personalidade, tão importante na psicanálise como na psicologia analítica. Só a maneira de entender que é diferente. O Complexo de Édipo é visto dentro de uma situação

muito mais simbólica, não só dentro da sexualidade. A sexualidade é vista como uma sexualidade simbólica, quer dizer, no sentido de que não é necessariamente entendida como um desejo quanto à sexualidade do filho em relação à mãe. É um incesto simbólico do filho ficar grudado ou próximo da mãe, sem querer, sem poder estar rompendo esta ligação. Por exemplo, a morte, que aquele senhor falou: abandonar alguma coisa para ir para outra. Então, se ele fica grudado na mãe, ele está em incesto com a mãe. O incesto não é sinônimo de uma ligação só sexual. Pode até entrar também, mas isso não é o fundamental. O fundamental é a fixação incestuosa na mãe, a necessidade da ruptura dessa ligação para que ele possa deixar de ficar naquela ligação dual só com a mãe, poder triangular com outra figura parental, poder ir aprendendo a ser filho da mãe, filho do pai e poder estruturar esses dinamismos de um modo diferente.

Fernando de Barros e Silva - Jung considera, como Freud, que há um desejo inconsciente da criança matar o pai, do filho matar o pai, no caso; que há um desejo inconsciente de ter a mãe por inteiro.

Nairo de Souza Vargas - Simbolicamente sim, no sentido de que ele tem o desejo, às vezes, regressivo de continuar grudado, porque assim ele vive uma situação meio paradisíaca. É a vivência dual com a mãe: ele, em tendo a mãe, tem tudo. Então, a entrada do pai, ao mesmo tempo que é para o progresso, é a ameaça de perda de uma situação muito privilegiada, muito paradisíaca. Gera ódio. Assim, é um processo sofrido, em que ele vai integrar esses dois dinamismos, muito bem descritos por Iraci Galias, no sentido de estruturá-los de modo completo. Primeiro, um padrão em que é filho da mãe, depois filho do pai; pra depois, numa segunda fase da vida, poder ser mãe de filho e pai de filho, que são dinamismos diferentes. Uma mãe, pessoa, humana, mulher, tanto tem o dinamismo de mãe, psicologicamente falan-

do, como o dinamismo do pai. Mãe também põe ordem, fala não, dá esporro, só que ela faz isso de um jeito diferente. O pai, homem, também pode e deve ter o desenvolvimento de um dinamismo de mãe: ser acolhedor, alimentador, aquele que limpa, que cuida, mas ele faz isso freqüentemente de um modo diferente do da mulher. Então, é bom que os papéis de pai e de mãe sejam, como dinâmicas, exercidos pelos dois, porque isso ajuda a não ficar fixado só em um.

Fernando de Barros e Silva - Eu vou formular, não sei se todo mundo aí atrás ouviu. Ele pergunta se a teoria do Complexo de Édipo daria conta de uma suposta bissexualidade humana. Ele acha que ela não dá conta. Então a pergunta é onde fica a homossexualidade dentro do Complexo de Édipo, se ele dá conta ou se Freud falhou nesse ponto. Freud e Jung.

Nairo de Souza Vargas - Os mitos se referem a diferentes dinâmicas. Um mito não dá conta de tudo, por isso é que tem tantos. Mas se você ampliar um pouco mais o mito de Édipo e for às origens dele, Laio, o pai de Édipo, foi o introdutor mitológico do homossexualismo na Grécia. Ele seduziu Crísipo, filho de um rei que o hospedou. Ele tinha problemas ligados à homossexualidade. Provavelmente, deve ter sido isso uma das causas de tantos problemas com o filho. Porque, mais do que só o problema de Édipo, o problema era do Laio, que mandou matar o filho antes.

A gente fala muito no Édipo, mas se esquece de que ele foi um herói, transformou alguma coisa, superou alguma coisa. Além do Édipo Rei, que trata dessa dinâmica, há o Édipo em Colono, que é uma continuação do mito, em que ele se resgata, em que vai pelo Jardim das Eumênides e, depois de ter se resgatado diante do crime, conquista uma vida que não tem fim. A vivência é a de poder matar simbolicamente o pai e o mito se refere a uma situação básica de vida. Então, a morte do pai é simbólica. Claro que o mito trágico traz

aquilo dentro de uma vivência de realidade e que nós vivenciamos simbolicamente o que significa realmente dentro da gente. A gente precisa mesmo matar o pai, mas precisa matar o pai e matar a mãe também, porque a saída do mundo parental não implica só a morte do pai. Tem que matar o pai e a mãe.

Fernando de Barros e Silva - Tem uma questão aqui que eu acho interessante. Se a terapia, a psicologia analítica, pode ser aplicada a pessoas de nível sócio-econômico baixo.

Nairo de Souza Vargas - Pode, sem sombra de dúvidas. É claro que na medida em que o trabalho do analista junguiano está a serviço do processo do paciente deve se adequar às possibilidades e necessidades do cliente. Caso seja útil e adequado que um paciente necessite só de uma sessão, é só uma sessão que a gente faz. O difícil, às vezes, é você ter o linguajar, a possibilidade de atuar no nível do paciente. Eu trabalho no Hospital das Clínicas há muitos anos e atendemos pacientes de nível muito baixo em termos econômicos e culturais. É muito fácil falar com o paciente se a gente não ficar empregando "palavrões" que eles não entendem. Mas se você fala de fatos ou fala de um jeito que ele entende, é muito fácil, e até muito mais adequado, porque é uma técnica que procura o ser humano na sua inteireza, na sua plenitude.

Auditório - Inaudível...avaliação sobre Ulisses de Joyce.

Nairo de Souza Vargas - Olha, eu gostaria de fazer uma abordagem melhor se eu conhecesse o Ulisses de Joyce. Eu só conheço o do Homero. Mas, pelo que você falou, dá para tentar fazer alguma coisa.

O Ulisses do Homero era um herói grego e com as características do herói grego, da cultura grega. Era um herói malandro, meio vivo, meio safado, às vezes desonesto, que eram aspectos heróicos da cultura grega e, pelo que você está falando do Ulisses de Joyce, parece até que ele tem se-

melhanças com o tipo anti-herói. Ele era mais frágil, tinha outras características. Então, o herói vai ter aspectos muito próximos da cultura em que foi mobilizado. Um herói babilônico, por exemplo, era um herói de espada na mão, dando porrada e matando, fazendo e acontecendo. É muito variável, de cultura para cultura, o preenchimento, quer dizer, as características, a essência do herói. O que é arquetípico é essa figura que mobiliza forças para superar um obstáculo.

Acontece de um herói se transformar? Olha, em termos de arquétipo acontece, porque o arquétipo está no mundo todo, em todas as culturas. Agora, a transição e o aproveitamento, isso tem muito. Acho que um famosíssimo é o Cristo, que incorporou uma série de qualidades de outros heróis anteriores. Inclusive o dia do nascimento do Cristo não é dia 25 de dezembro. Quem nasceu em 25 de dezembro foi um outro herói, chamado Mitra, que era cultuado na Ásia Menor e que era muito popular. Cristo, historicamente, nasceu em outro dia. Então, houve muito de integração de heróis, no Cristianismo, para poder difundir o culto.

Fernando de Barros e Silva - Há algumas perguntas que abordam a prática analítica, não tanto a teoria. Tem uma que é engraçada. Diz o seguinte: — "É verdade que o terapeuta junguiano brinca de roda com os pacientes, como diz a Revista Veja?" Eu vou juntar as perguntas. Outra quer saber se a linguagem do corpo seria uma das técnicas que a psicologia analítica utiliza. As outras são sobre a formação do analista, e quais são as técnicas. Eu acho que você já falou um pouquinho sobre isso.

Nairo de Souza Vargas - Mas penso que vale a pena reabordar. O que caracteriza o analista junguiano não é a técnica que ele usa, mas a visão de mundo e de ser humano que ele tem e a visão da psique. Como ele aborda a psique humana? O fato de alguém usar uma técnica "x" ou "y", se ele justifica isso em cima daquele paciente, naquela fase, ele

pode usar. Ninguém proíbe. Eventualmente, até brincar de roda. Se alguém achar que é importante brincar de roda, eu não vejo por que não. Se você está trabalhando em um grupo, e num dado momento é importante fazer um jogo dramático e uma vivência corporal - não só brincar de roda, pode ser amarelinha, qualquer outra brincadeira - não vejo nenhum mal que isso possa causar. O que eu acho mal é ficar colocando a coisa assim, de forma crítica, destrutiva, como se isso não fosse uma coisa séria. Trabalhar com o corpo ou propiciar a vivência simbólica de uma situação, às vezes até infantil, para um paciente pode ser uma coisa mais do que muito séria, muito terapêutica. Então, por que não?

Agora, a outra pergunta, sobre a linguagem do corpo... Se o terapeuta junguiano conhece bem os recursos de um trabalho corporal, ele pode e deve usar, não há nenhum inconveniente. Claro que, dependendo de como trabalha, às vezes vai privilegiar certos caminhos. Tem analistas junguianos que trabalham usando mais recursos ligados à transferência. Ele não vai mexer muito com o corpo, mas o fundamental é que o processo seja orientado pelos símbolos do paciente, pelo processo do paciente.

Então, se um paciente, por exemplo, do sexo feminino, está numa transferência erótica muito grande com o analista, obviamente ele precisa ter muito cuidado se for trabalhar com o corpo. O melhor é não trabalhar, dar um tempo pra deixar esfriar um pouco essa transferência. Será muito difícil. Principalmente se ele tem uma idade próxima de uma idade compatível para uma relação humana com esse paciente e a transferência erótica está muito aquecida, está muito forte. É uma boa técnica, e até uma questão de bom senso, não botar lenha no fogo.

Fernando Barros e Silva - Duas perguntas sobre o tempo médio de uma análise junguiana, se existe um tempo que pode se considerar ideal, médio ou não. E a outra diz respei-

to à formação do analista junguiano. Qual seria a formação acadêmica, enfim...

Nairo de Souza Vargas - Olha...a pergunta é quanto tempo dura uma sessão e uma análise...

Fernando Barros e Silva - Não, não. A pergunta é quanto tempo dura o processo analítico.

Nairo de Souza Vargas - Olha, o processo analítico é muito variável, como sempre. Eventualmente tem paciente que você atende (isso lá no HC acontece não tão raramente) duas ou três sessões, você faz uma terapia, não sei por que não chamar isso também de análise, porque fica um preconceito de que uma análise tem que ser uma coisa muito longa, muito prolongada... Se analisou o que era necessário, fundamental para aquele paciente, ponto. É uma análise colocada a serviço do paciente e das possibilidades dele, dos símbolos dele. Na hora em que ela se esgota, acaba. Tem análises que duram muitos anos e outras, poucos meses. De um modo geral, é um processo relativamente longo. A vantagem é que a gente não costuma trabalhar com um número de sessões tão grande como era o tradicional na psicanálise. Normalmente o analista junguiano trabalha com duas sessões por semana. E, eventualmente, depois de algum tempo, no fim do processo, com uma. Em alguns casos, ou porque o paciente está mal, ou porque existe muito interesse também, pode-se atender mais do que duas vezes por semana, mas não é o mais comum. O mais comum, como padrão, é duas vezes por semana.

A formação do analista junguiano é feita através das Sociedades que existem em quase todo o mundo. A formação, quer dizer, formal ou acadêmica reconhecida internacionalmente. Há algumas exigências prévias para o indivíduo se candidatar à Sociedade e, uma vez tendo sido aprovado, ele tem quatro anos de formação. Em geral, para ser candidato, é preciso já estar formado ou em medicina ou em psicologia,

no mínimo, há dois anos; ter um ano de experiência clínica; ter um número de horas de supervisão. Procuramos pessoas que já tenham uma certa maturidade, um certo tipo de vivência, para começar a formação de analista. Existem variações de pré-requisitos e exigências para as diferentes Sociedades nos diversos países. Estou falando da peculiaridade da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Durante os quatro anos de formação, ele deverá fazer supervisão, análise de controle, estudos teóricos e completar trezentas e cinquenta horas de análise pessoal, individual. Depois, deve fazer um trabalho de conclusão de curso, defender uma tese no final da formação.

Jung foi o primeiro que enfatizou, e muito, a necessidade do analista se tratar ou se analisar. Foi ele que sugeriu isso a Freud, porque ele reputava como uma coisa fundamental o analista ser uma pessoa que estivesse mais adequada ao seu trabalho. A personalidade do analista era o principal instrumento de trabalho para a análise. O profissional deve investir muito na sua própria análise, e, principalmente, no seu próprio processo de crescimento e desenvolvimento. O analista junguiano que não cuida do próprio inconsciente, que não está aberto aos próprios sonhos, às fantasias ou que não as leva em conta, está mau. Quando acontecem coisas, a gente tem que ter uma certa abertura para vivenciá-las no mundo da fantasia ou no dos sonhos... Essa experiência que eu tive aqui, por exemplo. A minha palestra teria que ser na segunda-feira, mas tive uma labirintite meio brava e a palestra teve que ser adiada. Por um lado, é uma labirintite; por outro, a gente tem que parar e pensar um pouco. O que será isso na minha vida? Que sentido tem? Para que serve? O que mais isso pode me ensinar a respeito de mim mesmo? A gente tem que estar aberto aos símbolos que surgem na nossa vida, em diferentes circunstâncias, não só nos sonhos e fantasias, mas podem surgir no corpo ou em tantas outras situações.

Fernando Barros e Silva - Tem uma questão que trata do aspecto teórico que foi abordado, inclusive na sua exposição. A pessoa pergunta o que é a individualidade. Quando se despoja o indivíduo de suas máscaras, de suas personas, se resta alguma coisa. Eu acho que esse processo de despojamento é o processo analítico, não sei. Se um indivíduo se resume a um conjunto de máscaras ou se é algo além?

Nairo de Souza Vargas - A individualidade nem sempre é sinônimo de um indivíduo individuado, porque individualidade muitas vezes é usado como sinônimo de uma coisa, vamos dizer assim, mesquinha, egoísta. E o indivíduo individuado, pelo contrário, é um indivíduo extremamente coletivo, aberto. Porque se ele está na sua plenitude, está muito social, muito coletivo, muito comum; ao contrário do egoísta.

A pergunta: "se tiram todas as máscaras o que é que sobra?" Acho que eu gostaria, primeiramente, de recolocar a questão da máscara, da persona. A máscara não é, necessariamente, uma coisa ruim. Há situações na vida em que é muito bom, e é adequado, usar uma certa máscara. Mas que a gente use e não que seja usado por ela. Devemos distinguir, como coloca o Byington, uma persona patológica de uma persona adequada, criativa. Suponhamos que você vai conversar com uma pessoa que naquele momento não pode receber a notícia de que está doente. Ele não está em condições, não está preparado para receber diretamente a notícia. Nesse caso, é muito bom que usemos uma máscara no sentido de comunicar o fato de uma maneira que seja melhor para ele. Então, você está usando uma máscara. Ou numa situação social em que você está fazendo um uso daquela máscara que você repute adequado. Ela não é uma coisa ruim, é um instrumento da nossa personalidade. A máscara se torna patológica, doentia, quando eu começo a me identificar com ela, quando funciona como se fosse ego. Se eu tenho uma máscara de general e estou passeando ou

brincando com os amigos e, depois, continuo com cara de general, comportando-me, como se fosse general o tempo inteiro, isto é patológico. Se a gente tira essas máscaras, provavelmente deve sobrar o ego do indivíduo. Agora, existem pessoas que têm muito pouco ego, ou quase nenhum, e se a gente tirar a máscara, fica um vazio. Ele está tão identificado com a máscara que se você tirá-la ele literalmente se desmonta.

Fernando Barros e Silva - Uma pessoa não entendeu exatamente o que é o processo de individuação. Ele tem a ver com a questão das máscaras?

Nairo de Souza Vargas - De um certo modo. O processo de individuação seria um processo de vida. Você nasce para ser o indivíduo que é, porque as pessoas não nascem iguais. Elas nascem com potenciais diferentes, que podem ou não se realizar no decorrer da vida. Esse processo, que na primeira metade da vida basicamente é a grande meta da individuação, é estruturar um ego. Quer dizer, o indivíduo se estrutura com uma consciência, que se autoafirma, que se realiza, que adquire um status social, realiza-se como indivíduo consciente. E, na segunda metade da vida, quase sempre a grande tarefa da individuação é a busca de um sentido mais profundo da vida. Para que é que eu existo? O que eu quero da vida agora? Já fiz aquelas coisas mais comuns ou básicas da primeira metade: já tenho uma profissão, já ganhei dinheiro, já casei, tive filhos e, agora, o que mais que eu quero da vida? O processo de individuação é um processo de vida, quer dizer, é eu me tornar o indivíduo que sou no meu fundo, atingir minha plenitude, "tornar-se si mesmo". Isso é o processo de individuação. A formulação de Jung é no sentido de que não nascemos aleatoriamente; que aquilo que eu sou não é uma coisa aleatória, que não decorre só do acaso; que há potenciais, características que são muito minhas e com os quais eu tenho um certo compromisso e, se eu não os reali-

zo, não os vivencio, de alguma maneira, pago por isso. Quer dizer, se eu não tenho uma ambição em determinado sentido, se eu não sonho realizar determinada coisa e se eu não as faço, não há problema. Porém, se uma pessoa não realizar aqueles potenciais tão importantes para ele, isto custará caro.

É fundamental tomar em conta os meus sonhos, as minhas buscas e as minhas necessidades, pois na medida em que eu nego isso, vou ter que pagar. Em geral, temos os tais dos avisos, que mostram, às vezes, que eu não estou no meu caminho, "na minha", não estou tomando em conta aquilo para o qual eu realmente existo na vida. O processo de individuação seria isso: a realização do meu "si mesmo", do meu "Self".

Fernando Barros e Silva - Há uma pergunta pedindo para esclarecer como Jung diferencia neurose de psicose, se ele usa esses conceitos.

Nairo de Souza Vargas - Usa. Basicamente a neurose é a repetição compulsiva de um mecanismo de defesa, mas o ego está mantido. Na psicose você tem uma desestruturação do ego, quer dizer, o ego se desmancha e o inconsciente, de um certo modo, aflora mais livremente, o indivíduo passa a atuar inconscientemente de um modo global. A diferença, de uma maneira mais simples, seria essa. Na neurose, você tem um desmanchar do ego, que desaparece.

Tem uma outra pergunta aqui: o que é "animus" e "anima"? São outros dois arquétipos. Na verdade, é um só, o arquétipo do coniúncio, da conjugação, o padrão que surge no sentido da busca do "outro", que nos convoca para o resgate e desenvolvimento do nosso "outro lado", oposto ao que temos na consciência. É uma característica própria do ser humano, ele sempre tende a buscar o oposto dele. Basicamente, o padrão seria o macho procurar a fêmea, a companhia que lhe completa, aquela que traz as coisas que ele

não tem. Então, a "anima" seria a expressão desse arquétipo no homem, é a contrapartida do Ego do homem; e o "animus" seria a expressão desse arquétipo na mulher. Possuem características opostas àquelas que o indivíduo tem na consciência, a busca do oposto, do outro, para restauração de uma plenitude, de uma riqueza maior da personalidade.

Auditório - A Anima tem que ver com a mãe?

Nairo de Souza Vargas - Em regra geral, não. Pode começar lá. O arquétipo vai se instaurando aos poucos no dinamismo da vida da pessoa. Um menino pode começar a viver coisas da "anima" com a mãe, com a irmã, com a prima. Basicamente, a "anima" vai ser vivenciada é com a namorada. Mas quase sempre a primeira "namoradina" é a mãe. Então, tem algo, mas o arquétipo, em si, é o do oposto. A plenitude dele é com o oposto, quer dizer, do homem é com a mulher e vice-versa. Claro que isso pode ter variações, inclusive algo ligado à bissexualidade ou à homossexualidade, como ele levantou. Por isso que, necessariamente, você não tem que falar que a "anima" do homem é uma mulher ou é feminina. Ela é a "anima". Dependendo deste homem, ela vai ter características diferentes. Se um homem, por exemplo, é homossexual e tem características femininas, a "anima" dele pode ter marcas de masculinidade. O arquétipo não tem preenchimentos, ele é um padrão. Suas características são variáveis ao infinito de uma pessoa para outra.

Auditório - Eu queria saber, porque não ficou claro para mim: arquétipo e raça, como isso é dinamizado?

Nairo de Souza Vargas - Olha, são conceitos que não têm nada a ver um com o outro. Arquétipo é uma proposição própria da espécie humana, uma maneira de se entender por que certos padrões se repetem em todas as culturas ou em todos os aglomerados humanos. Raças implicam características biológicas diferentes. Não têm diferença quan-

to a isso. A tua pergunta é se o arquétipo da Grande Mãe é diferente na raça negra ou na raça branca? Não. O arquétipo é o mesmo em qualquer raça.

Auditório - Eu queria saber do psiquiatra se Jung abandonou a postura psiquiátrica e como é que ele viu os sintomas de psiquiatria, que engloba, por exemplo, a esquizofrenia, que é um mito em psiquiatria. Não sei se ele chegou, cronologicamente, a encontrar as raças, quer dizer, se ele chegou a abandonar a postura psiquiátrica.

Nairo de Souza Vargas - Olha, não sei nem se ele chegou a ter a postura clássica, porque, logo no começo, Jung era meio anti-psiquiatra nesse sentido. Por exemplo, ele sempre viu o sintoma como uma manifestação da personalidade do indivíduo e não necessariamente como uma coisa ruim, que tem que ser eliminada. Muitas vezes, é através do sintoma que está o caminho de individualização ou da salvação. O sintoma é uma manifestação da personalidade, que pode ser útil ou não, que pode ser bem ou mal usado. Ele não tinha aquela visão mais restritiva, que muitas vezes é chamada de modelo médico (eu não concordo muito, pois isso é fazer mau juízo dos médicos), de que o sintoma é só uma coisa ruim e tem que ser eliminado a qualquer custo. E não é. Muitas vezes, é através do sintoma que se encontra a cura. O sintoma é um símbolo como qualquer outro, você tem que vivenciá-lo, enriquecendo-se através dele. Às vezes, é pela ansiedade que se está sentindo que se formulam idéias, que se tem fantasias, que se faz associações e que se pode identificar aspectos inconscientes. E ainda: o seu consciente cresce com aquilo que lhe vem pela vivência da ansiedade. Existe ainda muita controvérsia a respeito da esquizofrenia. Pessoalmente, não creio que ela seja um mito da psiquiatria. Há casos em que um fator endógeno, com forte penetrância genética, é um dado importante.

Fernando Barros e Silva - Uma pergunta que engloba todo evento diz o seguinte: nessa palestra foram abordadas quatro linhas psicoterápicas: o psicodrama, a psicanálise freudiana, a psicanálise lacaniana e a junguiana. Existe algum critério que se deve usar para a escolha de uma delas? Eu acredito que seja para escolha de tratamento, a pessoa que queira seguir algum tipo de tratamento.

Nairo de Souza Vargas - Olha, cada paciente tem o analista que merece. Acho que é muito difícil poder falar de critérios de escolha precisos. Mais do que as linhas psicoterápicas, eu acho que é importante o profissional. Existem bons analistas em quaisquer linhas psicoterápicas. O paciente tem que escolher seu analista. Isso é uma vivência que tem que ser expressa em um nível consciente e inconsciente, não só numa crítica mais racional dentro do que vi, do que achei, do que pensei de determinado profissional; mas o quanto eu me "encontrei" com ele ou não, se "o meu santo bateu com o dele", se eu "fui com a cara dele". Essas expressões traduzem o outro lado, a nossa percepção inconsciente. Esse encontro dos dois é o desejável. Eu acho muito difícil falar em indicações de uma linha ou de outra. Às vezes, até há certos critérios, mas acho que é meio complicado. Não sei se seria o local, aqui e agora, para tentar discriminá-los. Há certos pacientes que têm muitas defesas, por exemplo, racionalizações. Seria indicado que eles fizessem uma forma de terapia em que usassem recursos não só verbais ou não só intelectuais. Talvez fosse melhor fazer algum trabalho usando uma linguagem que pudesse mobilizar emoções através de desenhos ou trabalhos com sonhos. Mas é meio difícil você colocar isso, porque um psicanalista pode também fazer isso eventualmente. Acho meio difícil falar em termos de linhas. Seria melhor falar em termos do profissional.

Fernando Barros e Silva - Tem uma pergunta um pouco curta, não sei se é compreensível: qual é a relação entre a

aprendizagem e a psicologia de Jung?

Nairo de Souza Vargas - Olha, a aprendizagem, num aspecto amplo, tem relação sim, no sentido de que a psicologia de Jung é uma proposição de crescimento e de individualização plena, na vida toda, um desenvolvimento que nunca pára. Você não termina as fases de desenvolvimento e pronto, está adulto, como algumas teorias de personalidade propõem. A psicologia analítica propõe desenvolvimento a vida inteira, é a mandala da vida. Você fecha um círculo, tendo sempre o que desenvolver e o que fazer, o seu desenvolvimento não termina nunca. É um aprendizado eterno. A relação que eu vejo é essa.

Fernando Barros e Silva - A análise junguiana ajuda a pessoa a entender melhor o seu inconsciente?

Nairo de Souza Vargas - Ela pretende, pelo menos.

Fernando Barros e Silva - Tem uma questão que você colocou num determinado momento sobre o conceito de "Self" do Jung, mas eu acho que não ficou bem claro no decorrer da exposição. Ele teria alguma relação com o conceito de ego para Freud ou ele é completamente diferente?

Nairo de Souza Vargas - Não. Existe o conceito de ego para Jung também, só que ego para nós é o centro da consciência, a parte consciente. O "Self" seria o centro de toda a personalidade, que engloba consciente e inconsciente. Seria o princípio organizador da psique, a vivência de uma totalidade, um princípio organizador. Quer dizer, o seu todo não funciona aleatoriamente, ele tem um centro organizador, tanto o seu consciente, quanto o seu inconsciente. O consciente tem um centro organizador que é mais fácil de se evidenciar. A proposição do Jung é que toda a sua personalidade visa coisas ou tem uma certa estruturação, que tem um certo sentido, uma certa busca. Ela não funciona aleatoriamente. O conceito de "Self" é um conceito original, muito marcante na psicologia analítica. Algumas correntes da psicanálise estão

vindo nesse sentido. Por exemplo, Kohut, que fala em psicologia do "Self".

Fernando Barros e Silva - Na pergunta que chegou agora, a pessoa quer saber se há um empobrecimento crescente de sentido, como está ocorrendo atualmente neste final do século. Se o processo de individuação não se torna um processo cada vez mais monstruoso. Eu acho que ela quis dizer grande, um processo difícil, algo para ser alcançado por um verdadeiro herói. Se o processo de individuação em tempos sombrios, como o nosso, é uma coisa quase sobre-humana.

Nairo de Souza Vargas - Não, eu espero não ter passado a idéia de que o processo de individuação seja uma coisa só para heróis. Às vezes, pode até ficar meio complicado mesmo. Mas o indivíduo se individua em qualquer circunstância da vida e até em condições muito precárias de pobreza, de limitação econômica ou cultural. Você pode encontrar no meio do mato, por exemplo, um senhor sábio. Pode ser analfabeto, mas é um sábio que se individuou no sentido de que atingiu a sua plenitude. Você pode conversar com um índio, lá numa aldeia, e ver um indivíduo individualizado, sábio dentro da cultura dele. Difícil dentro do processo de individuação é sair da pressão de massificação, que é muito forte em nossa cultura; não ficar diluído na multidão, um perigo enorme. Jung falava muito da possessão pelas massas. Dizia que vinte cabeças juntas formam uma cabeça de bagre. Quando se reúne muita gente, há uma limitação individual enorme, porque se dilui a responsabilidade pelos próprios atos, que passa a ser da multidão e não dele.

Fernando Barros e Silva - Eu acho que alguém não teve questões respondidas. Quem quiser colocar alguma ainda... Gostaria que se explicitasse um pouco mais a importância da personalidade do terapeuta na relação terapêutica. Por que é tão enfatizada essa importância e no que

consiste?

Nairo de Souza Vargas - Ela é enfatizada na medida em que o paciente procura um analista e pressupõe que esse analista seja capaz de se haver mais ou menos bem com a própria vida. É claro que ele não precisa ser nenhuma maravilha, nenhuma perfeição, mas que ele esteja razoavelmente equilibrado. A ênfase na personalidade do terapeuta é no sentido de que ele seja um indivíduo vocado, que tenha sensibilidade, que goste da relação com o ser e que tenha se preparado para isso, tenha passado por vivências que o feriram, que o transformaram numa pessoa sensível ao sofrimento do ser humano. Ao mesmo tempo, é desejável que ele tenha sido capaz de ter vivenciado, elaborado e transcendido essas vivências para poder não se misturar com o cliente. E ainda: além de saber técnicas, que pode aprender num livro, ele precisa ter vivido e ter sofrido, ter experimentado coisas da vida para poder ser um bom analista. A ênfase é nesse sentido: que se aprende a ser terapeuta não nos livros, mas vivendo, sofrendo, estudando, analisando-se e refletindo.

Fernando Barros e Silva - Uma pessoa pergunta por que, para Jung, não existe acaso ou coincidência, se é tudo determinado.

Nairo de Souza Vargas - Não, claro que existe acaso. O que ele coloca é que muita coisa não acontece só por acaso e que existem fatores que determinam que o fato ocorrido não tenha sido mero acaso. No entanto, não é que não haja. A explicação que se limita ao "por acaso" é falsa e perigosa. Há certas coisas que não dá para aceitar que aconteçam só por acaso. Seria muita coincidência. Em função disso, ele formulou o princípio da causalidade significativa, o princípio de sincronicidade.

Acontecem coisas que não dá para dizer que foram por acaso, pois estatisticamente ocorreriam com muito menor freqüência. Dentro disso entra até a história da evolução

do ser humano . Pelo que se sabe, para evoluir do jeito que a espécie humana envolveu, precisaríamos de muito mais tempo para que isso tivesse ocorrido só por acaso. Porque para acontecer por acaso tanta coisa, para gente chegar até onde chegou, só pelo número de anos que a espécie teve de evolução, matematicamente não seria possível. Quer dizer, se fosse só por acaso, seria preciso muito mais tempo. Devem ter acontecido algumas coisas que facilitaram, fazendo com que não só o acaso atuasse. Há sempre, possivelmente, boas razões para que as coisas sejam como são.

Fernando Barros e Silva - Bem, nós vamos fazer mais duas perguntas, porque nós temos um horário... Eu já tenho cinco aqui e não podemos esquecer o horário de fechamento aqui do Centro Cultural. Tem uma pergunta bastante interessante, um assunto que não foi abordado: quando o paciente não é uma pessoa, mas uma família, como o analista conduz o processo? Não sei se Jung trata disso.

Nairo de Souza Vargas - Jung não trabalhou com famílias, mas eu trabalho. O processo analítico de uma família é conduzido dentro dos referenciais teóricos que eu tentei colocar para vocês. Você vai trabalhar com a família utilizando recursos ou técnicas de outras terapias de família, as sistêmicas, mas você deve ter sempre uma visão do ser humano Junguiano, o pai, a mãe, os filhos que estão ali. Com quem você está trabalhando? Há um processo de individuação de cada um? Há a vivência do filho com o pai, da mãe com o filho? Você vai utilizar esses mesmos referenciais teóricos dentro daquele grupo específico familiar. Eu trabalho com grupo, com família e com casais. Essencialmente, muda o modo como você lida, porque não é só um paciente. Mas a sistemática, o modo de abordar, o fundamental, o referencial teórico é o mesmo.

Fernando Barros e Silva - Eu vou fazer duas de uma vez, e encerrarei, para tristeza geral. O que é inconsciente coletivo? Eu sei que isso é uma paulada explicar em poucas palavras. E a outra: qual é o conceito de homem dentro da teoria Junguiana? Terminamos em grande estilo...

Nairo de Souza Vargas - A potencialidade no significado profundo está no ser como um todo e também vem do inconsciente. Na medida em que o ego é filho do inconsciente, tem uma potencialidade que é própria do ego e que a gente chama de força de vontade. Mas essa potencialidade, maior ou mais profunda no sentido de uma busca na vida, vem do inconsciente. São duas potencialidades diferentes. A potencialidade egóica, mais a meu serviço, está mais ao nível da minha força de vontade; e a potencialidade do meu inconsciente é algo que acontece dentro de mim, quer dizer, não está direto a meu serviço. Na medida em que ela passa a estar a meu serviço, deixa de ser do inconsciente e passa a ser do ego. Está claro?

Vamos ao conceito de inconsciente coletivo. Inicialmente, Jung formulou o inconsciente como tendo essas duas camadas, que ele chamava de inconsciente pessoal e coletivo, para discriminar do inconsciente tradicional, até então pessoal, que se formaria dentro das vivências pessoais de cada um. Distinguiu essa camada mais profunda do inconsciente, onde estariam os arquétipos e que seria a parte mais profunda do inconsciente, chamando-o coletivo. Hoje em dia não se faz muito essa distinção topográfica, porque o inconsciente tem aspectos pessoais e coletivos juntos. Aparentemente uma coisa que parece que é muito pessoal, por exemplo, um complexo, e, quando você vai examiná-lo, vê que tem algo de coletivo nele. E uma figura que aparece, por exemplo num sonho, dando toda uma pinta de coisa muito coletiva - uma aranhona atacando não sei o quê - você vai ver e, às vezes, era uma vivência pessoal da infância do sonhador, que não tinha nada de tão ar-

quetípico ou coletivo. A gente já não faz mais essa distinção: símbolo do inconsciente coletivo ou símbolo do inconsciente pessoal. É um símbolo que pode ter características pessoais ou coletivas, dependendo do indivíduo que teve aquele sonho, que está tendo aquela vivência simbólica. Mas a idéia do inconsciente coletivo seria aquela parte mais profunda e comum a todos, onde estão os arquétipos, os potenciais arquetípicos.

Fernando Barros e Silva - É possível responder essa do conceito de homem dentro da teoria Junguiana?

Nairo de Souza Vargas - O conceito do homem junguiano é fundamentalmente o de um homem que nasce para se individuar, que tem uma busca no sentido de realizar os seus potenciais. Ele não é um homem aleatório, que pode ser fabricado ou moldado, dentro de uma visão comportamental. Tem as suas característica básicas. Jung falava que (não sei se felizmente ou infelizmente) a natureza é elitista mesmo, não produzindo pessoas iguais. Tem gente que nasce com facilidade para uma coisa e dificuldade para outra, cada um nasce para ter seu caminho. O homem junguiano é muito indivíduo. O sentido da vida dele é completar a sua individuação e fazer a sua mandala na vida, "religar-se" àquilo de onde ele nasceu e para onde retorna no fim da vida. Religar é a palavra de onde vem o termo religião.

Fernando Barros e Silva - Então, vamos encerrar. Eu agradeço a participação e atenção de vocês e passo a palavra para a Solange.

Solange Bertolotto Schneider (mediadora) - Depois de muito fôlego e oito noites de encontro, nós chegamos ao final deste evento, com a certeza de que não conseguimos esgotar o assunto a que nos propusemos, o que não era nossa intenção. Este evento surgiu de um sonho: tentar instrumentalizar as pessoas para que soubessem como procurar uma análise e saber escolher qual a técnica, qual a linha de atendimento que cada uma segue e qual é a mais adequada

a cada um de nós. Não sei se conseguimos.

Este evento é resultado de uma idéia que foi abraçada pela Secretaria Municipal da Cultura e pelas quatro entidades que aqui estão. Eu tenho alguns agradecimentos que não são formais, são agradecimentos mesmo: à Secretaria Municipal da Cultura, particularmente à Marilena Chauí; ao Diretor do Centro Cultural São Paulo, José Américo Pessanha; e a Leda Tenório, que incentivaram esse encontro com a maior dedicação. Agradeço também aos funcionários, que tiveram que ir embora mais tarde em quase todas as noites por causa dos nossos atrasos. Devemos desculpas a eles.

As quatro entidades que aqui estiveram (foram convidadas 11 entidades), não participaram só vindo aqui fazer esta palestra, também se dedicaram a escrever esses textos que foram distribuídos, participaram ativamente do planejamento deste evento e também abraçaram a idéia. Resolvemos, todos juntos, levar adiante esse empreendimento. Os meus agradecimentos à Sociedade Brasileira de Psicanálise, à Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, hoje aqui representada, e à Sociedade de Psicodrama e Sociodrama de São Paulo. Eu gostaria de encerrar particularmente muito feliz com a presença de todos. E, quem sabe, no ano que vem a gente consiga realizar mais um desses sonhos. Boa Noite.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- EDINGER, E.F. *Ego e arquétipo*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1972.
- FORDHAM, F. *Introdução à psicologia de Jung*. São Paulo, Ed. Verb e Edusp, 1978.
- GUGGENKUHL - CRAIG, A. *O abuso do poder*. Rio de Janeiro, Ed. Achiamé, 1979.
- HALL, J.A. *A experiência junguiana*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1986.
- HILLMAN, J. *Estudos da psicologia analítica*. Rio de Janeiro, Ed. Achiamé, 1981.
- JACOBY, M. *O encontro analítico*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1984.
- JUNG, C. G. *Memórias, sonhos, reflexões*. São Paulo, Ed. Nova Fronteira, 1975.
- JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1964.
- MC GUIRE, N. e HULL, R. F. C.C.G. *Jung: entrevistas e encontros*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1977.
- PROGOFF, I. *La psicologia de C. G. Jung y su significación social*. Buenos Aires, Ed. Paidós, 1967.
- SAMUEL, A. *Jung e os pós-junguianos*. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1985.
- WHITMONT, E.C. *A busca do símbolo*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1969.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA ANALÍTICA

A Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica tem por finalidade primordial a formação de analistas dentro da vivência do processo de individuação formulado por Carl Gustav Jung. Nesta perspectiva, está a participação da Sociedade na cultura do país das mais diversas maneiras.

A Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica foi fundada em março de 1978, sendo filiada à International Association for Analytical Psychology, sediada em Zurique, Suíça.

Sua sede em São Paulo fica na Rua do Livramento, 133 (telefone: 011 884.4180) e no Rio de Janeiro na Rua General Urquiza, 128 (telefone: 021 239.2246).

A Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica promove, além da formação de analista, cursos e palestras para profissionais da área e público em geral. Também tem promovido encontros multidisciplinares para o estudo de símbolos da cultura brasileira, assim como a vinda de analistas estrangeiros para um saudável e estimulante intercâmbio cultural e profissional. Através de alguns de seus membros, relaciona-se com instituições universitárias, e em especial com a área de ensino em vários níveis.

Sua principal meta, a divulgação da Psicologia Analítica, vem se concretizando não só em São Paulo e no Rio de Janeiro, mas também em outras cidades e estados de nosso país por meio de conferências, cursos e supervisão realizados pelos membros analistas da Sociedade nesses locais. Também em Montevideu, no Uruguai, há um grupo de profissionais recebendo formação para analista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica.

Nossa Sociedade edita também uma revista, a "Junguiana", onde são publicados trabalhos de Psicologia Analítica de autores nacionais e estrangeiros.

Conselho Regional de Psicologia
6ª Região

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 6ª REGIÃO

Conselheiros Efetivos

Regina Heloisa Mattei de Oliveira Maciel
Marlene Bueno Zola
Aicil Franco
Adermir Ramos da Silva Filho
Ana Lúcia Jackson
Arialdo Germano Junior
Benedita Antonia Watanabe
Denise Assis Bandeira de Melo
Fausto Afonso Duarte
José Zula de Oliveira
Maralúcia Arenque Ambrósio Abramovay
Maurício Lourenção Garcia
Sara Raquel da Silva
Solange Bertolotto Schneider
Valter Apolinário Filho

Conselheiros Suplentes

Ana Maria Blanques
Antonio César Frasseto
Brônia Liebesny
Carolina do Rocio Klomfahs
Frida Zolty
Irma Macário
Graça Maria Marino Totaro
José Alfredo Donizeti Leal
Káthia Nemeth Perez
Luiz Celso Manço
Mauro Hollo

Comissões da Gestão Movimento Diretoria

Presidente - Regina Heloisa Mattei de Oliveira Maciel

Vice-Presidente - Marlene Bueno Zola

Secretária - Aicil Franco

Tesoureiro - Adermir Ramos da Silva Filho

Horário de reunião: 2ª feira às 20:00 horas

Ética

Benedita Antonia Watanabe

Maralúcia Arenque Ambrósio Abramovay

Brônia Liebesny

Frida Zolty

Sara Raquel da Silva

Horário de reunião: 3ª feira às 15:00 horas

Orientação e Fiscalização

Aicil Franco

Ana Lúcia Jackson

Horário de reunião: 4ª feira às 14:00 horas

Divulgação e Contato

Maurício Lourenção Garcia

José Zula de Oliveira

Solange Bertolotto Schneider

Horário de reunião: 3ª feira às 19:00 horas

Delegacias

Marlene Bueno Zola

Benedita Antonia Watanabe

Horário de reunião: 6ª feira às 8:30 horas

Trabalho

Mauro Hollo

Carolina do Rocio Klomfahs

Fausto Afonso Duarte

Horário de reunião: 5ª feira às 19:30 horas

Reuniões Plenárias: 3ª feira às 20:00 horas

Delegacias do CRP-06**Delegacia de Assis**

Delegado: Edgar Rodrigues

Delegada Adjunta: Cláudia Fernanda Bianchi

Delegado Adjunto:

Endereço: Rua Angelo Bertoncini, 545 - Fone: (0183) 22.6224

Cep: 19800 - Assis - SP

Delegacia de Bauru

Delegada: Carmen Maria Bueno Neme

Delegada Adjunta:

Delegado Adjunto:

Endereço: Rua Batista de Carvalho, 433 - salas 205/206 - 2º andar - Fone: (0142) 22.3384 - Cep: 17100 - Bauru - SP

Delegacia de Campinas

Delegado: Hipólito Carretone Filho

Delegada Adjunta: Regina M. Prado Leite

Delegado Adjunto: Antonio Faur R. Saab

Endereço: Rua Barão de Jaguará, 1481 - sala 172 - 17º andar
Fone: (0192) 32.5397 - Cep: 13100 - Campinas - SP

Delegacia de Campo Grande

Delegado:

Delegado Adjunto: Antonio José Angelo Motti

Delegada Adjunta: Leile Fernandes Silvério (Dourados)
Endereço: R. Dom Aquino, 1354 - sl. 97 - Fone: (067) 382.4810
Cep: 79100 - Campo Grande - MS

Delegacia de Cuiabá

Delegada: Maria Ap. de Amorim Fernandes
Delegada Adjunta: Ruth Feuerharmel
Delegada Adjunta: Cirene Pereira Alves (Rondonópolis)
Endereço: Av. Tenente Coronel Duarte, 549 - sala 302 - 3º andar - Fone: (065) 322.6902
Cep: 79040 - Cuiabá - MT

Delegacia de Guarulhos

Delegada: Benedita Antonia Watanabe
Delegada Adjunta: Maria Cecília Ramos da Silva Santos
Delegada Adjunta: Silvana Allara
Endereço: Av. Dr. Renato de Andrade Maia, 26-A - Fone: 208.1736
Cep: 07000 - Guarulhos - SP

Delegacia de Lorena

Delegada: Rosangela Maria de Carli Dueri Matos
Delegada Adjunta: Sandra Aparecida Giordani
Endereço: Rua Nossa Senhora da Piedade, 185 - sala 09 - Galeria Hotel Colonial - Fone: (0125) 52.4658
Cep: 12600 - Lorena - SP

Delegacia de Ribeirão Preto

Delegado: Wanderley Codo
Delegado Adjunto:

Endereço: Rua Cerqueira Cesar, 481 - sala 301 - 3º andar -
Fone: (0166) 36.9021
Cep: 14100 - Ribeirão Preto - SP

Delegacia de Santo André

Delegada: Maria Regina Tonin
Delegada Adjunta: Maria Luiza Leão S. Malatesta
Endereço: Rua Luiz Pinto Flaquer, 519 - sala 61 - 6º andar -
Fone: (011) 444.4000
Cep: 09000 - Santo André - SP

Delegacia de Santos

Delegado: Antonio Carlos Simonian dos Santos
Delegado Adjunto:
Endereço: Rua Paraíba, 84 - Fone: (0132) 39.1987
Cep: 11065 - Santos - SP

Delegacia de São José do Rio Preto

Delegada: Fátima Cristina Pita Garcia
Delegada Adjunta: Tania Maria da Cunha D. Barreto
Endereço: Rua XV de Novembro, 3171 - sala 91 - 9º andar -
Fone: (0172) 21.2883
Cep: 15100 - S. José do Rio Preto - SP

Psyché Quatro Abordagens em Psicoterapia

Este livro é o desdobramento de um ciclo de palestras realizado em agosto de 1990, no Centro Cultural São Paulo e que reuniu cerca de 600 pessoas.

Além das palestras, foram apresentados nesta ocasião os filmes: "Espaço Cotidiano", "No Reino das Mães" e "A Barca do Céu", da trilogia "Imagens do Inconsciente", dirigido por Leon Hirschmann. Outras atividades foram a exposição do vídeo "Psicologia, Imagens e Ações", produzido pelo CRP-06; e o lançamento da revista "Percurso" n.º 04, do Instituto Sedes Sapientiae.

O evento foi planejado com o objetivo de levar ao público leigo informações sérias e fidedignas sobre o que é e para que serve a psicoterapia, enfim, as vantagens e os limites de cada técnica ou abordagem teórica. Abraçamos esta idéia devido à grande explosão de informações errôneas, muitas vezes enganosas, que a população vinha e, ainda hoje, vem recebendo através da mídia impressa e eletrônica.

Quatro entidades apoiaram nossa idéia e idealizaram estas palestras juntamente conosco.



CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA - 6ª REGIÃO

SÃO PAULO - MATO GROSSO - MATO GROSSO DO SUL

R. BORGES LAGÔA, 74 - SÃO PAULO/SP - CEP 04038

FONE: (011) 549-9799